UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARINA JUTKOSKI

RELAÇÕES DE AUTORIDADE NO ÂMBITO DA FAMÍLIA DE ADOLESCENTES: AS FALAS DOS ALUNOS.

Rio Claro
2009

MARINA JUTKOSKI

RELAÇÕES DE AUTORIDADE NO ÂMBITO DA FAMÍLIA DE ADOLESCENTES: AS FALAS DOS ALUNOS.

Orientador: Profa. Dra. Leila Maria Ferreira Salles

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciado em pedagogia.

Rio Claro
2009

301.42 Jutkoski, Marina
J93r Relações de autoridade no âmbito da família de adolescentes : a fala dos alunos / Marina Jutkoski. - Rio Claro : [s.n.], 2009
102 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Leila Maria Ferreira Salles

1. Família. 2. Autoridade. 3. Adolescente. 4. Escola. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, sem Ele nada é possível e é quem me dá forças pra enfrentar todos os obstáculos que surgem. Também agradeço aos meus pais e ao meu irmão que me agüentaram em momentos de aflições, porém que comemoraram comigo todas as conquistas e alegrias. Minha fortaleza. Agradeço a minha avó Ana, mesmo ela não estando mais aqui pra ver meu agradecimento, mas não poderia deixar de mencionar seu nome, pois ela me acompanhou durante toda minha vida e conseqüentemente durante todo esse trabalho, até o ultimo dia, e mesmo distante minha gratidão e meu amor por ela jamais irão passar.

Agradeço também a minha orientadora Leila Maria Ferreira Salles, não somente pela grande competência, mas também pelos incentivos que me davam mais ânimo para continuar.

Também não poderia deixar de agradecer as minhas queridas amigas Cinthya Rocha, Luciane Caciagli, Juliana Machado, Lilian Souza, Ana Paula Coelho, Ligia Caciagli e Marina Cirino, não só pela ajuda nesse trabalho, mas por estes quatro anos que passamos juntas. Por todos os “bafões”, crises de estresse, por todas as vezes que choramos e rimos juntas. São presentes de Deus pra mim e agradeço muito a Ele por isso. Jamais esquecerei vocês. Conseguimos meninas, chegamos até aqui.

RESUMO

Este estudo tem por interesse caracterizar as práticas e os discursos que envolvem a adolescência, especificamente no que se refere ao processo de adultização e infantilização dos adolescentes na sociedade atual. Para tanto, esse estudo tem por objetivo investigar as formas de imposição de autoridade na família de adolescentes e os possíveis reflexos dessas relações na educação escolar. O pressuposto deste estudo é que as relações familiares estão se modificando, o que tem implicações na forma como a autoridade é imposta no âmbito familiar. Para tanto serão feitas entrevistas semi-estruturadas com adolescentes matriculados em uma sala de sétima série do ensino fundamental e uma sala de segunda série do ensino médio. Buscaremos a partir das entrevistas caracterizar as formas de imposição de autoridade paternas no cotidiano dos adolescentes e as concepções de adolescência e autoridade dos entrevistados relacionando-as aos processos de adultização e/ou infantilização dos adolescentes na sociedade atual.

Palavras – chave: Família. Adolescente. Escola. Autoridade.

SUMÁRIO

Página

INTRODUÇÃO 6

CAPÍTULO 1
ADOLESCÊNCIA E ADOLESCENTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 10

1.1 A concepção de adolescência e adolescente 11

1.1.1 A construção social da adolescência 11
1.1.2 O olhar da psicologia sobre a adolescência e o adolescente 13
1.1.3 O olhar sobre a adolescência e o adolescente além de uma fase natural do desenvolvimento. 16
1.1.4 Adolescência como moratória social 19

1.2 A percepção social sobre o jovem 21
1.3 A condição de adolescente e a sociedade 27

CAPÍTULO 2
AUTORIDADE NA FAMÍLIA E NA ESCOLA 33

2.1 As famílias de periferia 35
2.2 Autoridade e família 39
2.3 Adolescência e autoridade familiar 43
2.4 Autoridade e escola 47

CAPÍTULO 3
CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS JOVENS ENTREVISTADOS 51

3.1 Caracterização da escola 51
3.2 Os alunos entrevistados 53

CAPÍTULO 4
O DEPOIMENTO DOS ALUNOS 57

4.1 A adolescência e o adolescente. 57
4.2 Os adultos e os adolescentes 63
4.3 A autoridade 67
4.4 A família: o relacionamento com os pais 69
4. 5 A família: as relações de autoridade 73
4.6 O permitido e o proibido pela família 78
4.7 Castigos e punições na família 81
4.8 A família: o trabalho e a busca por autonomia 82
4.9 As relações de autoridade na escola 84
4.10 O permitido e o proibido na escola 87
4.11 As obrigações no ambiente escolar 88
4.12 As punições e castigos na escola 90

CAPÍTULO 5
CONSIDERAÇÕES FINAIS 93

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS 97

ANEXO 100

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O interesse por este estudo originou-se pela necessidade de entender como se dão os processos de adultização e infantilização dos adolescentes na sociedade atual e verificar se estes processos podem influenciar a vida escolar e social dos jovens. A importância de um estudo deste tipo foi evidenciada no Projeto intitulado Violência na Escola: as influências do clima organizacional e das relações familiares.

Este projeto demonstrou, entre outras coisas, que a família é culpabilizada pela violência do adolescente, por permitir que ele faça o que quer, não impor limites, ou seja, não ter autoridade. A equipe de pesquisa responsável por este projeto, atualmente está desenvolvendo um outro estudo que busca aprofundar a análise das relações familiares e das formas de imposição de autoridade nas famílias de adolescentes de periferia. No projeto desenvolvido pela equipe, as escolas pesquisadas apresentavam índices de violência no âmbito escolar bastante elevados. Uma dessas escolas localiza-se em um bairro de periferia do município de Rio Claro que apresenta grandes índices de violência. Entretanto, neste mesmo bairro está localizada outra escola freqüentada pelos mesmos moradores, mas considerada boa e sem problemas de violência.

Pode-se considerar a família e as relações de autoridade com os adolescentes, principalmente no que diz respeito ao processo de adultização e/ou infantilização, um reforço para a manifestação de atitudes violentas na escola por parte dos jovens?

Então, busca-se nesta pesquisa evidenciar a perda de autoridade da família perante os adolescentes e sua relação com os processos de adultização e/ou infantilização em adolescentes moradores de periferia. Portanto, este estudo será realizado, da mesma forma como no projeto ao qual este se vincula, nas escolas que são freqüentadas por alunos da periferia da cidade de Rio Claro.

1 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é caracterizar o processo de adultização e infantilização do adolescente na sociedade atual.

Constituem–se objetivos específicos desta pesquisa:

- identificar, nos discursos de adolescentes, a concepção de adolescência e autoridade
- caracterizar os modos de imposição de autoridade no âmbito familiar
- investigar as relações dos adolescentes com seus responsáveis.

2 Procedimentos Metodológicos:

O presente estudo se caracteriza como qualitativo.

Para atingir os objetivos propostos foram realizadas as seguintes etapas:

a) Revisão bibliográfica a respeito da temática do objeto deste estudo;

b) Definição da escola onde o estudo foi desenvolvido.

Este trabalho foi desenvolvido em uma escola de Rio Claro que atende alunos moradores de bairros periféricos. Isto se justifica em função do que foi dito na introdução que o projeto de pesquisa ao qual este estudo se vincula tem sido desenvolvido em escolas da periferia do município. Também a maioria dos estudos realizados que abordam esta temática, em geral, são feitos com adolescentes das classes média e média alta onde a questão do prolongamento da adolescência tem sido predominante.

c) Realização de entrevistas semi-estruturadas.

Bogdan e Biklen (1994) fazendo referência a Morgan (1998), apontam que a entrevista consiste em uma conversa intencional, que geralmente ocorre entre duas pessoas, embora possa envolver mais pessoas em alguns casos. De acordo com os autores, em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas, podendo constituir a estratégia dominante para o recolhimento de dados ou podendo ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. (p. 134)

Nesta pesquisa foram utilizadas entrevistas semiestruturadas.

> "Nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos (...)" (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 135)

Antes de realizar as entrevistas, buscamos informar os jovens que foram entrevistados sobre os objetivos para a realização de tal trabalho com eles e a importância de suas respostas para o andamento da pesquisa.

A intenção foi deixar os entrevistados a vontade e falarem sobre seus pontos de vista, recolher dados na linguagem dos próprios jovens, através dos quais, desenvolvemos uma idéia de como eles interpretam alguns aspectos importantes que dizem respeito à problemática presente no projeto.

No que diz respeito às entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes: foram entrevistados adolescentes na faixa etária compreendida entre 14 a15 anos e entre 17 e 18 anos e do sexo masculino e feminino. A escolha por essas faixas etárias se justifica pelo fato de haver eventual mudança nas relações e imposições de autoridade de acordo com a idade e o sexo dos adolescentes.

Na medida do possível buscamos entrevistar adolescentes que trabalham e outros que não trabalham por entendermos que a relação deles com os pais variam em função deste aspecto. No entanto, dentre os 16 alunos selecionados, foram sorteados 7 adolescentes que trabalham.

Os entrevistados foram selecionados entre os alunos matriculados na 7ª série do ensino fundamental e no 2º termo do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Em cada série foram entrevistados 4 alunos, 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, que freqüentam o período diurno e noturno.

Os alunos foram escolhidos por meio de sorteio, obedecidos os critérios deste estudo. Onde primeiramente houve o sorteio de uma classe de 7ª série e uma do 2º termo do EJA da escola pesquisada e depois dentro de cada uma dessas classes foram sorteadas 4 alunas e 4 alunos. No total foram entrevistados 16 alunos, sendo 8 do período diurno e 8 do período noturno.

Roteiro utilizado para entrevista com os adolescentes.

- A concepção de adolescência e de adolescente
- A concepção de adulto e criança

- As diferenças entre adulto, criança e adolescente
- A relação com seus pais e/ou responsáveis
- A concepção de autoridade
- A autoridade na família
- A autoridade na escola
- O permitido e o proibido pela família
- O permitido e o proibido pela escola
- Atividades realizadas pelos adolescentes no ambiente familiar ou escolar. O que tem obrigação de fazer
- As punições e os castigos

2.2-Análise dos Resultados

Na análise dos resultados partimos do pressuposto de que

> Análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 205).

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados por meio de *categorias de codificação* que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 221), são construídas a partir do seguinte processo:

> À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões.(...) As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu(...), de forma que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados.

Ao passo que foram sendo lidos os dados, foi feita uma lista preliminar de *categorias de codificação*, tais categorias tiveram origem a partir de frases e/ou palavras expressas pelos adolescentes entrevistados.

CAPÍTULO 1 - ADOLESCÊNCIA E ADOLESCENTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho nos propusemos a estudar algumas questões que permeiam a adolescência. Para tanto apresentamos algumas concepções e características, baseados em estudos sobre essa etapa da vida. Porém é importante salientar que definir o que é adolescência não se apresenta como uma tarefa simples, pois esta varia de acordo com a área do conhecimento na qual é abordada e também conforme o contexto sócio – econômico, cultural e histórico no qual está inserida. Inclusive sua própria complexidade pode ser considerada a característica mais proeminente deste período.

Uma das complexidades ao tratar sobre a adolescência pode ser encontrada na sua própria nomeação, pois alguns autores se utilizam dos termos juventude e adolescência como sinônimas. Entretanto como aponta Fernandes (2003) há uma predominância de termo conforme a área do conhecimento:

> Assim, encontramos autores que consideram adolescência e juventude como uma mesma coisa, utilizando uma denominação ou outra, num mesmo texto, sem fazer distinção. Este caso é mais percebido entre os educadores. Os historiadores e sociólogos dão preferência ao uso do termo jovem, porém utilizam-se do termo adolescência, vez ou outra. Para os psicólogos, o termo mais empregado é adolescência (p.38).

Buscamos no dicionário as diferenças conceituais que estes dois termos apresentam na língua portuguesa: Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, adolescência é "o período da vida humana que sucede a infância, começa com a puberdade e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas" – "estende-se aproximadamente dos 12 (doze) aos 20 (vinte) anos". A palavra juventude é definida como "1. Idade moça, mocidade; adolescência. 2.A gente moça; mocidade".

A língua portuguesa não oferece maiores especificações sobre os vocábulos adolescência e juventude. Indica apenas que são palavras sinônimas, portanto também as utilizaremos de maneira similar neste trabalho.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13/07/1990) prescreve que a adolescência é um período de vida que vai dos doze aos dezoito anos de idade, podendo se estender até os vinte e um anos. A partir dos dezoito anos a pessoa adquire a sua maioridade civil e começa a ser responsável por si próprio, passando a responder juridicamente pelos seus atos, saindo da custódia de seus pais.

A Organização Mundial da Saúde apresenta a adolescência como um período que vai dos dez aos vinte anos de idade, pois esta fase esta relacionada com a puberdade, onde ocorrem transformações no corpo, emocionais e sociais.

No entanto, para definirmos a adolescência devemos extrapolar um recorte cronológico e buscarmos uma compreensão mais ampla possível, olhando-a em todos os aspectos, desde psicológicos, sociais e mesmo históricos. (BECKER, 2003).

1.1 A concepção de adolescência e adolescente

1.1.1 A construção social da adolescência

O conceito de adolescência surgiu com a sociedade moderna, sendo uma invenção própria da sociedade industrial (ARIÈS, 1981), que trouxe transformações ligadas às leis de trabalho, ao sistema educacional e a organização familiar. De acordo com Ariès (1981) na idade média não havia lugar para a adolescência, inclusive não havia uma divisão do mundo infantil do de adulto.

> A criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude (...)
>
> A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram nem asseguradas nem controladas pela família, nem controladas por ela. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia coisas que devia saber, ajudando os adultos a fazê-las. (ARIÈS, 1981, pag. 10).

Durante muito tempo a adolescência se confundiu com a infância. Somente no final do século XVII e inicio do XVIII, a visão que se tinha da criança foi se modificando e a infância foi se consolidando como uma etapa distinta da vida. Com a revolução industrial o trabalho se sofisticou tecnologicamente, de forma que houve a necessidade de um tempo prolongado para a formação de profissionais capacitados. Este fato provocou um prolongamento dos estudos e da permanência dos jovens nas escolas, afastando-os do trabalho por um tempo (BOCK, 2004, PERALVA, 1997).

Ariès (1981) salienta que neste período a especificidade da adolescência foi reconhecida. A educação escolar contribuiu para a separação entre seres adultos e outros em formação. Este fato fez com que a criança fosse excluída do mundo do trabalho e conseqüentemente do mundo adulto, deixando de participar de atividades onde antes era comum sua presença. Portanto a partir do momento em que houve a distinção entre a criança e o adulto, a adolescência também passou a ser percebida como um período a parte do desenvolvimento humano, sendo encarada como uma fase de transição entre a criança e o adulto.

Estas transformações trouxeram grandes modificações nas formas de vida dos jovens. Estes tendo que passar um tempo mais prolongado nas escolas e não podendo ingressar no mercado de trabalho passou há ficar mais tempo sob a tutela dos pais, já que não tinham a possibilidade de obter autonomia e condições de sustento. A permanência na escola além de prolongar a tutela dos pais sobre os jovens possibilitou a reunião deles em um mesmo espaço por um período de tempo.

A escola passou a reunir em um mesmo espaço os jovens o que provocou a aproximação de um grupo de iguais. De acordo com Bock (2004, p.11) a partir deste fato *"a sociedade então assiste á criação de um novo grupo social com padrão coletivo de comportamento – a juventude/adolescência"*.

A adolescência, portanto, passou a ser reconhecida como um período de latência social. Uma fase não somente de preparação técnica, mas de preparação para a vida adulta. Mesmo o adolescente tendo todas as condições de participar do mundo adulto ele era privado de fazê-lo (BOCK, 2004). Esse período de espera é marcado pela sua dependência do adulto.A dependência do adulto, o prolongamento e tutela dos pais, a permanência na escola, o ingresso mais tardio no trabalho e a convivência com os iguais contribuiu então, para a

construção da adolescência como uma etapa da vida. E os adolescentes de acordo com Bock (2004), vão construindo características que depois foram tomadas pela psicologia como naturais:

> Essa condição vivida pelos jovens foi responsável pelo desenvolvimento das características que refletem a nova condição social na qual se encontram. Quais características seriam essas? Aquelas descritas pela psicologia, mas que agora tomam um outro sentido, pois não são naturais; são construídas nas relações sociais. (BOCK, 2004, p.12).

1.1.2 O olhar da psicologia sobre a adolescência e o adolescente

Como apontado antes, a psicologia é uma das áreas de conhecimento que busca elaborar definições a respeito da adolescência e investigar essa etapa da vida e o adolescente. De acordo com Becker (2003) a psicologia é a base da visão com a qual nossa sociedade encara hoje o adolescente. A sociedade acabou por apropriar-se dos conhecimentos da psicologia tornando a adolescência algo familiar e esperado.

Conforme Bock (2004) a psicologia naturalizou a adolescência, considerando-a como uma fase natural do desenvolvimento humano. Nesta circunstância prevalece a idéia de que esta acontece da mesma forma para todos.

É importante salientar que não somente as mudanças corporais foram naturalizadas, mas também as mudanças emocionais que ocorrem neste período:

> Junto com os primeiros pêlos do corpo, com o crescimento repentino e o desenvolvimento das características sexuais, surgem às rebeldias, as insatisfações, a onipotência, as crises geracionais, enfim tudo aquilo que a psicologia, tão cuidadosamente, registrou e denominou de adolescência. (BOCK, 2004, p.5).

G. Stanley Hall é considerado o pioneiro nos estudos sobre a psicologia da adolescência. Criou a psicologia biogenética da adolescência, explicando esta fase da vida a partir da teoria da recapitulação, que defende que os estágios da vida de cada ser humano são correspondentes aos estágios da história evolutiva da humanidade. Em se tratando dessa teoria, Salles (1998) diz que para Hall:

> As características de uma idade equivalem a estágios históricos primitivos do desenvolvimento da espécie humana. A adolescência é o estagio de transição e turbulência na humanidade e, assim, é definida como idade de crise e de fase

> inquieta. A adolescência, que se inicia após os 12 anos de idade, é caracterizada como época de idealismo, egoísmo, vaidade, timidez, que corresponderia ao período pós – tribal (SALLES, 1998, p.49).

Portanto, a idéia de crise já esta presente desde o primeiro autor que aborda a adolescência na área da psicologia. Para Hall, o desenvolvimento é determinado biologicamente, de tal forma que a crise da adolescência é inevitável e universal. A linha de pesquisa desenvolvida por este autor embora exerça influências até hoje, sofreu contestações por causa de sua teoria de recapitulação.

Na década de 20, Anna Freud se dedicou a estudar a adolescência através da psicanálise. Para ela, na adolescência é difícil encontrar o limite entre o normal e o patológico. O desequilíbrio do adolescente é justificado pelas readaptações entre o id, ego e superego. Esta readaptação justifica considerar a adolescência como uma idade de tensão, onde os conflitos são normais já que estão ocorrendo ajustamentos interiores. Para Anna Freud o processo fisiológico da maturação sexual tem influência direta na esfera psicológica. Na adolescência o individuo revive o Complexo de Édipo, retornando os conflitos da sexualidade infantil que são desencadeados pelas mudanças físicas que ocorrem neste período (In GALLATIN, 1978).

Com o reavivamento da situação edipiana o adolescente experimenta sentimentos ambivalentes de amor e ódio pelos pais, fato que o faz ir a busca de um novo objeto de desejo, que seria um parceiro fora da família. A crise da adolescência passa a ser explicada pelos sentimentos de ansiedade e culpa. Portanto a teoria psicanalítica define que o processo básico da adolescência é a volta do Édipo, que leva ao conflito e a uma reelaboração da auto-representação e da vida (In GALLATIN, 1978).

Outro nome desta área a se destacar é Knobel que introduziu na psicologia o que chamou de “síndrome normal da adolescência”. Conforme o autor a síndrome da adolescência ocorre pelos processos de identificação e luto e o desequilíbrio é entendido como normal e até esperado na adolescência. Segundo Aberastury e Knobel a síndrome normal da adolescência define algumas características que são próprias do adolescente: busca de si mesmo e da própria identidade (o adolescente procura manter a continuidade e semelhança consigo mesmo); tendência grupal (o grupo serve como defesa, facilitando a oposição aos pais e a busca de identidade diferentemente da do meio familiar); necessidade de intelectualizar e

fantasiar (que é revelado na discussão que o adolescente faz sobre princípios éticos, filosóficos, sociais e manifestado em suas atividades literárias e artísticas, ao mesmo tempo que é uma forma de defesa, pois, pelo pensamento, o adolescente compensaria suas perdas); crises religiosas, que vão do ateísmo ao misticismo (a religião também tem a função de defesa contra a angustia pela morte de uma parte de si mesmo e pelas mudanças que ocorrem em seu corpo); deslocalização temporal (pensamento primário do adolescente, que tem certa dificuldade em diferenciar o externo do interno, o adulto do infantil, o presente do passado e do futuro); definição da identidade sexual (que é central nessa fase de vida para adquirir seu papel na união e na procriação); atitude social reivindicatória (o falar, adquire o sentido de realizar o ato, logo, o fato de reivindicar seria colocar em ação o que pensa e uma forma de preparar para a ação, facilitada pela identificação com pessoas diferentes das do meio familiar); contradições na manifestação da conduta (característica ligada ao luto, isto é, às identificações perdidas e a aceitação de novas identificações); separação progressiva dos pais (relacionado ao luto pelos pais da infância); e flutuação do humor e do estado de animo (a intensidade da ansiedade e da depressão que vai depender da forma como tiver elaborado os lutos) (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p. 29 – 59).

Para Knobel (1971) essa síndrome é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária, para o adolescente, que neste processo vai estabelecer a sua identidade. O adolescente deve enfrentar o mundo dos adultos para o qual não esta preparado e, além disso, deve desprender-se de seu mundo infantil, por isso realiza três lutos fundamentais: o luto pelo corpo infantil perdido, o luto pelo papel e a identidade infantil e o luto pelos pais da infância.

A psicologia, assim, além de naturalizar a adolescência a caracterizou como uma fase difícil, carregada de conflitos “naturais”:

> É da natureza do homem e de seu desenvolvimento passar por uma fase, como a adolescência. As características dessa fase, tanto biológicas quanto psicológicas, são naturais. Rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência a bagunça, hormônios, tendência à oposição, crescimento, desenvolvimento do raciocínio lógico, busca da identidade, enfim todas as características são equiparadas e tratadas da mesma forma, porque são da natureza humana. (BOCK, 2004, p.6)

Portanto na psicologia é defendida a existência de uma “patologia normal” durante a adolescência, ou seja, todos vão enfrentar este período da mesma forma.

De acordo com Almeida; Martins e Trindade (2003), quando a adolescência passou a ser caracterizada somente como um estágio do desenvolvimento, acabou-se por deixar pouco espaço para as influências do meio. Ou seja, o adolescente passaria por uma época cheia de conturbações e não havia muita coisa a fazer para mudar essa sua característica. Essa perspectiva orientou as concepções mais tradicionais da adolescência e foi incorporada ao pensamento social:

> (...) os teóricos concebiam a adolescência como um estágio do desenvolvimento, ou seja, um período universal, como a infância e a idade adulta, com características específicas, constituindo-se em um período necessária e naturalmente conturbado. (ALMEIDA; MARTINS e TRINDADE, 2003, p.2)

Todas essas teorias acabam então por naturalizar a concepção de adolescência que deixa de ser percebida como uma invenção própria da sociedade industrial.

1.1.3 O olhar sobre a adolescência e o adolescente além de uma fase natural do desenvolvimento.

Para definirmos o período da adolescência, de maneira mais ampla do que as que foram apresentadas até agora, devemos levar em consideração que além de ser uma construção histórica, as relações sociais definem a forma de ser adolescente.

Para Fernandes (2003) não existe uma juventude, e sim, juventudes, pois não há como ter uma única definição, e sim, definições aproximadas devido a sua complexidade e variações:

> Elementos referentes à produção material e espiritual das sociedades, tais como classe social, cultura, religião, política, gênero, organização do mercado de trabalho, quantidade e qualidade do acervo de conhecimentos acumulados e valorizados socialmente, necessários a sobrevivência e a produção social jogam aí um peso a ser fortemente considerado no processo de definição e de compreensão da juventude (2003, p.37 -38).

As mudanças corporais são consideradas universais, sofrendo somente algumas variações, mas as mudanças psicológicas e as relações variam de cultura para cultura, reforçando o fato do quanto se torna difícil elaborar uma única definição a respeito do que seria juventude.

Becker (2003) no mesmo sentido afirma que existem várias adolescências, já que as características deste período variam de acordo com as sociedades. Portanto, para este autor

"*não existe uma adolescência, e sim várias. O próprio conceito de que ela é um fenômeno universal é muito duvidoso*". (BECKER, 2003, p.11).

Dessa forma, a adolescência deve ser vista além de uma fase natural do desenvolvimento e sim como uma fase socialmente construída. *"É um momento significado, interpretado e construído pelos homens"* (BOCK, 2004, pag. 10). Portanto, ao considerarmos a adolescência como criada pelo homem, não se faz mais pertinente a pergunta "o que é a adolescência", mas sim "como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento" (BOCK, 2004). Por este motivo, para compreender a adolescência é preciso, retomar seu processo social, pois de acordo com Becker (2003, pag. 57): *"o fenômeno da puberdade provavelmente nos acompanha desde os primórdios do ser humano. Já não se pode dizer o mesmo do fenômeno da adolescência".*

As condições sociais geraram o que é chamado de adolescência, que desta forma não pode ser naturalizada, já que esta não foi a mesma coisa sempre:

> Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele grupo que fica mais afastado do trabalho), e não tão clara em outros grupos (os que engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). Não há uma adolescência, como possibilidade de ser, há uma adolescência como significado social, mas sua possibilidade de expressão são muitas". (BOCK,2004, p. 12).

Só é possível compreender a adolescência levando em conta o contexto social na qual está inserida, pois assim como Salles (1998, p.19) ressalta: *"individuo e sociedade são inseparáveis: o indivíduo se produz na sociedade e produz a própria sociedade"*.

Entretanto, mesmo que a adolescência seja uma construção sócio – histórica e tenha características próprias de acordo com as diferentes formas de inserção do jovem na sociedade que variam de acordo com o gênero, a classe social a qual pertencem, o nível de escolarização, a inserção precoce ou tardia no mercado de trabalho, a adolescência enquanto uma etapa da vida e o adolescente como uma pessoa em desenvolvimento e com características especificas, consolida-se e é reconhecida socialmente como um período de transição entre a infância e a idade adulta.

É neste contexto que as definições usuais de adolescência remetem a idéia de transitoriedade. A idéia de que a adolescencia é o período compreendido entre o mundo infantil e o mundo adulto é que vai orientar o modo de agir e pensar do adolescente:

> Nem criança, nem adulto! O jovem é o ser que deixou de ser mas, ainda não é, e continua sendo o que já deixou de ser. (FERNANDEZ, 2003, pag.99).

Fernandes (2003), assim caracteriza a juventude pelo seu caráter transitório e passageiro:

> (...) o jovem não é, ele esta jovem, esta em trânsito, esta de passagem por uma faixa etária, por um grupo etário cujo caráter de transitoriedade é o que lhe garante a especificidade, já que é nesse processo indefinido em termos de limites entre a saída de uma etapa e o ingresso na outra (...). (FERNANDES, 2003, pag. 36).

O período de transitoriedade dos adolescentes é demonstrado até mesmo pela palavra adolescência que significa *ad*, para + *olescere*, crescer, ou seja, significa crescer. Para Becker (2003) isto nos traz um entendimento de que o adolescente esta se preparando para chegar a algum lugar, no caso para entrar na vida adulta.

Portanto a adolescência leva consigo este caráter de que é um período de preparação para alguma coisa. No mesmo sentido salienta Salles (2005), *"a adolescência é entendida como estágio intermediário entre a infância e a idade adulta – fase de preparação para ser adulto"*. (p. 46).

A ambigüidade entre ser criança e ser adulto é ressaltada:

> A adolescência se configura, então, como um período de experimentação de valores, de papéis sociais e de identidades e pela ambigüidade entre ser criança e ser adulto. O jovem está apto para a pro – criação, para a produção social e para o trabalho. Porém a ambivalência da sociedade quanto a possibilidade de efetivação dessas aptidões faz com que ele adquira um *status* intermediário e provisório. (SALLES, 2005, p.36)

Também Almeida; Martins e Trindade (2003) afirmam que:

> A adolescência, então, deve ser entendida como um período e um processo psicossociológico de transição entre a infância e a fase adulta e que depende das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito (p.2).

Bock (2004), no mesmo sentido que os autores anteriores, concebe a adolescência como um período de desenvolvimento do ser humano, que possui como uma de suas marcas a sua incompletude, ou seja, algo que ainda não acabou de acontecer e de se desenvolver, e que por isso se distingue do adulto que aparece como uma meta a ser atingida, pois é o estágio em que se alcança a completude. Como diz a "*adolescência é fase do desenvolvimento e encaminha-se para a vida adulta. Por isso a adolescência parece como fase passageira*" (BOCK, 2004, pag. 8).

De acordo com Becker (2003) a adolescência a partir da visão do mundo adulto se apresenta como um período que precisa ser superado. É vista como incompleta e é interpretada através de aspectos negativos que são desvalorizados pela sociedade:

> Do ponto de vista do mundo adulto, isto é, o sistema ideológico dominante, o adolescente é um ser em desenvolvimento e em conflito. Atravessa uma crise que se origina basicamente em mudanças corporais, outros fatores pessoais e conflitos familiares. E, finalmente considerado "maduro" ou "adulto" quando bem adaptado à estrutura da sociedade (...) (BECKER, 2003, p.9).

Portanto o adolescente e sua relação com a sociedade é marcado por algumas ambigüidades: é tratado hora como criança e hora como adulto. E, é exatamente por causa desse caráter de transitoriedade, que se não é considerado criança, porém ainda não obteve o *status* de adulto.

1.1.4 Adolescência como moratória social

Erikson (1976) afirma que a definição da identidade é o processo básico vivido pelo adolescente. O adolescente vive o conflito entre sua identidade e a confusão de papel. O adolescente nesta fase se pergunta: "Quem sou eu e quem devo ser?".

De acordo com Erikson (1976) a adolescência é um período de "**moratória social**". O amadurecimento mental e o aumento das responsabilidades sociais provocam no adolescente a busca de uma nova identidade, mas isto exige tempo. A adolescência passa a representar uma demora, socialmente autorizada para que seja alcançado o estado adulto. A moratória se caracteriza por um período de experiências e adiamento de compromissos. A moratória social oferece ao adolescente uma tolerância por parte da sociedade, pois podem realizar algumas atividades próprias dos adultos, porém sem assumir compromissos e responsabilidades.

Calligaris (2000) também aborda a adolescência como um período de moratória. Porém levanta aspectos negativos desta característica já que este período de moratória acontece de maneira muito conflituosa para o adolescente na sociedade contemporânea. Pois o adolescente é compreendido como aquele que esta perpassando por um tempo de suspensão entre a *"chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores"* (p.16). A suspensão se dá considerando o fato de que essa autorização é postergada.

Um sujeito se torna adolescente quando, apesar de seu corpo e espírito estarem preparados eles não são reconhecidos como adultos, tendo que ficar sob a tutela destes. Calligaris (2000) afirma que as explicações para esta moratória é a de que apesar da maturação do corpo, ao adolescente faltaria maturidade. Porém, o autor argumenta que é exatamente a imposição desta espera que o torna inadaptado e imaturo.

A imposição dessa moratória acontece de maneira conflituosa para o adolescente, que muitas vezes a extravasa com atitudes de reação e rebeldia, como uma forma de buscar obter reconhecimento da sociedade. (CALIGARIS, 2000).

Calligaris (2000) afirma que a situação de moratória dos jovens modernos é incomoda e contraditória, pois a modernidade promove ativamente o ideal de independência, que se encontra acima de qualquer outro valor. Mesmo a educação moderna instiga os jovens a se tornarem independentes. Em nossa cultura, um sujeito será reconhecido como adulto e responsável na medida em que se afirmar como independente e autônomo. Porém para a adolescência a autonomia reverenciada por todos é reprimida e deixada para mais tarde, o que torna esse periodo muito penoso.

A adolescência se torna ainda mais contraditória a medida em que essa cultura idealiza a adolescência como um tempo feliz, o que pode ser entendido pelos adolescentes como uma zombaria, já que em vez de ser feliz ele é frustrado pela moratória imposta, onde é privado de autonomia e afastado da realização plena dos valores cruciais de nossa cultura (CALLIGARIS, 2000).

A duração da adolescência se torna algo extremamente difícil de identificar, já que em nossa sociedade é complicado definir um homem ou uma mulher adultos. Portanto a moratória na adolescência se torna fruto dessa indefinição, pois ninguém sabe ao certo o que é preciso para que um adolescente se torne adulto, como afirma Calligaris (2000, p.18):

> Em nossa cultura, a passagem para a vida adulta é um verdadeiro enigma. A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais

> como o ideal de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo, cuja duração é misteriosa.

1.2 A percepção social sobre o jovem

Em geral a percepção social sobre o adolescente é que este é irresponsável, drogado, liberado sexualmente, faz o que quer, não tem limites. Vários problemas sociais como o abuso de drogas, a gravidez precoce, o consumismo desenfreado são associados a essa faixa etária. Embora às vezes, o adolescente por ser considerado como um ser que ainda esta se desenvolvendo, e, portanto em conflito com a estrutura da sociedade, é visto de forma positiva. Nesse caso a rebeldia do jovem é valorizada.

De acordo com Abramo (1994) os jovens acabaram por serem considerados agentes transformadores e sujeitos capazes de trazer reais mudanças à sociedade, pelo fato de muitos deles apresentarem comportamentos que fogem dos padrões da socialização a qual foram submetidos. Por estes motivos eles passam a serem temidos como força de mudança e por acarretarem problemas que poderiam abalar a ordem social:

> Esses conflitos carregam a possibilidade de ruptura do processo de integração do jovem à ordem, da transmissão da herança cultural ou mesmo da própria ordem social. E é esta mesma crise, plantada no centro da condição juvenil, que coloca a juventude como um *problema* da sociedade moderna (ABRAMO, 1994, p.14).

De acordo com Fernandes (2003), possuímos cenas marcadas em nosso imaginário social de uma juventude rebelde, contestadora e revoltada que representa o progresso e a ruptura com a ordem social, mas que, ao mesmo, tempo traz receios e medos devido às mudanças que procura impor:

> (...) no nosso imaginário e nas nossas representações sobre a juventude, a sua principal característica é a rebeldia, o espírito de contestação. E essa rebeldia, essa necessidade de "ir contra a corrente", de quebrar normas, subverter regras, inventar padrões, criar e impor o novo fascina e amedronta (FERNANDES, 2003, p.35).

Portanto, assim foi sendo construída a imagem dos jovens como representação de força e de rebeldia. O jovem se converteu em símbolo da contestação e da ordem estabelecida. O que marcou de fato esta visão sobre os jovens foram as manifestações juvenis. Através dessas manifestações a juventude ganhou o interesse da sociologia, que passou a ver os jovens

como agentes políticos, com grande capacidade de desenvolver uma postura crítica e transformadora na sociedade (ABRAMO, 1994).

Fernandes (2003) ressalta que a juventude aparece como uma aposta política, principalmente o estudante que passa a ser a representação de jovens:

> A representação da juventude, dessa maneira, passa a ser ancorada na imagem do estudante. Ser jovem é ser estudante. Esta imagem passa a ser uma imagem afirmada, positiva. Ser estudante é uma condição social valorizada (p.50).

Embora na verdade os estudantes sejam os jovens filhos dos pais de classe média:

> (...) a imagem do jovem estudante configura-se no jovem branco, masculino, forte, corajoso e burguês (FERNANDES, 2003, p.50).

Os jovens aparecem como foco de contestação da ordem. Buscavam uma reversão no modo de ser da sociedade e buscavam o advento de uma "nova era". Assim como Fernandes (2003) aponta, os movimentos da década dos anos 60 *"demonstraram o descontentamento, a insatisfação e a discordância dos jovens com a estruturação e o modelo dados ao presente, como também com o comportamento e padrões de valores que se esperavam dos jovens"* (p.51).

Abramo (1994) cita que para Rozak (1972) nos anos 60 o conflito de gerações toma proporções muito mais abrangentes, deixando de ser uma experiência restrita a vida do individuo e da família, adquirindo um caráter mais coletivo, o que acabaria impulsionando uma reforma social radical.

De acordo com Fernandes (2003) estes movimentos provocaram uma ambivalência com relação à visão que se possuía dos jovens. Por um lado, foram associados ao o medo da revolução, e de outro de que se não conseguissem realizar a esperada transformação não conseguiriam se adaptar e viveriam as margens da sociedade. Abramo (1997) relembra que por causa dessa visão negativa os jovens foram perseguidos pelos aparelhos repressores por suas idéias e ações.

Porém, conforme diz Abramo (1997), foi somente quando os movimentos dos jovens sofreram um processo de regressão que esta imagem positiva de que buscam uma transformação social prevaleceu:

> Foi somente depois, quando tais movimentos juvenis já haviam entrado num refluxo, que a imagem dessa juventude dos anos 60 foi reelaborada e assimilada de uma forma positiva, generalizando a ótica da minoria que neles depositava diferentes tipos de esperança: a imagem dos jovens dos anos 60 plasmou-se como a de uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social. Essa reelaboração positiva acabou, desse modo, por fixar assim um modelo ideal de juventude: transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características essenciais dessa categoria etária (p.12).

De acordo com Becker (2003) ao buscar diminuir a interferência dos jovens e seus processos de transformações, a sociedade se apropriou da psicologia e denominou as características dos jovens como uma "crise natural da adolescência", algo natural desta etapa da vida e, portanto, passageiro:

> (...) o novo, o questionamento e o conflito que muitas vezes explodem no adolescente são muito perigosos... então, nada melhor que enclausurar todas essas ameaças em um período de vida do individuo, aplicar-lhes um rótulo de "crise normal" e definir a adaptação às regras vigentes como "cura" ou "resolução" da crise (BECKER, 2003, p.9).

> (...) o Sistema tenta rotular as manifestações que o ameaçam como "crise normal da adolescência" atribuindo suas causas como intrínsecas ao individuo. E, mais importante, limitando essa crise a uma determinada faixa etária (a adolescência) (BECKER, 2003, p.75).

Outro aspecto que ajuda a conter as atitudes dos jovens é considerar que estes agem sem raciocinar, por isso suas ações não podem ser levadas em consideração já que estão fora da razão, além do fato de que as atitudes dos jovens passam a causar medo tendo que ser controladas. Sobre este aspecto Fernandes (2003) faz as seguintes considerações:

> "Essa força e esse espírito de rebeldia lhe propiciam a coragem, outro elemento constituídos da sua imagem. Falta-lhe, porém, um atributo fundamental: a razão. Desse modo, essa imagem que poderia ser afirmação, transforma-se em negação, a negação do ser enquanto tal, do ser jovem. Nesse sentido, a juventude passa a provocar na sociedade instituída e dirigida pelos adultos, o fascínio e o medo. Passa a significar força, porém desregrada e ameaçadora. Por isso, a sociedade precisa mantê – la sob vigília e controle, sem poder sobre si mesmo ou sobre os outros, tornando-se uma categoria dirigida, tutelada (p.47).

Porém toda essa idéia que associa o jovem a atitudes de rebeldia como alavanca para mudanças sociais é romântica. Confirmando esta idéia, Salles (1998) citando Gallatin (1978) relata que ao discutir rebeldia e adolescência, predomina a idéia romântica quando se projeta no jovem as esperanças de melhoria social.

Nos anos 60 e parte dos anos 70 ocorre um fortalecimento das tendências que estavam presentes na década anterior. Muitos autores apontam este período como o grande

auge dos movimentos estudantis e de contracultura, sendo neste momento onde mais contestaram o sistema. A juventude se apresenta como aquela realmente capaz de trazer transformações profundas na sociedade.

> Os anos 60 foram extremamente importantes para os adolescentes. Precedida do existencialismo no pós – guerra, e da geração *beat* nos anos 50, a contracultura explodia ao som do *rock' n' roll,* trazendo uma verdadeira revolução social. No mundo todo, jovens combatiam ardentemente uma civilização decadente, propondo um novo estilo de vida, criando novos valores. È a época das revoltas estudantis na Europa e nos Estados Unidos, das comunidades *hippies*, do amor livre, do misticismo, do rock, do culto à liberdade, das drogas psicodélicas, do não absoluto ao Sistema. (BECKER, 2003, p.80).

No entanto, o aspecto negativo de amor livre, de uso de drogas, de liberdade sem freio, também se associa a condição de jovem.

Desde a década de 60 houve um aumento populacional dos jovens, juntamente com o crescimento da escolarização, o que aumentou o intervalo de transição para o mundo adulto para maior parte da população. (ABRAMO, 1994).

Neste contexto a juventude se apresenta como um tempo de diversão, da busca pelo prazer e de liberdade. O jovem não é mais só o revolucionário, mas o drogado, o irresponsável, o liberado.

Nos anos 80, a imagem que se possuía dos jovens dos anos 60 sofre alterações:

> (...) a juventude dos anos 80 vai aparecer como patológica porque oposta à da geração dos anos 60: individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática. Uma geração que recusa - se a assumir o papel de inovação cultural que agora, depois da reelaboração feita sobre os anos 60, passava a ser atributo da juventude como categoria social. O problema relativo à juventude passa então a ser a sua incapacidade de resistir ou oferecer alternativas às tendências inscritas no sistema social: o individualismo, o conservadorismo moral, o pragmatismo, a falta de idealismo e de compromisso político são vistos como problemas para a possibilidade de mudar ou mesmo de corrigir as tendências negativas do sistema (ABRAMO, 1997, p.31).

Estudos realizados nesta época mostram que o adolescente aceitava os valores da sociedade, as normas e regras de convivência que eram estabelecidas, e até mesmo almejavam status social. (SALLES, 1998).

Os movimentos dos jovens que mais chamam a atenção nos anos 80 são as formações de tribos, ligadas a estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento. O que provocou esta onda foi o surgimento do punk na Inglaterra, onde os jovens possuíam um jeito de se vestir considerado bastante "anormal".

O adolescente hoje é associado a situações de desvio social, porém não como algo positivo como exposto anteriormente, e sim por seu envolvimento com os problemas da sociedade e eles próprios muitas vezes são vistos como problemas socais. São considerados emblemas de problemas como violência, crimes, drogas, AIDS, abortos etc. A juventude se apresenta como uma categoria propicia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade.

Estes aspectos embasam a visão que a sociedade tem do adolescente como liberado, rebelde, individualista, consumista e irresponsável. Essas características são o eixo central da representação social da adolescência e do adolescente. Portanto todos os outros elementos como estudo, sexualidade, trabalho, drogas, relacionamentos etc, vão se articular em torno deste eixo (SALLES, 1998).

De acordo com Abramo (1994) podemos considerar que o desajuste e o desvio se encontram no cerne da tematização da juventude, principalmente no que condiz a sua conduta pública. Sendo que o problema se encontra disseminado e generalizado e, portanto, alarmante e difícil de entender. Nesse sentido, a própria juventude, como **condição**, aparece como um **problema social**.

A condição juvenil se apresenta como uma fase centrada na reivindicação de prazer e independência, da qual *"redundam graves conflitos com pais, professores e policiais, e que, muitas vezes, geram posturas de violência "descontrolada" e "sem direção"* (ABRAMO, 1994, p.34).

Neste sentido circula na sociedade atual idéias que associam a adolescência à noção de crise, desordem, irresponsabilidades, ou seja, problemas sociais a serem resolvidos, que merece atenção pública. Abramo (1997) chega a afirmar que grande parte das políticas públicas toma o jovem como problema social, a ponto de realizar programas que possuem como objetivo reintegrá-los à ordem, por meio de estratégias como ressocialização, capacitação profissional, ou de uso do "tempo livre":

> A maior parte desses projetos destina-se a prestar atendimento para adolescentes em situação de "desvantagem social" (adolescentes carentes é o termo mais usado, visando adolescentes de família com baixa renda ou de "comunidades pobres") ou de "risco", termo muito empregado para designar adolescentes que vivem fora das unidades familiares (os "meninos de rua"), adolescentes submetidos à exploração sexual, ou aqueles envolvidos com o consumo ou o tráfico de drogas, em atos de delinqüência etc. (ABRAMO, 1997, p.2).

É importante salientarmos então, que são usados estereótipos para caracterizar os adolescentes. Estes estereótipos não se restringem a somente alguns membros do grupo e sim

se propagam a todos os membros independente de eles serem ou não portadores dessas características. Este fato demonstra que a visão que se tem sobre o adolescente e sobre a adolescência tende a uma homogeneização na sociedade.

A própria noção de rebeldia como algo inerente a adolescência é um aspecto que faz parte da construção desta visão. Ela deixa de ser algo comum desse período da vida, no sentido de ser freqüente e passa a ser algo próprio dessa fase da vida. A determinação das características dos adolescentes provocam expectativas de que aconteça iguais para todos. Portanto o adolescente pode desenvolver alguns comportamentos para responder ao esperado pela sociedade. Salles (1998) citando Oliveira (1984) relata que para a formação da identidade na adolescência existe uma regra que é *des* (desobedecer) / *obede* (obedecer) / *serás* (ser igual).

Fernandes (2003) citando Coll (1996) afirma que apenas uma minoria corresponde a esta representação:

> Pode-se afirmar que existe o adolescente turbulento, atormentado, mas não é o grupo que predomina, encontrando-se neste grupo menos de 11% de adolescentes jovens. Afirma-se que em torno de 57% dos adolescentes jovens apresetam uma transição positiva e saudável, enquanto que ao redor de 32% dos adolescentes jovens apresentam dificuldades intermitentes e situacionais (COLL, 1996 *apud* FERNANDES, 2003, p.55).

A maioria dos jovens não é rebelde e nem problema social. Não são despreocupados com a vida, não querem só viver o presente sem responsabilidades Os adolescentes se preocupam com seu futuro e fazem planos para este. Querem viver a vida, casar, ter um bom emprego, estabilidade financeira, etc. Assim como afirma Salles (1998) na sociedade há varias formas de ser adolescente. Existem aqueles que questionam e se rebelam contra os valores sociais e a grande maioria que vivenciam a adolescência sem apresentar estas características.

Estes aspectos nos apresentam o fato de que não são todos os adolescentes que passam por crise, portanto esta não pode ser considerada universal. Neste sentido Erikson afirma que embora os adolescentes passem pela definição de identidade, sendo esta um dos oito conflitos que o individuo passa durante sua vida, as crises não são universais, nem inevitáveis. O desenvolvimento humano não necessariamente é interrompido por crises, assim a adolescência não é, necessariamente um período de rebelião e conflito.

1.3 A condição de adolescente e a sociedade

Podemos presenciar na sociedade contemporânea um processo de prolongamento da adolescência. Isto porque o período de transição para a vida adulta esta cada vez maior. Salles (2005, p.6) cita Peralva (1997) ao colocar que "*na sociedade contemporânea esta ocorrendo um processo de despadronização do ciclo de vida*".

De acordo com Salles (2005), a tendência de se prolongar a adolescência esta acontecendo, pois o ciclo de vida que antes era clara, esta sofrendo modificações. Antes, primeiramente o jovem estudava, depois começava a trabalhar para depois constituir uma família. Porém na sociedade atual o tempo de estudo se prolonga, e a dificuldade de obter emprego esta cada vez maior. Os adolescentes nestas situações não possuem autonomia financeira e isto faz com que necessitem permanecer mais tempo com os pais. A autora também ressalta que apesar desse processo ser mais acentuado nas camadas médias, existe uma tendência de se generalizar por toda a sociedade.

Sobre este aspecto Fernandes (2003) relata que os adolescentes vão em busca de mais escolaridade, para que possam se adequar as exigências do mercado, já que o ingresso neste esta ficando cada vez mais difícil.Portanto os jovens investem em sua preparação profissional para poderem competirem no mercado de trabalho.E assim, a tendência é para que se prolongue este processo:

> A primeira tendência é o prolongamento da idade juvenil e o significado novo do próprio conceito de juventude: ser jovem é cada vez menos um processo direcionado para uma finalidade, isto é, a meta de se tornar adulto, começar a trabalhar e assumir as responsabilidades da idade adulta e é cada vez mais uma condição social que pode durar anos (CHIESI e MARTINELLI *apud* FERNANDES, 2003, p. 43).

Outro aspecto encontrado na sociedade atual é a busca de uma relação mais igualitária entre todas as fases da vida. De acordo com Salles (2005) o processo de socialização no sentido clássico (processo que se dá do adulto sobre a criança) esta sofrendo alterações:

> Na modernidade, quando se acentuava o caráter preparatório do processo educativo, a diferença entre criança, adolescente, jovem e adulto estava firmemente estabelecida. A sociedade contemporânea, caracterizada pela aceleração, pela velocidade, pelo consumo, pela satisfação imediata dos desejos, pela mudança das relações familiares e da relação criança/ adolescente/ adulto, o processo de socialização é distinto daquele que ocorria anteriormente (SALLES, 2005, p.7).

No contexto atual o que ocorre é que não é somente os adultos, pais e professores que possuem as informações que as crianças e os adolescentes podem ter acesso. Estas informações eram controladas de acordo com as faixas etárias. Porém na sociedade atual as tecnologias de comunicação (principalmente a TV e a internet) possibilitam que as crianças e os adolescentes possuam acesso aos mais variados tipos de informações sem o controle dos adultos. Portanto até mesmo as crianças já estão desde cedo entrando em contato com assuntos sobre violência, sexo, drogas, etc.

Podemos considerar, neste sentido de que há uma maior liberdade e autonomia para os jovens e um menor controle dos adultos sobre eles. Inclusive na sociedade atual há uma supervalorização da juventude, onde os mais velhos também desejam serem jovens:

> Paralelamente, o jovem torna-se modelo para as diferentes faixas etárias. O jovem torna-se modelo para o adulto e para a criança que, a partir de uma certa idade, em torno de dez anos, começa a se autodefinir como pré-adolescente. Difunde-se socialmente o culto a aparência, à beleza, à erotização e à necessidade de conservar a juventude. O envelhecimento tende a ser postergado (SALLES, 2005, p.8).

A este respeito Becker (2003) também concorda que:

> Hoje em dia ser jovem é algo a ser preservado e até prolongado o máximo possível. Os adolescentes são exaltados por todas as instituições sociais: partidos políticos, escolas, Igrejas, meios de comunicação (p. 58).

De acordo com Fernandes (2003) (*apud* Passerine, 1996) essa supervalorização surgiu por ela ser "portadora natural" de muitas características que são valorizadas pela sociedade, tais como: *"entusiasmo, impulsividade, presteza, fervor ativo, intuição, audácia, frescura, força, exuberância, espírito inventor, originalidade, criatividade"* (p.52). O autor comenta que segundo Schindler o mercado consumidor concebeu um ideal de juventude totalmente positivo. Os adultos passaram a sonhar com a eterna juventude, onde:

> Na perspectiva da busca da eterna juventude, ser jovem não é mais, apenas, uma questão etária, é uma questão de espírito, o espírito jovem, informado, criativo e dinâmico. É também uma questão de corpo, o corpo malhado, sarado, de musculatura definida, é uma questão de imagem. Assim, ser jovem e continuar jovem passa a ser um ideal. Desse modo, a imagem jovem "precisa" ser preservada ou recuperada numa associação que alia vaidade, necessidade e investimento, pois na era da imagem, característica do mundo atual, a imagem social positiva é jovem, a vida é jovem, o mercado é jovem e o campo de trabalho também é jovem. Esta é a nova imagem projetada de juventude (FERNANDES, 2003, p.52).

Porém, é fundamental entendermos que por mais que em alguns aspectos os jovens e os adultos tenham se igualado, eles ainda continuam possuindo diferenças fundamentais. Segundo Salles (2005) os jovens continuam permanecendo em espaços sociais próprios, e a sua relação com o outro se da cada vez mais com seus pares, de maneira que eles acabam se excluindo em "guetos".

O adolescente ainda é visto pela sociedade como aquele que esta em processo de transição a caminho da vida adulta, ou seja, ainda não atingiu a plenitude da vida social, onde continuam sendo excluídos de certas práticas sociais e políticas, como afirma Abramo (1994, p.11):

> A idéia central é de que a juventude é o estágio que antecede a entrada na "vida social plena" e que, como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e de deveres, de responsabilidades e independência, mais amplos do que os da criança e não tão completos quanto os do adulto. Assim como os limites de inicio e término dessa transição não são claros nem precisos, nem demarcados por rituais socialmente reconhecidos, nas sociedades modernas, esses direitos e deveres não são explicitamente definidos nem institucionalizados, imprimindo-se à condição juvenil uma imensa *ambigüidade* (grifo do autor).

Abramo (1994) citando Salem (1986) ressalta que esta definição da juventude, passa a marcá-la pela negatividade, pois o jovem passa a ser visto como "o *que não se é mais e ainda não se chegou a ser*" (p.11). Este autor também coloca que a adolescência como um período de transição e, portanto de preparação para uma vida posterior, inclui a idéia de *suspensão da vida social*. Complementa esta idéia baseando-se em Foracchi (1972) que diz que nesta situação os jovens configuram uma situação de marginalidade onde: "*os talentos e potencialidades da juventude não são aproveitados socialmente; os jovens permanecem alijados dos processos de poder, de decisão e mesmo de criação" social* (p.12).

Desse modo, uma das percepções que se tem sobre a juventude é de uma *crise potencial,* associando – a como um período de turbulência:

> (...) plasmou –se a idéia de que a juventude é uma idade difícil; uma etapa conturbada pelas profundas transformações envolvidas no processo de transição, que muitas vezes dizem respeito a rupturas profundas e abruptas e que produzem uma relação conflituosa do jovem com seu ambiente. Todas as mudanças trazidas pela puberdade e pela necessidade de desenvolver uma personalidade própria, a ambigüidade do status social, a necessidade de efetuar uma série de escolhas, provocariam uma série de crises: de auto – estima, conflitos com familiares e outras autoridades e, por fim, choques com a própria ordem social na qual devem efetuar a sua entrada (revolta contra as leis sociais e contra autoridades que definem essa ordem) (ABRAMO, 1994, p.13).

A sociedade nega o jovem enquanto cidadão e enquanto sujeito. Esta negação é devido ao fato do jovem ser somente considerado como "problema social", incapazes de formular questões significativas, de propor caminhos importantes, de contribuir com soluções para problemas, de sustentar uma relação dialógica com outros atores. O jovem passa a ser vitima das lógicas do sistema que negligenciam e brincam com seu destino, impedindo – os de serem vistos ou tornarem-se autores reais de suas ações. Permanece a visão de que os adolescentes são sujeitos incompletos e incapazes de se tornarem sujeitos no sentido pleno da palavra (ABRAMO, 1997). A partir dessas considerações podemos salientar que nesses aspectos ocorre uma infantilização do adolescente.

Segundo Abramo (1997, p.4) estas questões podem ser percebidas quando nas discussões sobre cidadania e adolescentes, sempre são os problemas que são enfocados:

> (...) todo debate, seminário ou publicação relacionando esses dois termos (juventude e cidadania) traz os temas da prostituição, das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez precoce, da violência. As questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) e nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo por que, regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos.
>
> (...) Ou seja, os jovens só estão relacionados ao tema da cidadania enquanto privação e mote de denúncia, e nunca — ou quase nunca — como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos.

Neste contexto podemos perceber que existe um paradoxo: por um lado a juventude é supervalorizada sendo considerada como um modelo a ser seguido; por outro lado é responsabilizada pelos problemas sociais como drogas, violência, crimes, entre outros.

Segundo Abramo (1997), muitas ambigüidades se apresentam claramente através dos meios de comunicação:

> De forma geral, e a grosso modo, pode-se notar uma divisão nestes dois diferentes modos de tematização dos jovens nos meios de comunicação. No caso dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos "adultos", no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos "problemas sociais", como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas (p.1).

Na sociedade atual a mídia possui um papel fundamental no fortalecimento dessas imagens sobre a juventude. De acordo com Elkind (2004) estamos em uma época em que os programas que se dirigem a adolescentes se proliferaram. Utiliza - se em excesso a imagem do jovem pela mídia, atraindo-os para o mercado de consumo. Podemos dizer, no entanto, que ela colabora para a adultização dos adolescentes, pois:

> Os meios de comunicação promovem não apenas a sexualidade dos adolescentes, mas também o uso de roupas de adultos e a adoção de comportamento, linguagem e estratégias interpessoais de adultos. A promoção sexual ocorre no contexto de outras sugestões e outros modelos para crescer rápido. Um comercial do *jeans* Jordache de alguns anos atrás descrevia uma menininha sentada nos ombros de um menino e destacava as roupas e a sexualidade implícita, assim como as expressões e penteados de adultos (ELKIND, 2004, p.37).

Elkind (2004) ressalta que enquanto existe uma pressão pela mídia para que os adolescentes cresçam depressa, há também impedimentos para que isto aconteça, pois ainda são proibidos de certas ações por serem considerados sem maturidade e responsabilidade suficientes:

> Algumas das conseqüências mais negativas da pressão normalmente se tornam evidentes na adolescência, quando as pressões para crescer depressa entram em choque com as proibições institucionais. As crianças impelidas a crescer depressa descobrem de repente que muitas prerrogativas do adulto – que elas assumiam virem a ser prerrogativas suas -, como fumar, beber, dirigir, etc., lhes são negadas até atingirem uma certa idade. Muitos adolescentes sentem-se traídos por uma sociedade que lhes diz para crescerem depressa, mas também para permanecerem crianças. Não surpreendentemente, os estresses de crescer depressa muitas vezes resultam em um comportamento perturbado e agressivo durante a adolescência. (ELKIND, 2004, p. 38)

Conforme Elkind (2004) ressalta a pressão para que os adolescentes cresçam depressa pode causar frustrações no adolescente, impedindo – o até mesmo de aproveitar este período de sua vida:

> Muitas crianças que foram acostumadas a se vestir e falar como adultos são freqüentemente frustradas como adolescentes, porque a maturidade que lhes é imposta quando criança esta ameaçada. Embora os adolescentes de hoje sejam mais sexualmente ativos que aqueles das gerações passadas, eles ainda são impedidos por lei de fumar, beber, dirigir e trabalhar, pelo menos até os 16 anos. Os pais e outras instituições sociais encorajam as crianças a crescerem depressa e a parecerem e se comportarem como adultos, mas quando essas mesmas crianças tornam-se adolescentes, às vezes se espera que esqueça tudo o que passaram e conversem e se comportem como crianças. O verdadeiro estresse de ser pressionado a crescer depressa quando criança deixa o jovem despreparado para as maravilhas da adolescência (p.183).

Portanto, podemos salientar que a adolescência na sociedade atual é enfatizada como um período de intervalo, onde é submetida à pressões e proibições. Ser criança e ser adulto ao mesmo tempo. Neste contexto, o papel da família frente ao adolescente também sofre influências, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 2 - AUTORIDADE NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

Conforme Roudinesco (2003) a família pode ser considerada uma instituição humana duplamente universal uma vez que "*associa um fato de cultura, construído pela sociedade, a um fato de natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica*" (p.16). Assim a existência dessas duas ordens mistura uma variedade de diferenças ligadas aos costumes, hábitos, religião, condições geográficas, históricas etc. Neste contexto Roudinesco (2203) citando Lévi- Straus afirma que a quantidade de culturas humanas é muito ampla e variada o que permite uma variação infinita das modalidades da organização familiar. Porém certas soluções são duradouras e outras não.

Roudinesco (2003) afirma que a própria palavra família recobre diferentes realidades. O autor descreve que a família sempre foi definida como

> (...) um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns aos outros: um *genos*, uma linhagem, uma raça, uma dinastia, uma casa etc (ROUDINESCO, 2003, p.18).

Porém para o autor a família não constituía um grupo, pois possuía uma estrutura hierarquizada, centrada no principio da dominação patriarcal. Assim, possuía três tipos de relações elementares: relação entre o senhor e o escravo, associação entre marido e esposa e o vinculo entre pai e filhos.

Neste contexto é que surge o termo "família" que é derivado de *fumulus* (escravo doméstico), que de acordo com Bilac (2000) foi uma expressão inventada pelos romanos, que se referiam a um novo organismo social que surgiu entre as tribos latinas quando foi introduzida a escravidão legal nas agriculturas. Esse novo organismo era caracterizado pela "*presença de um chefe que mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e um certo numero de escravos, com poder de vida e morte sobre todos eles, o "paterpotestas*". (BILAC, 2000, p.31).

Antigamente, portanto, a constituição da família era vista de maneira mais abrangente como uma casa, um grupo onde incluía outros parentes, amigos, criados. A família "nuclear" ou "restrita", como conhecemos nos dias de hoje, foi se desenvolvendo ao longo do tempo (século XVI ao XVIII) e se diferenciou da visão que se tinha sobre família, pois esta constituía no núcleo pai – mãe - filho (s) (ROUDINESCO, 2003).

Assim, levando em consideração a família em seu contexto histórico, Roudinesco (2003) aponta que esta passou por três grandes períodos de sua evolução: A primeira fase é a família dita "tradicional". A família tradicional tem como característica básica o fato de organizar-se por um objetivo econômico, visando assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos eram arranjados pelos pais. A família, nesse caso, repousa em uma ordem do mundo imutável e era submetida a uma autoridade patriarcal que era a transposição da monarquia de direito divino.

Na segunda fase, a família é dita como "moderna". Neste modelo que se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX, a família deixa de ter objetivos econômicos e passa a ser fundada no amor romântico. A família moderna valoriza a divisão do trabalho entre os esposos e o filho é em sujeito cuja educação é assegurada pela nação. Neste modelo "a atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro" (p.19).

Roudinesco (2003) ao fazer este relato sobre a evolução da família diz que na época moderna a família ocidental deixou de ser conceitualizada como o paradigma de um vigor divino ou do Estado. Passou a se conceitualizar a partir das debilidades de um sujeito em sofrimento. Por este aspecto começou a ser dessacralizada, embora ainda seja a instituição humana mais sólida da sociedade:

> À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas intimas, de violências silenciosas, de lembranças recalcadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentralizado, autobiográfico, individualizado (...) (ROUDINESCO, 2003, p.21).

A terceira fase se inicia a partir dos anos 60, surgindo a família dita "contemporânea" ou "pós-moderna". Neste caso, dois indivíduos se unem ao longo de um tempo relativo em busca de relações intimas ou de realização sexual. Neste modelo a transmissão da autoridade se torna problemática devido ao numero dos divórcios, separações e recomposições conjugais.

Petrini (2005) afirma que a família contemporânea caracteriza-se por uma grande variedade de formas, isto ocorre devido à perda de validade de valores e modelos da tradição e a incerteza frente a novas propostas. O autor assim relata que a família patriarcal que se afirmou no contexto da cultura rural, entrou em colapso há um bom tempo, mesmo que em algumas condições as famílias tendem a seguir este modelo:

> Os modelos de comportamento que regulamentavam as relações entre sexos e as relações de parentesco foram abandonados, ainda que, em algumas regiões e nas classes sociais menos escolarizadas, possam ser reconhecidas sobrevivências de valores e de comportamentos passados que não gozam mais de legitimidade social (...) (PETRINI, 2005, p.42).

Neste sentido, podemos entender que a família se apresenta como um local onde ocorrem lutas entre a tradição e a modernidade (PETRINI, 2005).

Em meio a tantas diversidades da sociedade contemporânea também é possível encontrar, além das tidas tradicionais - como a família nuclear - diversos tipos de organizações familiares, como por exemplo, os casais homossexuais, as famílias monoparentais (formada por um dos pais e seus decendentes que pode se originar, tanto pela vontade de assumir a maternidade ou paternidade sem a participação do outro genitor, quanto por circunstâncias como morte do parceiro, separação ou abandono), recasados (no caso de divórcio em que os pais se casam novamente com pessoas fora do grupo familiar, estabelecendo uma nova configuração familiar), entre outras.

Porém, mesmo com tanta diversidade, Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003), relatam que existem grande dificuldades em aceitar as diferenças. A sociedade ainda insiste na transmissão do modelo da família nuclear tradicional, onde o pai é o provedor, a mãe dona–de–casa em tempo integral. A sociedade parece assim rejeitar as novas configurações familiares.

2.1 As famílias de periferia

De acordo com Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003) as famílias das camadas populares ainda conservam algumas peculiaridades, apesar de viverem no mundo capitalista e globalizado. Assim, mesmo que a família venha sofrendo transformações na sociedade atual, a referencia de família nos estratos sociais mais baixos da população é o modelo familiar burguês.

Sarti (2007) relata que as mudanças nos papéis familiares são inevitáveis frente aos conflitos existentes na sociedade moderna, entre eles o conflito entre a afirmação da individualidade de um lado, e do outro as responsabilidades e obrigações dos vínculos familiares. Porém a autora relata que na família das camadas populares esse conflito, mesmo que existente, não abalam totalmente as estruturas dessas famílias. Nesse caso, as obrigações em relação aos familiares prevalecem sobre os projetos individuais:

> Na família pobre, esse conflito – ainda que existente, porque os pobres fazem parte do mundo capitalista, moderno e individualista – aparece pouco acentuado pela precedência do todo – a família – sobre as partes – os indivíduos -, fazem com que as relações familiares entre os pobres sigam um padrão tradicional de autoridade e hierarquia (SARTI, 2007, p.20).

As famílias das camadas populares buscam conciliarem os valores vigentes em nossa época com suas realidades de vida. Assim, embora sofram influências dos valores transmitidos por outras camadas da população, acabam por diferenciar significativamente delas, porque desenvolvem estratégias de sobrevivência compatíveis com suas condições de existência.

Sobre o modo de organização desse grupo familiar, Sarti (1995) diz que:

> A família entre os pobres urbanos é estruturada como um grupo hierárquico, seguindo um padrão de autoridade patriarcal, cujo princípio básico é a precedência do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e dos mais velhos sobre os mais novos. Em consonância com este modelo familiar, a organização doméstica é baseada no princípio da tradicional divisão sexual, em que o homem é o provedor e a mulher a dona-de-casa. Dentro deste modelo hierárquico, os papéis familiares – de gênero e de idade – são definidos (...) (p.136).

Para Sarti (1995), o modelo dessas famílias é o patriarcal, onde as questões de gênero prevalecem mesmo após a dissolução dos laços conjugais. Nestes casos, o exercício dos papéis de cada gênero é transferido para outras pessoas da rede familiar que possuem o mesmo sexo. Isto para manter a tradição de homens provedores e mulheres como cuidadoras dos filhos e dos maridos.

Bem e Wagner (2006) relatam que nas famílias pobres a mulher aparece como uma figura central, porém nessas famílias ainda prevalecem os valores tradicionais e padrões patriarcais de hierarquia, reafirmando a autoridade masculina. Neste sentido Sarti (2007) salienta que o homem se apresenta como a figura de autoridade, sendo responsável pela mediação com o mundo externo. Com isso se não há um homem em casa, ou se está

desvalorizado por causa de alguma circunstância (desemprego, uso de álcool e outras drogas etc.), a família pode ficar fragilizada socialmente:

> Estudos recentes sobre os pobres urbanos mostram, ao contrario, a força simbólica desses padrões ainda hoje, reafirmando a autoridade masculina pelo papel central do homem como mediação com o mundo externo, e fragilizando socialmente a família onde não há um homem "provedor", de teto, alimento e respeito (SARTI, 2007, p.58).

A mulher, porém, não é privada de autoridade. Existe uma divisão de autoridades entre o homem e a mulher na família das camadas populares que corresponde à diferenciação entre casa e família:

> (...) o homem é considerado o *chefe da família* e a mulher a *chefe da casa.* Essa divisão complementar permite, então, a realização das diferentes funções da autoridade na família. O homem corporifica a idéia de autoridade, como mediação da família com o mundo externo. Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. Sua presença faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante o *respeito*. Ele, portanto, responde pela família. Cabe à mulher outra importante dimensão da autoridade, manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar. É a *patroa*, designação que revela o mesmo padrão de relações hierárquicas na família e no trabalho. (SARTI, 2007, p.63, grifo do autor).

De acordo com Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003) essas posições de gênero ainda persistem nas relações familiares nos dias atuais. Porém mais como um ideal do que como uma realidade:

> No cotidiano destas famílias essa divisão de trabalho por sexo não mais se sustenta, principalmente nas famílias das camadas populares, onde o trabalho feminino é vital para a existência e, aliado a outros fatores, como desemprego masculino, uso de álcool e outras drogas, seguramente enfraquece o poder do homem (AMAZONAS, DAMASCENO, TERTO e SILVA, 2003, p.3).

Neste contexto, as famílias de camadas populares necessitam desenvolver estratégias de sobrevivência. Toda rede familiar participa da manutenção do grupo, tanto com ajuda material quanto com cuidados aos membros, principalmente as crianças. Isto promove uma relação de solidariedade entre eles. Essa lógica da solidariedade entre os membros do grupo familiar opõe-se à lógica do individualismo. Esta solidariedade não se restringe ao grupo de parentes, de forma que uma família pode, por exemplo, contar com a ajuda de um vizinho. (AMAZONAS, DAMASCENO, TERTO E SILVA, 2003).

De acordo com Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003), antes a ligação das mães com os filhos era maior, pois ela era a única responsável pelos cuidados e afetos com eles. Porém, hoje além da função de cuidar dos filhos esta a tarefa de ajudar no sustento do lar, quando não é a única responsável por esse sustento. Os autores dizem que isso ocorre principalmente em famílias monoparentais, mas também em casas onde o homem está desempregado, é alcoólatra etc. Neste sentido *"as mulheres, agora, desempenham inúmeras funções na família e tornam-se peças chaves para sua organização e manutenção*" (AMAZONAS, DAMASCENO, TERTO E SILVA, 2003, p. 4).

Com relação à educação das crianças nas famílias das camadas populares, Sarti (2007) relata que há uma forte hierarquia entre pais e filhos. A educação é concebida como o exercício unilateral da autoridade. As crianças gozam de algumas regalias, porém elas vão perdendo esses privilégios a medida que adquirem condições de repartir as obrigações familiares. Porém, se torna difícil delimitar a infância entre os pobres, já que as crianças desde cedo (6 ou 7 anos) começam a possuir algumas atribuições dentro da família. A autora relata que uma das características que demarca o que é ser criança refere-se a uma mudança no exercício unilateral da autoridade: *"Crianças são aquelas que podem levar surra, em comparação com os jovens, que já tem condições de reação*" (SARTI, 2007, p 74).

Outra característica dessas famílias apontada por Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003) refere-se à indiferenciação entre o público e o privado. Os autores relatam que a rua torna-se uma extensão da casa, isto ocorre devido às condições precárias das casas onde moram que são quentes, pequenas e desconfortáveis. Neste contexto, as crianças vivem não só com o pai e a mãe, mas também com tios, avôs, madrinhas e vizinhos. Este fato indica a necessidade da família em contar com a solidariedade da comunidade. Assim, ocorre uma ampliação das possibilidades de identificação para as crianças, o que é importante para o processo de socialização delas.

Sarti (2007) relata que nas famílias dos pobres a noção de pai e mãe ganha uma elasticidade, causada pela pratica de adoções informais e temporárias, como é o caso da mãe que da para alguém criar seus filhos, porque este possui conflitos com o novo cônjuge. Nestes casos, as crianças chamam de pai e mãe aqueles que cuidam deles. A autora diz que o cuidado da criança é confinado a mãe e à sua rede de sociabilidade, torna-se mais fácil desvincular a categoria pai de sua origem biológica de sangue. No caso da mãe, o vinculo biológico não perde sua força simbólica. Quanto às obrigações morais dos filhos, estes possuem um

compromisso moral com os pais que criam e cuidam, pois esses são merecedores de profunda retribuição.

Podemos perceber, portanto, que na família das camadas populares os projetos coletivos e sobrepõe aos individuais e que embora vários arranjos familiares coexistam o modelo referencia é o da família nuclear burguesa. A tradição, para essas famílias mantém-se como uma referencia fundamental de sua existência. Seus projetos são formulados de acordo com a tradição, caracterizada pelos hábitos e padrões que moldam seus comportamentos. Inclusive a autoridade do pai é respeitada, indicando uma tendência a hierarquização do grupo familiar. Entretanto, esta autoridade paterna e o modelo nuclear de família são criticados, questionados e revistos e isto provavelmente deve trazer mudanças até mesmo na forma que as famílias de periferia se organizam. A questão da autoridade e família será pauta do item a seguir.

2.2 Autoridade e família

Entre os integrantes da família existem formas de sociabilidade, onde se organizam relações estruturalmente complementares. Ocorre uma divisão sexual e etária do trabalho o que delimita posições e papéis diferenciados de acordo com o gênero e a idade dos integrantes da família. Entre os elementos ordenadores da cena doméstica esta as relações de autoridade e poder, o que acaba por definir posições hierárquicas entre marido e esposa e entre pais e filhos. (ROMANELLI, 2000).

Romanelli (2000) levanta o aspecto de que no passado a relação entre pais e filhos era mediada pela autoridade parental, que colocava em segundo plano a afetividade. A relação com a mãe era mais próxima e permeada de afeto, porém, a afetividade materna não se traduzia apenas em manifestações de carinho, mas também em punições.

A diferença no relacionamento entre pais e filhos era compatível com o modelo hegemônico de família nuclear que “atribuía ao pai a condição de provedor financeiro do consumo doméstico e a mãe a responsabilidade pela socialização da prole e pela doação de afeto (ROMANELLI, 2000, p.78).

De acordo com o modelo hegemônico de família nuclear, a autoridade masculina se concentrava na figura do *chefe de família*:

> (...) autoridade masculina fundava-se, de um lado, nas relações de parentesco que um determinado sujeito criava com os outros componentes da unidade doméstica e

> na sua condição de único, ou principal provedor financeiro da família. Por outro lado, a autoridade do chefe de família assentava-se no saber paterno e tinha um caráter institucional (ROMANELLI, 2000, p.81).

O genitor era reconhecido através de seus saberes que eram adquiridos através das situações vividas e informações apreendidas que eram incorporadas à sua experiência, assim, o saber paterno estabelecia sua *legitimidade,* e por isso possuía a noção de competência. Esse saber era utilizado pelo pai para preservar uma estrutura hierarquizada de família. O respeito e a obediência destinados ao pai e marido se davam devido à posição que ocupava na hierarquia do grupo doméstico. Neste sentido, a autoridade masculina assentava sua legitimidade nos seguintes aspectos:

> (...) na condição de provedor financeiro da família; no saber adquirido que permitia articular o passado e presente, projetando-se no futuro; nas posições hierárquicas de marido e de pai, e no caráter institucional de representante da unidade doméstica. A esses aspectos que se reportam à expressão social da autoridade, junta-se a dimensão cultural das representações construídas acerca dos atributos do masculino e da autoridade, e a da esfera política da ideologia (ROMANELLI, 2000, p. 82).

A autoridade marital e parental implicava no controle sobre todos os componentes da família e era mais acentuada conforme o gênero, isto é, a autoridade do pai era maior sobre a esposa e filhas. E quanto menor a idade também é maior a autoridade que mais uma vez tinha relação com o gênero. Porém apesar da autoridade masculina prevalecer, a mulher também possui uma autoridade, que lhe era conferida por ser *dona de casa,* mas que é subordinado ao *chefe de família*.

A mulher, porém, não se encontra isenta de autoridade. De acordo com Romanelli (2000) a mulher apresenta dois tipos de autoridade: o da esposa e o da mãe. O autor diz que com relação a autoridade de esposa não é ilusão a crença de que as esposas mandam na casa e no marido. Muitas pesquisas apontam situações em que se manifesta a autoridade da esposa, onde várias vezes a mulher exerce o comando na esfera privada e doméstica. Nestas condições, a esposa funda a legitimidade de sua autoridade com um vasto saber acumulado no passado sobre a execução dos afazeres domésticos. A redução da autoridade marital também pode ocorrer quando a mulher começa a trabalhar e ajuda no rendimento da família. Porém, no jogo das relações de força a autoridade da esposa ainda permanece subordinada a autoridade do marido, que pode ser explicada pelo fato da esposa evitar situações que possam

gerar rupturas da família, já que esta é considerada responsável pelo equilíbrio e união entre os membros familiares.

Outro tipo de autoridade da mulher apresentada por Romanelli (2000) é o da autoridade da mãe. Neste caso marido e esposa elaboram para os filhos as regras, preceitos e orientações comuns as aspirações de ambos, e é especialmente a mulher que vai aplicá-los, na socialização dos filhos. A mulher, neste contexto não é subordinada totalmente a autoridade do pai, mas é em nome dele, que exerce autoridade sobre os filhos. A tarefa socializadora da mãe é mediada pela autoridade e também pela afetividade. Estes fatos estimulam a proximidade entre mães e filhos.

Porém o que se percebe hoje é que as relações esposa/marido, pai/mãe/filho vem sofrendo mudanças. O saber acumulado pelo pai que era um dos alicerces de sua autoridade, se torna inadequado. Varias situações que enfrenta são novas para ele, pois não foram vividas por ele e, portanto, não apresenta experiências sobre elas. Romanelli (2000) citando Mead (1971) afirma então que se configura a cultura pré – figurativa, onde os filhos transmitem aos pais saberes e novos modelos de conduta. A autoridade paterna que antes era absoluta e total, atualmente pode ser questionada, criticada e até mesmo rejeitada.

Outro alicerce da autoridade paterna é que o pai era o único provedor da família, situação que também vem se modificando quando a mulher ingressa no mercado de trabalho. Inclusive Romanelli (2000) relata que uma das transformações mais significativas na vida doméstica é a participação da mulher no mercado de trabalho, este fato ocasiona mudanças na dinâmica familiar, pois contribui para o redimensionamento da divisão sexual do trabalho. Assim, os afazeres domésticos passam a ser divididos entre o homem e a mulher, o que antes era somente tarefas da esposa.

Assim a autoridade paterna vai se modificando tanto com relação aos filhos como em relação à esposa que com sua entrada no mercado de trabalho esta causando modificações na estrutura familiar, que esta deixando de ser hierarquizada para tornar-se igualitária.

A autoridade da mãe, no entanto, sofreu menos abalos na atualidade do que a paterna, pois essa aprendeu a usar o comando sobre os filhos de maneira difusa e indireta. Os filhos ainda continuam aceitando a mãe como interlocutora e como alguém com quem pode partilhar os problemas (ROMANELLI, 2000).

Neste contexto, Petrini (2005) afirma que o valor da igualdade foi aos poucos sendo incorporado ao quotidiano da convivência familiar, o que acabou ocasionando formas mais democráticas e igualitárias de partilhar tarefas entre marido e mulher. Os modelos tradicionais são abandonados, onde atribuíam o primado ao marido, e às mulheres somente as tarefas domésticas. Estas novas caracterizações surgem com o fato de existir uma independência econômica dos cônjuges, o que configura uma responsabilidade familiar mais compartilhada e uma posição social igualitária.

Considerando estes aspectos, Bilac (2000) chega a afirmar que as mudanças que estão ocorrendo na organização da família é fundamentalmente, a partir das mudanças na condição feminina, que também acaba por afetar os papéis masculinos.

De acordo com Sarti (2000) a participação da mulher na esfera pública impulsionou o processo de afirmação da individualidade que sintetiza as mudanças atuais, ocasionando mudanças nas relações familiares que era fundada no principio da reciprocidade e da hierarquia. Neste contexto:

> (...) o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social (SARTI, 2000, p.43).

Essas alterações provocam uma redefinição do conjunto de relações efetivas no interior da família, portanto, influenciam o relacionamento entre marido e esposa, e também os vínculos entre pais e filhos.

Sarti (2000) enfatiza que o principal problema de nossa época é compatibilizar a individualidade com a reciprocidade familiar. Neste contexto, salienta o fato de que a família é uma esfera social marcada pela diferença das relações entre o marido e a mulher e também entre pais e filhos. Embora comportem relações igualitárias, a família implica autoridade, pelo seu papel de socialização dos menores e como instituinte da regra. Porém, com a introdução da individualidade põe-se em questão, não a autoridade em si, mas sim a hierarquia no qual se baseia a autoridade tradicional. Assim, ocorreram mudanças em duas áreas importantes na ordem familiar tradicional: a autoridade patriarcal e a divisão de papéis familiares. Modificaram-se substancialmente as relações entre o homem e a mulher e aquelas entre os pais e os filhos no interior da família. Assim a organização familiar passou a apresentar as seguintes características:

> Os papéis sexuais e as obrigações entre pais e filhos não estão mais claramente preestabelecidos. Os sujeitos não estão mais submetidos no todo. Com isso, a divisão sexual das funções, o exercício da autoridade e todas as questões dos direitos e deveres na família, antes predeterminadas, hoje são objetos de constantes negociações, sendo passiveis de serem revistas à luz destas negociações (SARTI, 2000, p. 44).

Em meio à contestação do padrão tradicional da autoridade familiar (dos pais sobre os filhos e do homem sobre a mulher), parece que há uma tendência para se manter relações mais igualitárias e o estabelecimento de autoridade se da por meio de negociações.

2.3 Adolescência e autoridade familiar

Para muitos autores a adolescência é o período em que o adolescente busca libertar-se da família, para atingir sua independência pessoal. De acordo com Sarti (2004) os jovens recorrem a outros referenciais para a construção de sua identidade, portanto, para a autora os adolescentes vão recriando "famílias" fora de seu âmbito familiar de origem, isto através dos vários grupos de pares.

Para Carpenedo, Melo, Silveira e Wagner (2005) como a adolescência é um período decisivo no desprendimento da família, o jovem passa a voltar-se mais para o meio social, ao seu grupo de iguais. A família deixa de ser o centro de sua atenção. O adolescente passa a ter uma atitude contestadora perante a autoridade em geral, o que é fundamental para desenvolver sua identidade.

Segundo Salles (1998) o adolescente se insere em um grupo de socialização entre pares, para estabelecer novos vínculos com pessoas da mesma idade com quem se identifica. Juntos buscam novas referencias de comportamento e de identidade:

> A passagem do mundo da criança para o adulto exige um grupo de socialização entre pares para se construir novas identificações e estabelecer novos vínculos. Os membros do grupo se identificam entre si, o que ajuda a dar segurança quanto aos valores e ao próprio corpo.No grupo, as mudanças corporais são iguais, há uniformidade de conduta, de roupas, de linguagem, de gosto pelo mesmo tipo de música. O grupo tem um caráter normativo, o que dá ao adolescente segurança sobre o que é. No grupo é compreendido e compreende (SALLES, 1998, p.71).

Dessa forma, um aspecto fundamental na relação entre os adolescentes e a família é a incorporação de "outros", estranhos ao meio familiar, nesta relação. Na adolescência o grupo de amigos vai apresentar um papel essencial para o adolescente na busca de um sentido para a

sua existência pessoal. O processo de o adolescente tentar se encontrar na sociedade vai influenciar diretamente em sua relação com as pessoas e conseqüentemente em sua relação com a família.

Conforme Salles (1998, p.65) ressalta o grupo de amigos vai ajudar no processo de separação da família, "*ajudando na transição entre o mundo infantil e o do adulto e contribuindo para o questionamento dos valores dos pais*". Isto ocorre porque as normas e condutas do grupo de amigos podem estar em desacordo com os da família, se tornando uma forma do adolescente contestar o controle familiar. De acordo com estes aspectos a autora relata que "*o adolescente transfere para o grupo a dependência que tinha dos pais*" (SALLES, 1998, p.65).

Como os adolescentes passam a manter contato com pontos de vista diferentes passam a questionar as regras estabelecidas pelos pais, principalmente por valorizar e muito a opinião dos amigos:

> O grupo serve, então, como oposição à figura paterna e facilita a busca de identidade fora do meio familiar. O adolescente, ao conviver com outros grupos e buscar definição própria de valores políticos , ideológicos e sociais, tende a rever aquilo que foi interiorizado como bom ou mau, o certo ou errado, durante a infância (SALLES, 1998, p.66).

Porém, é fundamental ressaltar que não somente os filhos passam por mudanças, mas os pais também as sofrem. Becker (2003) traz essa discussão, evidenciando o quanto este período é complicado também para os pais, pois o adolescente passa a olhá-los a partir de uma visão mais critica, analisando seus conceitos e modo de vida. Os pais perfeitos idealizados na infância agora deixam transparecer seus erros, suas fraquezas e seus problemas.

Com relação ao conflito entre os pais idealizados e os pais reais Elkind (2004, p.231) afirma que:

> (...) os adolescentes constroem conceitos de pais ideais que sabem de tudo, que são ótimos e generosos, e então comparam seus pais de verdade com esse ideal e os acham extremamente deficientes. Essa é uma das razões por que as crianças que estão nos primeiros anos da adolescência criticam seus pais pela maneira como se vestem, comem e falam, por sua aparência, suas ações, etc. e quando os adolescentes sentem-se pressionados pelos pais, a crítica freqüentemente atinge um ápice. Se resumirmos as maneiras pelas quais os três grupos de idade reagem à pressão, podemos dizer que as crianças pequenas tendem a responsabilizar a si próprio, as crianças mais velhas tendem a responsabilizar o mundo, e os adolescentes tendem a responsabilizar seus pais.

Os adolescentes vivem em conflito entre ser criança e ser adulto, portanto ao mesmo tempo em que discorda de seus pais e buscam sua independência e autonomia, possuem a necessidade de proteção e colo. Os pais em meio a essa ambigüidade também se sentem confusos em como agir com seus filhos, pois ao mesmo tempo em que são alvos de críticas são cobrados de oferecer proteção e segurança (BECKER, 2003).

Segundo Salles (1998) citando Paschoal a relação entre pais e filhos é marcada pela ambivalência, onde se caracteriza ora pela permissividade e ora pelo rigor. Os exemplos citados são de que ora os pais permitem que os adolescentes usem bebidas alcoólicas e ora impedem os filhos de passearem. São dificuldades encontradas pelos pais, pois seus filhos já não são mais crianças, porém ainda não são adultos. Como os adolescentes estão nesta fase de transição ora os pais os tratam como crianças e ora como adultos. Sobre estas ambigüidades a autora afirma:

> A crise de valores na sociedade, contudo, gera insegurança nos pais, que não sabem mais que limites impor, passando do controle restritivo até a liberdade excessiva, que é vista pelo adolescente como abandono, pois ao mesmo tempo que busca a independência precisa de vigilância e dependência (SALLES, 1998, p.67).

Os pais confusos de como devem agir com seus filhos acabam por se utilizar de um demasiado autoritarismo ou de uma falta de limites em sua relação com o adolescente. Esta atitude acaba trazendo influencias no comportamento do adolescente. Assim como afirma Becker (2003, p. 39 – 40):

> A capacidade de abertura e reflexão desses pais, a maneira com que eles lidam com seus próprios conflitos, e a compreensão que tiveram com relação aos conflitos dos filhos é que vão determinar a sua reação perante o adolescente. O uso da violência, da repressão e do autoritarismo, e por outro lado, a falta total de limites e a satisfação de todos os desejos e caprichos podem criar sérias dificuldades ao desenvolvimento da personalidade do adolescente. (...) Segundo algumas teorias, a rebeldia do jovem para com a sociedade, em última instância, representaria o papel controlador exercido por eles.

De acordo com Levisky (1998) a influência da televisão enfraquece ainda mais a autoridade dos pais. É importante considerarmos que isto acontece, pois com as tecnologias de comunicação, principalmente a TV e a internet, os pais não conseguem mais controlar as informações nas quais seus filhos passam a ter acesso:

> (...) a TV deixa de cumprir, suas funções de lazer, informação e educação para competir com a autoridade parental. Pais sentem sua autoridade educacional ameaçada em suas próprias casas quando seus valores éticos e morais são contestados pelas idéias veiculadas e manipuladas pela mídia desatenta, ignorante, inescrupulosa ou interessada apenas nos lucros (LEVISKY, 1998, p.151).

A televisão passa valores e normas de conduta como verdades incontestáveis. Os pais sentem-se impotentes em confrontar seus valores com os que são passados pela mídia e que ditam os modos de viver da sociedade capitalista:

> Sabe – se que aquilo que se torna publico, constante, repetitivo, isento de ponderação crítica e de impunidade adquire valor de verdade, de autoridade e de permissividade. Quando os pais nem ao menos conversam com os filhos, questionam o que assistem, criam a possibilidade de desenvolvimento do pensamento critico – analítico. Caso contrário, a TV adquire perante os filhos um valor de autoridade alternativa na vida familiar (LEVISKY, 1998, p.151).

Os pais se sentem confusos em como impor sua autoridade em uma sociedade onde a inconstância é a única constante:

> As relações de autoridade e os valores sociais e morais estão sendo questionados e revistos. De um lado, têm-se a criança e o adolescente precocemente seguros de como devem se comportar, e, de outro, a própria sociedade que se vê em crise de autoridade e confusa quanto aos valores morais que deve adotar, o que se reflete nas atitudes dos pais e dos educadores. Os pais se encontram confusos quanto as praticas educativas, não sabendo mais o certo e o errado e se devem ou não impor disciplina aos filhos. Os pais se sentem inseguros e hesitam em impor seus padrões ao mesmo tempo em que a criança e o adolescente adquirem o direito de serem respeitados nas suas exigências (SALLES, 2005, p.8).

Com tantas mudanças impostas pela sociedade, é inevitável que as relações entre pais e filhos também tenha sofrido alterações, podemos dizer até mesmo que a família vai fazendo ajustes para conseguir integrar e se integrar nessas mudanças.

No contexto de uma sociedade que promove o estabelecimento de relações mais igualitárias entre as gerações, as relações entre pais e filhos também sofrem transformações. Salles (2005, p.6) aponta que algumas pesquisas feitas demonstraram que "*hoje, as relações familiares se baseiam mais no dialogo, na participação, na igualdade, na afeição e na compreensão*". A respeito disto a autora relata que:

> Procura-se minimizar as diferenças entre as gerações e evitar que a criança seja lembrada de sua imaturidade e dependência. Exalta-se a juventude, fazendo com que os mais velhos desejem ser jovens e que as relações entre pais e filhos se transformem, com os pais perdendo a autoridade, questionando o que fazem de errado, e a criança, o adolescente e o jovem querendo apenas ter direitos (SALLES, 2005, p. 7 – 8).

De acordo com Salles (2005), as relações de autoridade se tornam mais democráticas, alias estas só podem ser consideradas validas quando são justificadas e justificáveis.

Em uma sociedade que supervaloriza a juventude, há uma tendência dos pais abandonarem sua autoridade e disfarçar a idade, considerando seus filhos como seus amigos, se utilizando assim de uma ideologia igualitária. Salles (2005) citando Lasch (1991) coloca que os pais assumem uma aparência jovial, inclusive o uso de gírias para aparecerem como os jovens. O modelo atual de família passa a ser o da igualdade entre os indivíduos.

> Afirma - se a importância da igualdade nas relações familiares, que se tornam relações entre pares e sem exigências. A autoridade fez – se anônima, nada é verdade, tudo é certo. Os iguais nada pedem, tudo compreendem e perdoam.A cultura hoje é a cultura do evitar conflitos, do suavizar o que é penoso (SALLES, 1998, p.76).

Devido a estas mudanças, os pais passam a hesitar sobre suas normas e sobre o que é certo e errado. Assim, a autoridade dos pais que era inquestionável se torna questionável.

2.4 Autoridade e escola

Silva (2001) levanta o aspecto de que a escola é uma organização burocrática e, portanto, cumpre as normas dadas pelo sistema educacional, assim como apresenta um corpo de valores e princípios que são reelaborados em seu interior, através das interações que se dão em seu cotidiano. Autoridade e hierarquia são, assim, constantemente colocadas em discussão neste contexto.

De acordo com Silva e Salles (2008) frente aos problemas que estão no ambiente escolar e frente a uma nova realidade do alunado, caracterizados pela diversidade, insubordinação e até mesmo pela agressividade, a escola, muitas vezes, tende a uma exacerbação dos procedimentos disciplinares, ou seja, os mecanismos de imposição de controle e de ordem são fortalecidos, mesmo que estes ocasionem danos nos conteúdos escolares e nos métodos pedagógicos estabelecidos.

Porém a imposição exacerbada dos procedimentos disciplinares, podendo chegar a um autoritarismo é questionada, pois "*as posturas autoritárias restringem a autonomia do aluno e não permitem a construção de um pensamento autônomo e crítico*" (SILVA e SALLES, 2008, p.5).

Essas criticas as posturas autoritárias da escoa tem contribuído para que os educadores abrem espaço para discutir as propostas dos alunos sobre as normas disciplinares. Isto ocorre devido à pressuposição de que desta maneira os parâmetros e normas de conduta serão respeitados, já que foram frutos de uma discussão conjunta, fazendo com que os alunos se sintam co-responsáveis pela organização do espaço escolar refletindo sobre a legitimidade das regras (AQUINO, 2003).

Dentro deste contexto Roure (2007) afirma que a autonomia é um principio incondicional, um ideal a ser estabelecidos para todos. Nesta perspectiva, é que se abrem as discussões a cerca da autoridade, pois esta quando transformada em autoritarismo fere o principio de autonomia:

> (...) grande parte dos autores acusa certa vulnerabilidade das figuras de autoridade em exercerem o domínio pela força e pela imposição. Se, por um lado, se afirma que autoridade não é o mesmo que autoritarismo, e que essa noção pode ser preservada na educação para a autonomia, por outro é possível constatar que a modernidade expressa um viés autoritário a ser estabelecido também a partir das instituições responsáveis pela formação da criança (ROURE, 2007, p.7).

Roure (2007) relata que nas relações de educação além de vivenciar uma tensão entre autoritarismo e permissividade, em alguns momentos e em certas condições as figuras de autoridade podem se converter em instrumentos de dominação. Portanto a autora relata à importância de se entender a maneira pela qual a escola passa a engendrar sentidos específicos de autoridade ou sua negação, já que este entendimento:

> (...) revela um passo fundamental para compreender tanto os caminhos pelos quais se dá a dominação, como os princípios que norteiam uma educação para o esclarecimento e para a autonomia, estabelecendo a percepção crítica do autoritarismo e do movimento por meio do qual ele transmuda a própria concepção de autoridade. Ademais, o estudo da conversão de um conceito em outro pode revelar também a face da contradição que se instala a partir das determinações objetivas que consolidaram a sociedade moderna, convertendo autoridade em domínio e em violação da autonomia, e educação em mero instrumento de conformação social (ROURE, 2007, p.7).

Roure (2007) levanta o aspecto de que se a família esta sofrendo um processo de deslegitimação de sua autoridade, o mesmo ocorre com a escola que perde a referencia de seu papel formador. Neste contexto, a escola assume um papel meramente disciplinador, passa a ser destituída de seu valor social expropriado do fator legitimador de sua autoridade, isto é, sua autonomia frente à razão. O professor é visto como um servo que tem como função treinar o educando para a sociedade competitiva, através das imposições e dos castigos. Assim, Roure (2007) citando Adorno (1995) diz que:

> (...) a redução da razão à sua expressão instrumental e "do intelecto a mero valor de troca" faz com que, o professor se torne um simples vendedor de conhecimentos, um servo do sistema produtivo capitalista e da sociedade de consumo. Perdidas as bases de sua autoridade, sobra-lhe o exercício do autoritarismo ou a opção pelo laissez-faire (p.11).

Portanto, Roure (2007) citando Adorno (1995) relata que a noção de autoridade se apresenta como uma das questões nevrálgicas de uma educação orientada para a formação de indivíduos autônomos. Pois o modelo das relações escolares implica conscientemente ou inconscientemente atitudes autoritárias e, mesmo assim, ainda é alvo de amplo discurso que combate a noção de autoridade. Isto ocorre porque o conceito de autoridade é constantemente vinculado às experiências totalitárias e fascistas, indo contra o ideal de autonomia.

Porém Adorno (1995) salienta que ao contrario da tendência da educação moderna em tomar como incompatíveis os conceitos de autoridade e autonomia, deve-se ter em mente que o processo de formação da consciência crítica não se dá pela simples negação de todo e qualquer tipo de autoridade. Roure (2007, p. 13) se refere a Adorno (1995) dizendo que: "*Ao pressupor que a emancipação exige "certa firmeza do eu", dá a perceber que tal firmeza dificilmente seria resultado de uma educação do tipo laissez-faire*".

Neste sentido Roure (2007) salienta que seria impossível pensarmos em uma educação onde não existissem relações de autoridade envolvidas, pois a ausência desta prejudicaria a formação de indivíduos autônomos, ao contrario do que dizem:

> Pode-se constatar, então, que a lacuna da autoridade na experiência da formação humana representa um alto preço a ser pago, pois, ao contrário do que poderia se supor, a sua ausência compromete o processo de individuação e não implica maiores possibilidades de autonomia e liberdade. Isso porque a autoridade parece se apresentar como um requisito cuja existência e posterior superação forjam o homem capaz de governar-se a si mesmo e de usufruir da liberdade enquanto princípio universal para todos (ROURE, 2007, p.15).

Portanto, podemos perceber que a escola se encontra em ambiguidades ao se colocar entre duas posturas, pois ora vai para o autoritarismo e ora para uma não imposição de regras, discussão conjunta etc, como resposta contraria a um sistema autoritário. Embora, autoridade e autoritarismo sejam coisas distintas, algumas vezes são confundidas, o que ocasiona não somente discursos de negação contra o autoritarismo mas também contra a autoridade, como podemos perceber que ocorre, em alguns casos, dentro da escola.

CAPÍTULO 3. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DOS JOVENS ENTREVISTADOS

Nesta parte do trabalho, faremos a apresentação da escola onde foram realizadas as entrevistas e também dos jovens que participaram dessa pesquisa. Por fim serão apresentados os dados coletados acerca da família desses alunos.

3.1 Caracterização da escola

Esta caracterização foi feita a partir de visitas á escola, dos dados coletados durante nosso trabalho de campo e do Plano Gestor.

Em 1967 foi construído em Rio Claro o prédio onde hoje esta situada a escola pesquisada. Inicialmente no local foi instalado o Ginásio Estadual da Zona Norte de Rio Claro. No período noturno funcionava o Grupo Escolar Barão de Piracicaba que iniciou suas aulas em 1968. Em 1976 passou de Ginásio Estadual para se constituir como Escola Estadual de Primeiro Grau. Com a criação do Curso Supletivo de Segundo Grau a escola transformou em EEPSG Escola de Primeiro e Segundo grau e atualmente Escola Estadual onde oferece o Ensino Fundamental e Médio (EJA).

A escola localiza-se em um bairro de classe social média, residencial e com alguns pontos comerciais. Grande parte da comunidade local tem seus filhos matriculados em escolas particulares. Por isso apenas 5% dos alunos residem em bairros próximos a escola, sendo os 95% restantes provenientes de bairros distantes, utilizando como meio de locomoção, o transporte escolar público.

Os alunos são provenientes de vários bairros, como por exemplo: Bom Sucesso, Novo Wenzel, Jardim Centenário, Jardim Santa Eliza. Todos considerados bairros periféricos. Também freqüentam a escola alunos que moram na zona rural do município. Os alunos em sua maioria são oriundos de escolas municipais dos bairros acima mencionados. São filhos de trabalhadores de diversos setores, inclusive daqueles não formalizados em termos trabalhistas.

A Escola possui um terreno de 6. 141, 10 m^2. Nas suas instalações físicas conta com com 10 salas de aula, sala de informática, sala de leitura, banheiros feminino e masculino, cozinha, pátio coberto com palco, quadra coberta e dependências administrativas.

A escola funciona nos três turnos e atende hoje um total de 1118 alunos. No período noturno a escola oferece a EJA (Educação de Jovens e Adultos) que é destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Médio na idade apropriada. Ou seja, é destinada principalmente a uma população, que freqüentemente já vem assumindo compromissos familiares e profissionais. A escola possui 10 turmas de EJA atendendo aproximadamente 400 alunos nesta modalidade.

O Ensino Médio desta escola atende 718 alunos e suas séries são divididas nos turnos da seguinte maneira: 6 turmas de 5ª série e 4 turmas de 8ª série de manhã e 5 turmas de 6ª série e 4 turmas de 7ª série à tarde. De acordo com as coordenadoras da escola, no período da manhã o índice de indisciplina é menor o que justifica o fato dos alunos mais novos serem colocados neste período.

Para as coordenadoras, os alunos das 7ª séries são os que apresentam o maior índice de indisciplina, o que torna comum a transferências de alunos de uma 7ª série a outra, com o objetivo de diluir os possíveis grupos de alunos indisciplinados.

De acordo com o Plano de Gestão, a escola apresenta um alto índice de evasão e retenção dos alunos. Isto pode ser observado durante a realização deste estudo pelo grande número de alunos com idade superior a adequada para a série. Enumerados os possíveis motivos dessa defasagem, a equipe escolar chegou à conclusão de que a indisciplina causada pelo baixo interesse, desmotivação dos alunos e de alguns professores são os responsáveis por estes resultados.

Durante nossas visitas a escola pudemos realmente presenciar um forte desânimo em grande parte dos professores. Era comum escutarmos reclamações de professores que diziam ser impossível dar aula em algumas salas devido à indisciplina dos alunos.

Na aplicação dos questionários para os alunos do projeto de pesquisa intitulado *Violência na Escola: as influências do clima organizacional e das relações familiares,* pudemos perceber um clima de tensão existente entre alguns professores e os alunos que se comunicavam através de gritos e gozações. Inclusive houve casos em que alguns alunos se

dirigiram as participantes do projeto da mesma forma. Em algumas situações tivemos dificuldades em aplicar os questionários, pois os alunos não prestavam atenção em nossas explicações, agindo varias vezes com risinhos e fazendo perguntas que não tinha ligação com o projeto.

Para a equipe gestora uma de suas principais dificuldades enfrentadas pela escola é a não participação dos pais na vida escolar dos filhos, principalmente pelo fato de não freqüentarem as reuniões destinadas a integração entre eles e a escola.

É neste contexto escolar que a pesquisa foi realizada.

3.2 Os alunos entrevistados

Os alunos, como dito na introdução, foram selecionados através de sorteio. Foram sorteados ao todo dezesseis alunos, sendo oito (quatro meninas e quatro meninos) estudantes da 7ª série do ensino fundamental, que possuem as idades de 14 e 15 anos e oito (quatro meninas e quatro meninos) estudantes do EJA com idades de 17 e 18 anos. As entrevistas foram feitas individualmente. No inicio de cada entrevista buscamos fazer algumas perguntas que pudessem caracterizá-los. Segue abaixo uma descrição de cada um dos estudantes da 7ª série do Ensino Fundamental que foram entrevistados:

A Aluna (1) possui 14 anos. Mora no Bairro Santa Eliza com o padrasto, com a mãe e quatro irmãos, sendo um destes, irmão somente por parte de pai. A mãe trabalha na parte de produção de uma firma e o padrasto trabalha como pedreiro. Somente um irmão trabalha ajudando na renda da família.

O Aluno (2) tem 14 anos. É morador do Bairro Santa Maria com o pai, com a mãe e irmã, de dois anos de idade. Sua mãe é costureira e trabalha em casa, o pai é operador de maquina em uma indústria. Este aluno trabalha na borracharia de seu tio.Começou a trabalhar neste mesmo lugar aos 10 anos de idade.

A Aluna (3) tem 14 anos. Mora no Bairro Santa Maria, com o pai a mãe e dois irmãos, de 7 e 8 anos de idade. Seu pai é eletricista e encanador e a mãe costura em uma pequena fabrica onde a aluna e suas irmãs também ajudam.

O Aluno (4) possui 14 anos. É morador do Bairro Jardim Novo Wenzel com seu pai, mãe e irmão, de 9 anos. A mãe é dona de casa e seu pai trabalha como pedreiro durante o dia e como hamburgueiro à noite. De acordo com o aluno o pai faz esta rotina há um ano, desde que vieram de Minas Gerais para a cidade. O aluno trabalha todas as noites ajudando o pai no carrinho de hambúrguer.

A Aluna (5) tem 14 anos. Mora no Jardim Panorama, juntamente com seu pai, com sua mãe e dois irmãos, de 10 e 12 anos. Sua mãe é dona de casa e seu pai é pedreiro.

O Aluno (6) tem 15 anos. Mora no Bairro Bom Sucesso juntamente com sua mãe e quatro irmãos, de 18, 16, 12, 10 anos de idade. A mãe trabalha em uma firma. O aluno não soube informar a profissão de seu pai, o que pode indicar uma falta de contato do aluno com este.

O Aluno (7) tem 14 anos. Mora no Bairro Parque Universitário, com sua mãe e com seu pai. Não possui irmãos. Sua mãe é dona de casa e o pai é caminhoneiro. De acordo com o aluno seu pai somente fica em casa em um final de semana a cada quinze dias.

A Aluna (8) possui 14 anos. Mora no Jardim Cidade Azul junto com o pai e com sua mãe. Possui um irmão, porém este mora com a avó por motivos que a aluna desconhece. Este irmão é filho do primeiro casamento da mãe.

A seguir apresentarei os dados dos alunos estudantes do 2ª termo do EJA (Educação para Jovens e Adultos), que corresponde a 2ª série do ensino médio. Como dito antes o EJA é destinado a alunos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Médio na idade apropriada:

A Aluna (9) possui 18 anos. Mora no Bairro Cervezão. Esta aluna apresenta um fator diferenciado dos demais entrevistados por ser mãe de um menino de 1 ano. A aluna mora junto com o padrasto, com sua mãe, dois irmãos, de 23 e 16 anos. O irmão é filho do outro casamento do padrasto. Há cinco meses o namorado também passou a morar na mesma casa. Seu padrasto é pedreiro e a mãe é empregada doméstica. A aluna trabalha em uma cantina de uma faculdade particular e seu namorado trabalha como operário em uma firma. A aluna relata trabalhar desde os 14 anos de idade. Seu primeiro emprego foi em uma padaria. Ela relata ter entrado na EJA depois que abandonou o Ensino Fundamental durante a gravidez.

A Aluna (10) possui 18 anos. Mora no Bairro do Estádio, com seu pai e com um irmão de 19 anos. A aluna não soube informar quantos irmãos tem por parte de mãe já que não possui contato com ela. Seu pai é hamburgueiro e o irmão lixa carros para ajudar na renda familiar. A aluna estava desempregada há uma semana, porém antes trabalhava em um restaurante. Começou a trabalhar desde os 5 anos ajudando o pai. Conforme o relato da aluna ela evadiou-se do Ensino Médio depois de ter sofrido agressões físicas e morais por parte de alguns alunos da escola em que estudava anteriormente.

O Aluno (11) tem 18 anos. Mora no Bairro Parque Universitário, juntamente com seu pai, sua mãe e dois irmãos de 24 e 12 anos. O aluno relatou que há três anos não conversa com seu irmão mais velho, apesar de morarem na mesma casa, mas não explicitou o motivo do desentendimento. Seu pai trabalha em uma cerâmica e a mãe é dona de casa. O aluno trabalha como operário em uma indústria há dois meses. Ele relata que começou a trabalhar desde os 16 anos em outra indústria. De acordo com o aluno a matricula na EJA é por ter parado de estudar durante o Ensino Fundamental, principalmente por desânimo.

O Aluno (12) tem 17 anos. Mora no Bairro Boa Vista com seu pai, sua mãe e cinco irmãos (duas meninas com a idade de 12 e 16 anos e três meninos com a idade de 14, 23 e 25 anos).A mãe é dona de casa e seu pai é eletricista. Três irmãos trabalham para ajudar na renda da família. O aluno trabalha há dois meses em uma indústria como operário. Ele relatou ter entrado na EJA depois de ter repetido uma série do Ensino Fundamental.

A Aluna (13) possui 17 anos. Mora no Bairro Bom Sucesso juntamente com sua mãe, com seu padrasto e com seu irmão (16 anos). A mãe é faxineira e o padrasto é servente de pedreiro. Seu irmão trabalha junto com o pai. A aluna relatou ter se matriculado na EJA depois de ter repetido algumas séries do Ensino Fundamental, por motivo de faltas.

O Aluno (14) tem 18 anos. Mora no Bairro Vila Olinda com sua mãe, pai e quatro irmãos (dois meninos com as idades de 2 e 8 anos e duas meninas com as idades de 11 e 5 anos). Seu pai é caminhoneiro e sua mãe é dona de casa. O aluno começou a trabalhar com 17 anos em uma indústria onde continua trabalhando. Na semana seguinte da entrevista, os amigos deste aluno comunicaram que este havia desistido da EJA por já ter ultrapassado o limite de faltas permitido pela escola. Este aluno já havia desistido do Ensino Fundamental por este mesmo motivo. As faltas são, segundo o aluno, pelo desinteresse em ir às aulas.

O Aluno (15) possui 17 anos. Mora no Parque Universitário com a mãe, com o pai e com a irmã (20 anos). Seu pai e sua mãe têm uma empresa onde tem uma academia e um Lan House. O aluno trabalha com eles como assistente técnico na área de informática. Começou a trabalhar desde os 10 anos com os pais. O aluno se matriculou na EJA por ter passado um período sem estudar depois de ter repetido um ano do Ensino Fundamental.

A Aluna (16) tem 18 anos. Mora no Bairro Vila Olinda junto com seu pai, com sua mãe e duas irmãs de 31 e 23 anos de idade. Seu pai tem um mercadinho onde a mãe e a irmã mais velha trabalham. A aluna, apesar de estar desempregada há alguns meses trabalhava em um supermercado, onde começou a trabalhar aos 15 anos. A aluna relata que freqüenta a EJA por ter repetido algumas séries do Ensino Fundamental.

Podemos perceber, portanto, que todos os alunos moram em bairros periféricos situados longe da escola que freqüentam. A maioria dos alunos se utiliza de ônibus circular para se transportar até a escola. Somente um aluno relatou ir de moto e três disseram ir de bicicleta.

A maioria dos pais/padrasto dos alunos e as mães que trabalham possuem empregos que exigem pouca qualificação. O mesmo fato pode ser observado sobre os empregos dos adolescentes entrevistados. Porém é importante ressaltar que nenhum pai/padrasto estava desempregado. Também é possível observar que a maioria das mães não trabalha fora. O quadro apresentado no anexo 1 sintetiza essas informações.

Embasados nessas informações é que norteamos a analise das entrevistas dos alunos sorteados.

CAPÍTULO 4. O DEPOIMENTO DOS ALUNOS

As respostas dos alunos foram classificadas e categorizadas em diferentes blocos temáticos definidos a partir do discurso dos participantes e da revisão da bibliografia da área. Procuramos identificar as dimensões mais freqüentes ou mais enfatizadas em cada um desses blocos temáticos bem como as diferenças que podiam ser encontradas em cada um deles. Com isso buscamos verificar a concepção de adolescência e as relações de autoridade no âmbito familiar e escolar.

As categorias definidas para analise foram: *a adolescência e o adolescente; os adultos e os adolescentes; a autoridade; a família: o relacionamento com os pais; a família: as relações de autoridade; o permitido e o proibido pela família; castigos e punições na família; a família: o trabalho e a busca por autonomia; as relações de autoridade na escola; o permitido e o proibido na escola, as obrigações no ambiente escolar; as punições e castigos na escola.*

4.1 A adolescência e o adolescente.

Para os entrevistados, o adolescente esta em processo de preparação para uma vida posterior, ou seja, ele esta se preparando para ser adulto. Esta reflexão vai ao encontro da de autores como Becker (2003) que faz referencias a estes aspectos ao dizer que a própria palavra "adolescência" indica um período de transição por significar "crescer para". A adolescência apresenta um caráter de preparação para uma vida que esta por vir.

> Aluno (12) - A adolescência é a fase de transição da criança pro adulto. Não chega a ser uma criança porque já ta evoluindo nos pensamentos, já esta com os pensamentos mais maduros. Não chega a ser um adulto porque não sabe direito ainda o que ta fazendo, ainda ta errando, ainda ta aprendendo... Isso que é adolescente pra mim.

Os adolescentes apresentaram uma preocupação de que irão sofrer as conseqüências de suas ações no futuro, quando forem adultos. Este fato representa que ao mesmo tempo em que

demonstram estarem em fase de curtir a vida, também se preocupam com o futuro, que se especifica principalmente na preocupação de um bom emprego e em estabilidade financeira.

> Aluna (5) - Adolescência pra mim é uma coisa que a gente... sabe, por exemplo, ai que a gente faz pra aprender, enquanto ta crescendo, fazer um monte de coisa pra aprender, pra errar e aprender...Ele ta aprendendo a ser adulto, ta deixando de ser criança.
>
> Aluna (8) - Adolescente pra mim é um período que você tem que pensar nas conseqüências que você vai ter, por exemplo, se você vai na escola e não faz a lição, isso vai ter uma conseqüência, entendeu, então adolescente é assim...você tem que brincar, se divertir, assim entre aspas, não assim sair com os amigos, adolescente e começar a beber, a adolescência é um período da sua vida que você tem que começar a pensar o que você vai querer ser mais pra frente.Porque a partir da adolescência que você vai crescendo, se tornando jovem pra depois ser um adulto.pra você pensar assim nas conseqüências, na sua carreira, tem que pensar assim...dependendo do que você fizer mas pra frente você não vai ter uma carreira, estabilidade assim...de dinheiro, financeira né...apesar que você tem que ser feliz, adolescência pra mim é isso o período em que você vai pensar no que vai querer ser mais pra frente.

Este momento de preparação dá a adolescência um caráter de transição, onde o adolescente esta caminhando para atingir um alvo que é a idade adulta. Fernandes (2003) relata que o caráter de transitoriedade é o que garante a especificidade da adolescência. O jovem se encontra em trânsito entre a saída de uma etapa e o ingresso em outra.

Durante a entrevista o Aluno 7 demonstrou um aspecto interessante. Este aluno apresentava uma estatura menor do que os outros entrevistados e se referia a si próprio varias vezes como uma criança. Demonstrava que ainda não se reconhecia como um adolescente, apesar de já ter 14 anos. Durante a entrevista este aluno relatou que seus colegas o chamavam de: “pequeno” e de “bebe”, e inclusive que preferia ir “brincar” com os alunos mais novos do que ele, pois tinham o mesmo tamanho. Portanto ao tentar descrever o que era um adolescente as ambigüidades se faziam presentes e tendia a caracterizar o adolescente como uma criança:

> Aluno (7) - Ah!É saber aproveitar a vida, ajudando o pai e a mãe em casa né? Saber usar ela né? Não ficar pra rua, fazer coisas erradas, isso é ser adolescente eu acho né? É aproveitar né?Porque depois que fica grande tem que trabalhar, por isso tem que aproveitar mais a vida né?Eu penso assim né?Adolescente pra mim é uma criança. É... uma criança, colocam com 14 anos é adolescente, é uma criança. O pensamento pra muitos é namorar, ficar, eu acho que eles pensam assim né?Bagunçar, essas coisas assim, é assim, adolescente hoje em dia né?

A fala deste aluno nos traz a reflexão de que os adolescentes também estão percorrendo um processo em busca de conhecer a si mesmo, se sentem confusos com relação

a sua própria identidade. Outro fato que pode ser percebido através dessa fala é que o adolescente procura um grupo de iguais onde possa se identificar. Porém no caso desse aluno ele se sente mais acolhido com pessoas mais novas e que possuem a mesma estatura que ele, sendo essa uma maneira de fugir de criticas e gozações de outros adolescentes.

Através das falas dos alunos foi possível perceber que as características apontadas pelos entrevistados sobre os adolescentes não se apresentam de maneira única e homogênea. Porém a característica do "curtir a vida", sem maiores responsabilidades, foi afirmada diretamente ou indiretamente em grande parte dos depoimentos.

> Aluna (2) - O adolescente tem um jeito próprio de pensar , eu acho. O modo de pensar mais espontâneo, mais solto.
>
> Aluna (9) - Adolescente é curtir a vida né, aquele que pensa em estudar, trabalhar, mas principalmente curtir.
>
> Aluno (11) - Adolescência é só zuera, molecagem, ficar aprontando. É isso o que os moleque faz né? Fica atormentando vizinho. Essa é a época de fazer os vizinhos passarem mal viu: É um tal de jogar bola no portão do vizinho em plena meia noite. Eu ainda faço isso, fico acelerando a moto quando to com raiva do vizinho.
>
> Aluno (14) - Ah, adolescente gosta de sair, bagunçar, ir em balada, essas coisas assim.A maioria é assim.
>
> Aluno (15) - Adolescência pra mim são as coisas novas que aparecem, a influência dos amigos. Sair, querer se divertir. Conhecer novas culturas. Como diz é viver a vida, nessa fase de adolescente, porque depois... Depois já começa a crescer mentalmente e querer ter uma família.

A maioria dos adolescentes aponta como características deste período a diversão, alegria, liberdade, não pensar antes de agir e rebeldia, comportamentos que podem estar ligados a ausência de responsabilidade que muitas vezes é atribuído como característica do modo de ser adolescente.

Segundo Almeida; Martins e Trindade (2003), estas características constroem o estereótipo do adolescente rebelde e confuso, que não consegue diferenciar o que é certo e o que é errado. Pois o adolescente que se preocupa somente com a *curtição* corresponde ao discurso de que os adolescentes estão preocupados somente com o presente e não com o seu futuro. E o presente significa estar com os amigos e se divertir.

Becker (2003) afirma que a adolescência é uma fase de novas sensações e experiências que antes eram completamente desconhecidas. Esta também foi uma característica apontada por alguns entrevistados:

> Aluna (1) - É tudo assim, a gente passa por muita coisa assim diferente, depois vai mudando. Quando eu era mais nova eu já aprendi bastante coisa, agora to aprendendo mais...
>
> Aluna (16) - Quando a gente começa a descobrir as coisas, namorado, começa a criar um pouquinho mais de responsabilidade.

Para os alunos, os adolescentes não se apresentam como um grupo homogêneo, principalmente por existir algumas diferenças por conta de atitudes individuais. Costumam dividir os adolescentes em dois grupos: um grupo que comete atitudes que desaprovam, como o uso de drogas e de bebidas, e outro grupo que sabe aproveitar sua adolescência sem cometer essas atitudes. Todos os adolescentes entrevistados ao se referirem ao perfil do adolescente do primeiro grupo disseram contrario a este, se enquadram no segundo grupo mencionado.

> Aluno (6) - Ah!Tem uns que sabe aproveitar as coisas, mas têm outros que não, vão pro mau caminho, entram nas drogas, bebidas, essas coisas assim.
>
> Aluna (10) - Têm dois tipos de adolescentes, um que parte pras drogas e outro que já não, tem cabeça fraca, que a vida dele é curtir, curtindo com coisa errada. E têm outros que curtem de maneira mais suave, sai não bebe, não usa drogas. A maioria é das drogas.
>
> Aluna (13) - O adolescente é aquele que na maioria das vezes faz coisa que não deveria de fazer, viu. Tem uns que são responsáveis, mas tem uns que são irresponsáveis, que não sabe o que faz. Não tem nem cabeça, não trabalha, não quer nada com nada, não quer nada com a vida... A maioria é assim.

Podemos perceber que todos os alunos entrevistados, tanto os que estão na 7ª série do ensino fundamental quanto os que estão cursando o EJA, enquadraram a adolescência e o adolescente da mesma forma. Os alunos entrevistados, caracterizaram o adolescente como irresponsável, despreocupado, rebelde, só deseja curtir a vida, sem limites, preocupado somente com o presente. Inclusive, essa irresponsabilidade pode facilitar com que se envolvam com bebidas e drogas.

Porém é importante ressaltarmos que os alunos entrevistados pouco se enquadram na representação que eles mesmos possuem sobre o adolescente. Inclusive durante a entrevista relataram varias vezes que não são como os adolescentes que mencionaram. Chegam a fazer distinção sobre o que pensam dos adolescentes e como pensam sobre si próprios.

Os entrevistados ao compararem o adolescente com as outras etapas da vida tendem a apresentar a adolescência como a mais irresponsável de todas as etapas. O adolescente já sabe o que é certo e errado, mas prefere não praticá-lo, enquanto que a criança ainda possui uma

irresponsabilidade ingênua, não sendo ainda capaz de arcar com seus erros. A vida adulta é a fase da responsabilidade:

> Aluna (1) - A criança é que é assim...criança não entende muita coisa, já é mais novinho, já não raciocina assim o que passa na cabeça, fala qualquer coisa, e agora gente assim, que já tamo no meio da idade já vai aprendendo um pouco de coisa, já sabe o que é certo e o que é errado, e gente adulta já tem mais...mais mente pelo que faz.
>
> Aluno (2) - Adulto leva mais a sério as coisas e é mais responsável. O adolescente é meio irresponsável, e a criança é a mais inocente da história assim.
>
> Aluna (3) - Ah eu acho que a criança não sabe o que é a maldade ainda, não tem malicia, o adolescente já começa a entender, já sabe assim, o adulto já tem mais responsabilidade já sabe o que é certo e o que é errado.
>
> Aluna (9) - Criança faz tudo o que quer. O adolescente já ta na fase de se achar o dono da razão, o adulto já sabe o que quer, já passou por todas essas fases e já sabe como é.
>
> Aluna (10) - Adulto já tem mais cabeça feita, criança já não, já não tem noção do que ta fazendo, e os adolescentes já não ta nem ai com nada. O adulto já ta.
>
> Aluno (11) - A mente de trabalhar já muda. Ah já pensa em fazer tipo curso, melhorar a renda pra ter família. Adolescente já não tem responsabilidade, pega todo o dinheiro que recebe, gasta tudo em besteira, não quer nem saber. A criança pra mim é brincar, não fazer nada, estudar brincando, é a idade mais gostosa porque depois é difícil. O adolescente se diferencia deles porque ele ta naquele momento que não quer ir pra escola, estudar. Adolescente é frescurento. Ele é assim até mesmo pra trabalhar, as vezes deixa de trabalhar pra ir dormir. Adolescente não tem conta, despesas com filhos, então se ele perder arruma outro, fica fazendo bico.
>
> Aluna (13) - Ah! O adulto tem mais responsabilidade, a criança já não tem. O adolescente deveria ter também, mas a maioria não tem.
>
> (aluna 16) Criança não entende nada o que ta fazendo, não tem responsabilidade de nada. Adolescente já sabe o que é certo e o que é errado, mas acaba muitas vezes fazendo o que é errado mesmo sabendo, porque pra gente tudo que é errado é mais gostoso e o adulto é aquela pessoa responsável que tem que pensa muito bem pra algumas atitudes que pode trazer varias conseqüências.

Assim, podemos perceber que frente a outras etapas da vida os entrevistados reafirmam a irresponsabilidade do adolescente que se apresenta como uma característica marcante.

O adulto se apresenta nas falas como a etapa em que se alcança a plenitude da responsabilidade. Portanto este se apresenta como sendo um símbolo da razão e do amadurecimento, que se opõe a imaturidade do jovem. Os adolescentes definem os adultos como tendo “mais mente pelo que faz”, “o adulto já tem mais responsabilidade”, “já sabe o que é certo e o que é errado”. Bock (2004) também afirma estes fatos ao relatar que a adolescência traz como característica a incompletude, por ser algo que ainda não terminou de

acontecer e de se desenvolver, sendo que o adulto se apresenta como uma meta a ser atingida, como o estágio em que se alcança a completude.

Podemos perceber através das falas dos adolescentes que estes fazem uma distinção de quais são as tarefas mais adequadas para cada período, que pode ser exposto da seguinte maneira: o adulto trabalha, o adolescente estuda e a criança brinca.

> (aluno 4) Adulto tem que trabalhar, criança tem que brincar, e adolescente mais estudar.
>
> (aluno 6) Adulto trabaia, e a criança não,ela brinca e o adolescente vai pra escola.
>
> (aluno 7) Adulto é mais maduro né, no que vai fazer no que vai pensar, trabalha né, tem que colocar dinheiro em casa né.Adolescente é aquele que vai pra escola, aprende né, saber o caminho certo que vai seguir né, que os pais ensina, por que esse é papel do adulto também né, que é ensinar. Criança é mais brincar né, criança não pensa muito, que nem o adolescente, é só mais brincar, ela não liga muito pras coisas.
>
> (aluna 8) Criança...a criança brinca, não esquenta muito a cabeça, vai na escolinha assim, estuda, mas ela ainda não tem aquela preocupação que já vai criando assim na adolescência, na adolescência já tem um pouquinho de preocupação, assim...nossa o que eu vou ser mais pra frente, como vai ser meu futuro, o que eu vou escolher pra ser da minha vida, adulto já tem a preocupação de pagar a conta, trabalhar pra você ter o seu dinheiro, assim sabe...ele se diverte também, mas já pensa, nossa eu não posso me atrasar porque amanhã eu preciso ir trabalhar, senão o chefe fica bravo, criança então é época de se divertir, dar risada, brincar, adolescente você já começa a parar um pouco disso, você já começa a pensar mais, você já sabe o que é certo e o que é errado, adulto sabe mais ainda o que é certo e o que é errado, você só se diverte aquela hora, quando sai com a família, depois só tem preocupação.

A visão predominante nas falas é a do adolescente como o estudante, ressaltando o que Fernandes (2003) diz que a visão social que se tem sobre a juventude é que ser jovem é ser estudante. O jovem está ancorado na imagem do estudante e a cada fase da vida corresponde uma função social.

Foi questionado aos alunos qual eles escolheriam como o melhor período da vida. As respostas foram bastante interessantes por demonstrarem que os adolescentes ao mesmo tempo em que desejam a irresponsabilidade, desejando uma vida só de curtição sem problemas, também desejam sua independência. Alguns adolescentes afirmam que a infância é o melhor período por esta ter uma “vida sem problemas”, mas, também pontuaram a idade adulta como melhor período pelo fato deste ser independente. Parece que o adolescente luta pela independência de modo ambivalente: querendo e não querendo.

> Aluna (9) - A criança é bom porque não sabe nada da vida ainda né, é só brincar, não tem responsabilidade pra nada. Mas também é bom ser adulto porque é mais independente, já pode fazer o que quer.
>
> Aluna (10) - A criança não tem responsabilidade, só brinca, não precisa trabalhar, arrumar a casa. Também prefiro o adulto, porque ele já é formado, tem mais responsabilidade, é independente. Não depende mais de pai.

Outros entrevistados afirmaram que gostariam de ser criança pelo fato de não saber o que é certo e o que é errado, não possuir preocupações, inclusive as que se apresentam durante a adolescência:

> Aluna (3) - Porque a criança só pensa em brincar, não se preocupa com outras coisas, pode brincar a hora que quer, não precisa ficar: to preocupada com aquilo lá, não ta preocupada com namoro essas coisas assim.
>
> Aluna (9) - Porque não sabe nada da vida ainda né, é só brincar, não tem responsabilidade pra nada.

Porém, podemos perceber que os adolescentes entram em contradição, pois, antes falaram que o adolescente é irresponsável, despreocupado, só quer viver a vida, e agora apresentam os adolescentes como indivíduos que possuem responsabilidades e que se preocupam com elas.

4.2 Os adultos e os adolescentes

Para entender a percepção de adolescência e adolescente, perguntamos ainda aos entrevistados sobre como eles se sentiam na sociedade, quais eram suas principais dificuldades e se já sofreram alguma discriminação por serem adolescentes. Alguns alunos somente responderam que se sentiam bem, porém outros, como exemplificado abaixo, disseram que não são reconhecidos como cidadãos:

> Aluna (3) – Ah! Ninguém leva a gente em consideração.
>
> Aluna (5) - Um pequeno inseto. Assim, por exemplo, adolescente não tem muita coisa pra oferecer, trabalha, demora muito pra trabalhar, já trabalha adulto já, então na sociedade parece que a gente não serve pra nada, só pra boiar e pedir presente.

A fala destas alunas confirma os estudos de autores como Fernandes (2003) e Abramo (1994) que relatam sobre a dificuldade dos adolescentes em serem reconhecidos como

cidadãos e até mesmo como sujeitos capazes de terem uma atitude ativa e importante na sociedade.

Assim como Abramo (1994) afirma a adolescência muitas vezes é tomada pela idéia de suspensão da vida social, onde as potencialidades e os talentos dos adolescentes não são aproveitados pela sociedade. Além do fato de serem acusados como potenciais problemas sociais. Ou seja, muitas vezes somente as características negativas dos adolescentes são ressaltadas como exemplificado na fala da Aluna 5 que o adolescente na sociedade só serve "pra boiar e pedir presente" e possibilite a ela se sentir como um "pequeno inseto" dentro da sociedade.

Reforçando a visão negativa da sociedade sobre o adolescente, o aluno 12 diz:

> Aluno (12) - Ah! A sociedade tem uma visão ruim do adolescente. Pode ver na televisão mesmo, sempre vejo reportagem falando: "os adolescentes e as drogas", "os adolescentes e a violência", "os adolescentes e...", só que se você for ver não é uma coisa assim de adolescente, é uma coisa que até assim no cotidiano desde criança até o adulto, não só do adolescente. É geral né? Passam também uma visão de que o jovem é revoltado, mas ele não sabe ainda o que é certo. Bom, na verdade sabe, mas eles querem mostrar que estão ali, porque não tem ninguém prestando atenção. Eles se revoltam também com o governo, com o que acontece de errado na sociedade, mas já encaram o adolescente pelo lado ruim ou então fingem que não vêem.

Este aluno demonstra reconhecer que a sociedade possui uma visão negativa do adolescente e comenta que isto pode ser observado através da mídia. A este respeito Abramo (1997) faz suas considerações relatando que a mídia se utiliza em excesso da imagem do adolescente, porém quando ela se dirige aos adultos refere - se aos adolescentes como os causadores de problemas sociais. Ou seja, sempre quando é chamada a discussão adolescentes e cidadania, são os problemas que são enfocados. Outro fato interessante é que o Aluno 12 relata que a rebeldia do adolescente possui também um caráter positivo, onde este também possui a capacidade de discutir os problemas que a sociedade enfrenta e de não se conformar com eles, mas a sua participação nestas áreas quando não são ignoradas são vistas com maus olhos pela sociedade. Esta fala vai de encontro as afirmações de Fernandes (2003) de que a sociedade tem uma grande dificuldade ou resistência de considerar o jovem como capaz de propor questões e ações de relevância social e política, e até mesmo de colaborar com soluções para os problemas.

Outro aspecto importante que os depoimentos dos alunos indicam é o desapontamento que possuem ao se confrontarem com atividades que desejam e se sentem capazes de realizar, mas para os quais ainda são considerados imaturos e irresponsáveis pela sociedade para praticá-las:

> Aluna (8) Ah é meio assim, por exemplo, se você vai pedir trabalho, vai em alguma loja assim, e você tem 13, 14 anos, não vão te aceitar, só alguma pessoa que já te conhece, a gente fala pode confiar em mim, por que eles não tem aquela confiança, eles falam assim: Você é adolescente, você vai hoje e amanhã, depois já não vai mais, já não tem aquela credibilidade.A gente fala, eu juro, eu vo trabalha certinho, mas não adianta eles não confiam na gente.Falam: Você é criança ainda, não fala que você é adolescente, fala que você é criança, você não pode, você vai pisar na bola.
>
> Aluno (11) - Pra arrumar emprego é um problema, ainda por cima 18 anos tem tiro de guerra, ai ninguém quer pegar. Pra arrumar emprego então tem muita dificuldade, por causa das brincadeiras, a mulecada zoa, não ta nem ai. Por causa de alguns acaba atrapalhando ou outros.
>
> Aluna (13) - As vezes a gente quer fazer alguma coisa, dependendo da idade eles não deixa.A maioria das pessoas não deixa a gente fazer o que a gente quer.Tipo, eu queria arrumar emprego, mas eles não dão emprego. A maioria não aceita com 17 anos. Tem que fazer 18 anos tudo certinho. Tem adolescente que vai fazer coisa errada por causa disso. Tem vários lugares que eles não dão oportunidade.
>
> Aluno (14) - Ah é difícil arrumar emprego né. As pessoas não confiam muito em adolescente e também quer pegar gente que é maior de idade, que já tem curso né.
>
> Aluna (16) - Eu acho que a gente tem uma discriminação pra arrumar emprego, a gente não consegue, antes da gente fazer 18 anos é muito difícil conseguir por causa da idade.Muitos lugares que eu fui pra entregar currículo eles não aceitaram por causa da idade. Antes dos 18 anos eles não tão aceitando. Eu não sei o porquê, não sei se é porque eles acham que porque é adolescente não tem responsabilidade, não sei se é por isso, talvez seja, mas eu acho isso uma grande dificuldade.

Estes aspectos se relacionam quando Elkind (2004) ressalta que existe uma pressão muito forte nos adolescentes para que estes cresçam depressa, porém apresenta conseqüências muito negativas quando essa pressão entra em choque com as proibições institucionais. Os adolescentes descobrem que muitas prerrogativas que consideram como suas lhes são negadas. De acordo com Elkind este fato leva o adolescente muitas vezes a se sentir traído pela sociedade que ao mesmo tempo em que diz para crescerem depressa também diz para permanecerem crianças.

É possível perceber a partir das falas anteriormente apresentadas que os adolescentes consideram que a dificuldade que enfrentam é por causa da "falta de confiança" que a sociedade tem com relação a eles. Considerando – os como irresponsáveis para algumas tarefas.

A justificativa dos entrevistados para esta visão que a sociedade tem sobre os adolescentes é que estes são prejudicados pela atitude de alguns. Como alguns adolescentes apresentam atitudes que são desaprovadas pela sociedade, todos são considerados como praticantes dessas atitudes, passando a vê-los de maneira homogênea. A fala a seguir salienta ainda mais estes aspectos:

> Aluna (10) - Ah, sempre tem discriminação com adolescente né, ah porque já colocam como todo o adolescente não presta, tipo por parte do adulto com o adolescente, tem muito adulto que julga que todo o adolescente parte pra droga,todos fazem coisa errada, mas não é assim, cada um tem sua cabeça, pra eles todos os adolescentes não prestam. O que prejudica os adolescentes é exatamente alguns adolescentes, esses que partem pras coisas erradas e acabam prejudicando a nossa reputação. Porque já consideram que se meia dúzia faz, o resto também faz.

A aluna que é mãe relata a experiência de ser criticada por ser nova demais para ficar grávida. Durante a entrevista pode ser percebido que ela falava com bastante revolta sobre o fato de ser chamada de criança enquanto estava grávida, por se considerar capaz de criar um filho.

> Aluna (9) - Ah, quando eu fiquei grávida, nossa né, a menina grávida, que nem falam, uma criança dentro de uma criança. Não foi o que eu planejei, mas não sou uma criança, sou capaz de arcar com as conseqüências do que eu fiz. Pessoas pra criticar aparece de monte, agora pra ajudar não vem ninguém.

A fala desta aluna nos remete a uma reflexão muito importante, pois esta critica o fato dos adolescentes serem vistos como irresponsáveis pela sociedade. Porém os próprios entrevistados disseram anteriormente que ser adolescente é ser irresponsável. Então essa não é somente uma visão dos adultos, mas também a visão que os próprios adolescentes possuem sobre essa etapa da vida. Inclusive o fato de esta aluna ser mãe nos faz pensar que a irresponsabilidade do adolescente pode ser não somente uma visão, mas algo que possui respaldo nos próprios atos dos adolescentes.

Portanto, podemos perceber que a visão que os adolescentes possuem sobre a adolescência e sobre o adolescente assemelha-se a visão que a sociedade possui, pois eles próprios caracterizam o adolescente como aquele que está envolvido com os problemas sociais por ser irresponsável, despreocupado, só quer saber de diversão, sem limites, rebeldes, etc. São essas características que vão dirigir todas as outras áreas da vida do adolescente. Porém é interessante perceber que os entrevistados apesar de eles próprios fazerem essa

representação a criticam. Isto porque pouco se enquadram nela. Mostram as divergências ao relatarem suas preocupações com o futuro, não se apresentam como irresponsáveis, despreocupados e muito menos rebeldes. As únicas características que eles demonstram se enquadrar é o fato da busca do prazer, da diversão, do querer viver a vida, como relataram.

Os adolescentes ao descreverem o adolescente e a adolescência fizeram uso de representações que são utilizadas a partir da ótica social, se apresentando de maneira homogênea, porém sem visualizar o individuo, o que pode explicar o fato desses adolescentes não se enquadrarem dentro dessa representação.

Outro aspecto importante que se apresentou nesta categoria foi o fato dos próprios adolescentes relatarem diretamente ou indiretamente o fato de que a adolescência se apresenta como um período de transição entre o mundo infantil e o mundo adulto. Estão vivenciando coisas novas, se preparando para ser adulto e em busca de uma própria identidade. Relatam situações em que vivencia as ambigüidades da sociedade, onde em algumas situações são tratados como crianças e em outras são tratados como adultos. E também o confronto que vivenciam com a sociedade para conseguirem ser reconhecidos como sujeitos de direitos.

4.3 A autoridade

Quando perguntamos aos alunos o que é autoridade, a maioria recorreu a exemplos concretos do cotidiano para mostrar o que entendem por este termo. Nas falas dos adolescentes ao descreverem o que é autoridade é possível reconhecer alguns termos como “mandar”, “obedecer”, “autorizar”, “ordem” e “respeito” que parecem ser as palavras- chaves a respeito do assunto.

> (aluna 1) Por exemplo assim ó...que uma pessoa, assim, por exemplo, autoriza a gente não fazer uma coisa, não é pra fazer.
>
> (aluno 2) É uma pessoa chegar assim falar pra você não fazer alguma coisa e você não pode fazer porque ele manda.
>
> (aluno 6) É mandar alguma coisa.
>
> (aluno 11) Ah...quando eu penso em autoridade penso no meu pai me mandando fazer as coisas. Ah sei la...pra mim é mandar alguma coisa. Também é quando a mãe pede alguma coisa, as coisas que você pode ou não fazer.
>
> (aluna 13) Ah pra mim autoridade é aquele que manda.
>
> (aluno 14) Ah...pra mim é que nem um patrão, que coloca os limites, as regras.

> (aluno 15) Autoridade é você ter que respeitar. Tem que respeitar, porque hoje em dia a juventude, os jovens estão como se diz rebeldes, não tão nem ai pra autoridade em casa, na escola, nem a policia não estão respeitando...fazer o que né.

O discurso dos adolescentes sobre o tema afirma o exercício da autoridade dos pais sobre os filhos, pois ao tentarem relatar o que é autoridade os pais apareceram enfaticamente como símbolos de autoridade.

> Aluna (3) - Autoriza você ir até a algum lugar, que nem pra mim é meus pais.
>
> Aluno (4) - Pra mim autoridade é a minha mãe e meu pai.
>
> Aluno (7) - Mandar. Por exemplo, minha mãe fala, vai fazer aquilo lá agora, tipo assim... Se você ainda não escovou o dente, ela fica lá insistindo até você ir lá e escovar o dente. Ou vai lá limpar não sei o que que você sujou.
>
> Aluna (8) - Autoridade pra mim é...por exemplo...minha mãe, chega assim e fala: Você não vai de bicicleta, ou seja não vai não vai, é isso é isso.Autoridade pra mim é isso, eles estão mandando eu tenho que obedecer, eles são meus pais, eu tenho que ter respeito por eles, se eles chegarem pra mim e falar vamos dormir agora, porque amanhã você tem escola, mesmo que a tarde eu tenho lição pra fazer, eu tenho que ir dormir naquela hora.Autoridade pra mim, é se eles falam pra mim fazer tal coisa e é o certo eu tenho que obedecer isso, entendeu.Autoridade pra mim é se uma pessoa superior a você falar alguma coisa você tem que obedecer, abaixar a cabeça.

Podemos perceber que autoridade para os adolescentes se trata principalmente de relações de mando e obediência, chegando a ser até mesmo relações de poder, onde um individuo tem o poder de se impor sobre os demais.Nestas circunstancias podemos dizer que estrutura-se em um corpo hierárquico.

Para dois alunos, entretanto, autoridade está em ensinar o que é certo e errado. Portanto estes adolescentes não entendem as relações de autoridade como uma relação negativa:

> Aluna (5) - Fala o que é certo e o que é errado. Fala assim, Ah, por exemplo, você fez uma coisa que é errado e seus pais não fala nada, quer dizer isso não é autoridade.Autoridade é fala assim...não vim bater direto...é falar assim...direitinho, eu vou deixa vocês de castigo porque você fez isso, isso e isso e ta errado.
>
> (aluna 16) Autoridade é aquela pessoa que manda o que é certo pra gente, que tenta passar o que é certo pra gente, tenta ensinar o que é certo.

Outros adolescentes demonstraram a partir de suas falas entenderem que ao tentar mudar a relação de mando e obediência será sujeito a punição. Nestes casos a obediência somente ocorre por causa do medo da punição:

> Aluna (9) - Autoridade pra mim é meu pai, eu sempre tive que obedecer ele. Quando eu penso em autoridade penso em uma pessoa brava, nervosa, senti medo né.Uma pessoa que castiga se você não fazer o que ela quer.
>
> Aluno (12) - Autoridade é a pessoa que se acha mais ou até melhor do que outras pessoas, ou no direito de fazer coisas que outras pessoas não têm o direito de fazer, entendeu. Isso pra mim é autoridade. Porque pessoas normais, por exemplo, eu, cidadão comum, não tenho direito de andar com uma arma na cintura, mas a autoridade pode, entendeu. Autoridade, eu, por exemplo, não posso sair batendo a mão em qualquer um falando: "o põe a mão na parede ai, porque eu to mandando". E se eles vêm e você não colocar a mão na parede você pode até ser agredido.
>
> Aluna (10) - São aquelas pessoas que colocam a lei, tipo impõe uma lei, da a ordem, que nem vamos falar do meu pai, que ele fala é assim, assim, assim tem que ser assim por que ele é meu pai, agora quem nem por parte de política, coloca aquela lei, que você tem que cumprir mas nem sempre é cumprido, mas ai tem uma punição pra quem não cumpre.

Enfim, a autoridade parece ser definida por relações hierárquicas, onde um manda e o outro obedece, e que se fazem presentes principalmente nas relações pais/filhos.

4.4 A família: o relacionamento com os pais

Os adolescentes entrevistados relataram ter um relacionamento bom com seus responsáveis, tanto é que as palavras usadas para descrevê-lo são: união, atenção, respeito e amizade. Para eles o mais importante dessa relação é a ligação emocional e afetiva.

> Aluno (2) - Ah, normal a gente se dá bem, tudo tranqüilo, a gente brinca, joga baralho, faz tudo.
>
> Aluna (3) - Ah, meus pais me dão muita atenção, me explica o que é certo e o que é errado.
>
> Aluno (4) - Bem.Eles me ajudam, quando to com algum problema eles me ajudam também, quando eu to triste eles perguntam o porque eu to triste.
>
> Aluno (6) - Boa. A gente se respeita.
>
> Aluno (7) - Muito boa, meu pai me ajuda quando to com algum problema né, de escola, ou com a lição.Ele tem o horário dele trabalhar né, mas sempre arruma um espaçinho pra mim.Ele trabalha quase 24 horas né, porque ele viaja, mas sempre conversa de domingo comigo que é quando ele ta de folga. Com a minha mãe é a mesma coisa, minha mãe é dona de casa né, então e manhã a gente conversa, quando ela ta lavando a louça eu sento na mesa da cozinha e a gente fica la conversando.
>
> Aluno (15) - Minha relação com meus pais é maravilhosa. Eu tenho tudo o que preciso em casa. Amor, carinho desde criança. Desde criança estiveram juntos, eles largaram mais voltaram. Tem umas discussões, mas não adianta em toda família sempre vai ter.

A este respeito Salles (1998) afirma que as pesquisas sobre relacionamento familiar realmente apontam para o fato de que os adolescentes consideram as relações familiares felizes, que falam dos pais de modo positivo, demonstrando apego e afeto a eles.

Alguns adolescentes disseram que sua relação com os pais é uma relação de amizade, inclusive comparando- a como a relação que tem com seus amigos. Como indica essas falas:

> Aluna (5) - Não é de qualquer pai, é diferente dos outros pais, a gente brinca, a gente ri, a gente sai, a gente briga, a gente faz de tudo sabe...a gente erra, a gente é como qualquer um, mas a gente é diferente dos outros porque a gente brinca, vê jornal juntos, televisão tudo junto, dorme todo mundo junto, por exemplo, se eu to com medo, minha mãe já percebe e pergunta porque eu to com medo, meu pai também, ele percebe quando eu to de bom humor e quando num to, sabe, é como se a gente fosse amigo,sabe.
>
> Aluno (12) - Mas com meu pai eu não me dou muito bem não, porque ele causou alguns problemas ai quando eu era criança. E também porque...não que eles não amem os filhos, mas eles tem uma forma de demonstrar diferente. Ele trabalha de viajar, fica duas, três semanas fora, quando vem passa um final de semana só com a gente e mesmo assim sempre ta tudo ruim, ta tudo errado. O jeito dele assim que faz da uma revolta com ele.
>
> Aluna (16) - Eu tenho uma relação muito boa, com meu pai, com a minha mãe. Tem muita gente que fica até impressionado, tenho uma relação muito boa, de amizade assim. Sempre posso contar com meu pai e com a minha mãe.

Toda relação de amizade se baseia na igualdade entre os envolvidos, portanto este aspecto aponta para o fato de que nos dias atuais a tendência é a do estabelecimento de relações mais igualitárias entre as gerações. Salles (2005) confirma esses aspectos e também evidencia o fato de que hoje as relações familiares são baseadas na participação, afeição, compreensão e no dialogo.

Através das falas dos alunos foi possível perceber que os entrevistados possuem uma melhor relação com as mães do que com os pais:

> Aluna (8) - Oh. Eu com a minha mãe a gente conversa bastante sabe. Ela é minha amiga e eu sou amiga dela, eu e ela troca segredos, ela é legal comigo eu sou legal com ela, sabe.Agora com relação a meu pai, também é uma relação boa, mas assim a gente não conversa muito, ele é muito protetor, minha mãe também é, mas ele é mais.
>
> Aluno (14) - Tranqüilo. Eles me ajudam. Eu converso mais com a minha mãe né, meu pai viaja. Mais minha mãe mesmo. Minha mãe é mais calma, meu pai é meio bravo, não tenho muito jeito de conversar com ele.

Assim, a maioria dos alunos descreve a relação com a mãe como boa. Já ao falarem do pai as descrições anteriores sobre o relacionamento familiar qualificado como bom, excelente, muito bom, começa a ser relativizado:

> Aluna (10) - A gente briga bastante, pelo fato de que antes eu tava trabalhando, e agora não mais, e sou só eu de mulher, ah agora é tudo eu, é só eu que tenho que fazer tudo, pro meu irmão é tudo tranqüilo, sobra tudo pra mim, é porque ele é homem, mulher sempre sai em desvantagem. Então a gente briga muito, ele é muito estressado.
>
> Aluno (12) - Com minha mãe tenho uma relação bem aberta, tal. A gente conversa sobre o que for não importa o que seja, de tudo. Então eu tenho uma relação assim, não só de mãe e de filho, mas de amigo.

Isto também ocorre nas relações com o padrasto:

> Aluna (1) - Só com meu padrasto, a gente não se da muito bem. Agora mesmo estamos brigados ainda. Mas eu respeito ele só não converso.
>
> Aluna (13) - Com a minha mãe é ótima, mas com meu padrasto não é não, a gente briga muito. Eu, meu irmão e ele a gente não se dá assim muito bem. Não é assim aquela coisa de se mata, é eu na minha e ele na dele. Meu irmão faz pouco tempo que mora com a gente, ele morava com a minha vó, mas eu desde os 7 anos que eu aturo ele.Antes ele não pegava assim no meu pé, as vezes ele pega muito. Eu sei que é pro meu bem né. Mas as vezes ele exagera. Com a minha mãe é diferente. Ela cria a gente desde pequeno. Meu pai morreu eu tinha 1 ano de idade, meu irmão tinha 3 meses, então ela sempre cuidou da gente.

Na maioria dos casos o principal empecilho no relacionamento dos pais com seus filhos decorre da maneira como este impõe sua autoridade. O fato de este abusar das prerrogativas de sua posição de autoridade acaba dificultando a comunicação entre eles. Como vimos, com a mãe os adolescentes “conversam sobre o que for”, “trocam segredos”, “contam de tudo”, já com os pais parece que eles não se sentem a vontade da mesma forma para terem uma comunicação aberta com eles. Então provavelmente falar de relações igualitárias e de dialogo pode ter mais a ver quando o referencial é a mãe.

O fato dos adolescentes não poder manifestar seus sentimentos e questionamentos de maneira aberta, sem sentirem-se ameaçados e com medo de serem repreendidos resulta em uma “comunicação fechada” (Wagner, Carpenedo, Melo e Silveira, 2005). Essa comunicação se caracteriza por excesso de autoridade, ordens e ameaças por parte dos pais. A comunicação passa a ser superficial e fechada, os membros se relacionam superficialmente. Neste sentido os autores afirmam que os adolescentes preferem suas mães para conversarem, pedirem

conselhos e orientações, pois acreditam que são mais abertas, aceitando mais as opiniões dos filhos.

Os adolescentes demonstraram através de suas falas que as obrigações em sua família são, principalmente, de execução de tarefas domésticas como: limpar a casa, lavar a louça, tirar pó. Como demonstra as falas a seguir:

> Aluna (1) - Limpar minha casa e ir pra escola.
>
> Aluno (4) - Ajudar meu pai e ir pra escola.
>
> Aluno (7) - Ah, a gente tem que manter a casa limpa, sabe. E às vezes eu ajudo minha mãe.As vezes eu lavo a louça, faço alguma coisa pra ela.As vezes lavo a minha roupa rapidinho.
>
> Aluna (8) - As minhas obrigações é estudar, e ajudar minha mãe um pouco, ajudar em coisas simples, tirar um pó, secar uma louça, varrer a casa, acho que é isso.
>
> Aluna (10) - Obrigação minha limpar minha casa,lavar roupa, isso e aquilo mas tem vez que eu não faço.
>
> Aluna (13) - Muita. É muita obrigação. Minha mãe sai cedo, eu fico o dia inteiro sozinha.Então eu tenho que arrumar a casa, fazer o almoço.Mas eu acho legal, eu gosto de fazer.

Além das tarefas domésticas alguns alunos também apontaram a obrigação de cuidar do irmão menor, assim como aponta as seguintes falas:

> Aluna (5) - Ah...assim...arrumar minha casa, vir pra escola, se meu irmão chega eu tenho que dar comida sabe, que mais...se eu começar a trabalhar, eu tenho que ajudar em casa só.
>
> Aluna (3) - Que nem eu acordo e minha mãe pede pra mim levar minhas irmãs e eu obedeço, ai eu ajudo minha mãe na costura, depois eu ajudo no almoço e ai eu faço minha lição.
>
> Aluno (14) - Ajudar a limpar, cuidar da casa. Cuidar dos muleque menor, não deixa fica na rua, é isso ai.

Outros alunos relataram não fazer nada:

> Aluna (9) - Nada. Minha mãe faz tudo.Tanto que ela nem queria que eu trabalhasse com 14 anos, ela me dava tudo, mas era só um período só ai ela aceitou.
>
> Aluno (11) - Em casa não tenho nenhuma.

Alguns alunos apontaram que respeitar os pais também faz parte de suas obrigações na família. Um dos alunos (aluno 15) diz que ajudar os pais se torna obrigação, pois existe a necessidade de retribuir o cuidado que eles tiveram com ele durante toda sua vida.

> Aluno (15) - A primeira coisa é respeitar meus pais, não bater, respeitar em primeiro lugar. Ajudar em casa também com certeza, porque a vida inteira eles ajudaram você.

Sarti (2007) também faz referencias a estes aspectos ao relatar que nas famílias de camadas populares é esperada dos filhos uma retribuição aos cuidados dos pais, que passa a existir como um compromisso moral. Os filhos retribuem moralmente ajudando os pais quando precisam, sendo um bom filho, honesto etc.

4. 5 A família: as relações de autoridade

Para três entrevistados tanto o seu pai como a sua mãe representa a autoridade na família. Como diz a Aluna 3:

> Aluna (3) - A meus pais são autoridade pra mim, eles mandam eu fazer alguma coisa e eu tenho que fazer. Mas isso é o mínimo que eu posso fazer, eles sempre se preocuparam comigo, procuraram o melhor pra mim.

Porém, para os demais entrevistados o pai é quem representa a autoridade. Isto colabora as afirmações anteriores que com a mãe o dialogo é maior e as relações são mais próximas. Colabora também a concepção de autoridade como relação e mandar/obedecer.

> (aluno 4) A autoridade em casa é meu pai. Com ele tem que andar na linha...
>
> (aluno 15) Eu diria que é meu pai a autoridade.

Sobre a autoridade paterna alguns alunos da EJA relataram que à medida que iam crescendo e atingindo certa idade, perceberam que seus pais atenuaram sua autoridade com relação a eles. Por exemplo a aluna 10 conta que depois que completou 18 anos o seu pai se tornou menos rigoroso, apesar de ainda assim buscar manter sua posição de autoridade:

> (aluna 10) É meu pai, ele fala, agora ele não fala muito, porque eu já tenho 18 anos, mas antes ele falava, tem que chegar tal hora e tinha que chegar tal hora.Mas ele fica impondo muito autoridade no filho, a gente acaba respeitando, ele fica muito no pé.Melhorou depois que eu fiz 18 anos e também de eu colocar uma confiança nele, falei que vou chegar tal hora ai eu realmente cheguei, ai coloco confiança nele também.Então a autoridade dele diminuiu.

Falas semelhantes a esta foram feitas por todos os entrevistados que na época estavam com 18 anos ou mais.

Porém a mãe também representa uma figura de autoridade para os alunos 1, 7, 8, 12, 13 e 14:

> Aluno (7) - É mais minha mãe né. Porque meu pai fica mais fora, mas quando ele ta ele também é. Mas como eu fico mais com a minha mãe é mais ela mesmo. É mesma coisa, só que é ela que sempre ta mais falando né.
>
> Aluno (12) - Eu diria que é minha mãe a autoridade, eu tenho um respeito muito grande por ela.
>
> Aluna (13) - É minha mãe. Minha mãe manda e nóis tem que obedece. E a gente obedece. É mãe né. Eu agradeço ela, sempre cuidou de mim né.
>
> Aluno (14) - Minha mãe. Quando ela ta limpando a casa alguém entra com o pé sujo ela fica brava. E ela ta o tempo inteiro em casa né, meu pai não.

Os alunos 7 e 14 pontuaram uma característica peculiar ao apontar a mãe como autoridade na família. É importante colocar que no caso das duas famílias os pais são caminhoneiros e a mãe dona de casa, o que para os adolescentes influencia na relação de autoridade. Os pais somente voltam para casa em torno de quinze dias para passar um fim de semana, portanto quem possui mais contato com os filhos é a mãe. Esta acaba ficando responsável por fazer valer as regras da casa e colocar os limites com mais freqüência que os pais. Como diz o aluno 7 é a mãe *"que sempre esta mais falando"*:

Para a Aluna (8) a mãe aparece como figura de autoridade em casa pelo fato de ser esta quem cuida da questão financeira da família, ela quem decide como o dinheiro vai ser empregado. Sarti (2007) diz que esta é uma característica peculiar entre as famílias de camadas populares. A mulher como uma boa dona de casa possui o desempenho de controlar o pouco dinheiro recebido, priorizando os gastos. Como a aluna 8 diz é a mãe quem sabe o que é necessário e o que não é. Inclusive Sarti relata que o controle do dinheiro é um importante fundamento da autoridade da mulher. A fala da aluna ajudara a explicitar melhor como ocorre este controle financeiro em sua família:

> Aluna (8) - A figura de autoridade na minha família é minha mãe. Às vezes meu pai também da a palavra final, mas quem faz isso mesmo é minha mãe.Minha mãe também vê no que a gente pode gastar lá em casa.Meu pai tenta releva as vezes, mas quem da a palavra final é minha mãe.As vezes a gente vai junto no supermercado é ela quem decide tudo o que é necessário comprar, meu pai só pensa em comprar besteira mas ela não deixa não. O dinheiro já não é muito, ela vive falando que a gente tem que aprender a economizar.

Para alguns alunos para a autoridade na família ser considerada legítima a pessoa que ocupa a posição de autoridade tem que cumprir com suas obrigações morais. Inclusive alguns alunos relataram obedecer a autoridade dos pais visto que estes sempre cuidaram dele, o que seria a obrigação moral dos pais. Este aspecto pode ser encontrado na fala da aluna a seguir que relata o porquê considera a autoridade da mãe legitima e, assim digna de obediência:

> Aluna (1) - Ah minha mãe é a autoridade pra mim, ela é nossa mãe né? Ela sempre cuido da gente.

Neste sentido a fala da Aluna 9 descreve uma situação muito importante ao demonstrar que ocorreu uma deslegitimação da autoridade de seu pai ao não considera – lo merecedor de respeito:

> Aluna (9) - Sempre foi meu pai né, que fala é isso é isso, não vai sair não vai sair, mas mesmo assim eu saia escondida, meu pai não aceitava que eu namorasse, sempre foi uma briga, ai eu namorei escondida, durante dois anos, agora ele já conhece, então ele até gosta do meu namorado. Minha mãe coitada... sabia mas tinha medo de contar pro meu pai.Meu pai tinha outra família, a gente foi descobrir há pouco tempo, o filho dele tem a mesma idade que eu, ai minha mãe largo dele.E ainda quer dar autoridade...não acho certo, pra isso ele tem que dar exemplo, pra ser respeitado, por isso eu sempre fui rebelde.Minha mãe não colocava muita autoridade, era sempre o que meu pai falava, deve ser por medo, não sei, eu acho que ela tinha medo de alguma coisa, sempre foi mais ele.

É possível percebermos através da fala dessa aluna que seu pai não cumpriu com suas responsabilidades morais o que acabou tornando sua autoridade ilegítima. Sarti (2007) relata que se os pais não cumprem com os deveres que correspondem a sua posição de autoridade, esta se torna ilegítima, pois a *"boa" obediência, afinal, implica a "boa" autoridade* (p.56). Não se obedece uma autoridade que não se reconhece como legitima. Neste sentido a Aluna 9 relata que: "por isso eu sempre fui rebelde". Neste caso é possível percebermos que a autoridade paterna perdeu sua força simbólica, se tornando incapaz de mobilizar os elementos morais necessários a obediência.

Os entrevistados dizem que a autoridade dos pais se baseia fundamentalmente pelo dialogo, como pode ser observado nas falas a seguir:

> Aluna (3) - Ah, eles conversam só.
>
> Aluna (8) - É assim quando minha mãe ta calma ela conversa, quando ela ta nervosa ela conversa, mas quando ela ta nervosa ela conversa mais sério, sabe aquele mais sério impondo autoridade, quando ela ta mais nervosa ela coloca a regra com uma cara mais de brava, mais trancada, quando ela ta calma ela também coloca a regra e é pra cumprir, mas menos séria, com o rosto mais sossegado. Ela impõe conversando, não é na briga, xingando, ela conversa.
>
> Aluno (15) - Autoridade pra mim não é aquela pessoa que bate.Que vai lá e espanca o filho, não.Meu pai é aquela pessoa que chega conversa com o filho numa boa.Tem que explicar o que ele ta fazendo de errado.Levar o filho pro caminho certo.

O dialogo é utilizado como uma forma de buscar conscientizar o filho daquilo que os pais consideram que é melhor para eles.

Os alunos apontaram assim que a conscientização é a forma dos pais imporem sua autoridade, ficando a cargo do filho escolher quais atitudes prefere tomar. Os pais, portanto, parecem somente aconselhar os filhos. O Aluno 12 chega a afirmar que sua mãe não manda nada, somente pede, e é ele quem decide o que quer fazer. Inclusive este aluno considera que a forma como a sua mãe e o seu pai agem não chega a ser uma autoridade:

> Aluno (12) - Não chega a ter uma regra, tem coisas que ela fala pra você fazer, tal, mas isso não chega a ser regra né.Em casa pelo menos não chega a ser isso não. Quem nem ela fala, ela não manda nada, só pede, você faz o que você quer.

No mesmo sentido a aluna 16 diz:

> Aluna (16) - Ele conversa, não é de colocar regras, ele sempre aconselha né, ai vai de você, se você acabar não obedecendo você sabe as conseqüências né, então ele deixa claro o que é certo. É isso ai.

Também o aluno 2 relata não saber como os seus pais impõem autoridade pois eles não possuem nenhuma atitude que o adolescente interprete como uma ação de autoridade. Segundo ele, seus pais não possuem dialogo com o filho, nem colocam regras:

> Aluno (2) - Ah, não sei, meu pai não fala nada pro que eu faço, nem minha mãe.

A busca de relações mais igualitárias traz transformações no modo em que os pais impõem autoridade, de forma que estes parecem preferir o dialogo. O que podemos perceber é que as relações de autoridade se tornaram mais democráticas. A este respeito Salles (2005) citando Lasch (1991) aponta para o fato de que ao buscar a igualdade nas relações familiares as exigências não existem mais. Busca-se evitar os conflitos e o que é penoso. "*A autoridade fez – se anônima, nada é verdade, tudo é certo. Os iguais nada pedem, tudo compreendem e perdoam"* (p.76).

Mas isto não é regra: os entrevistados, três alunos relataram que seus pais se utilizam de ameaças de castigo se por acaso desobedecerem a alguma regra.

> Aluna (1) - Por exemplo, se ela fala assim pra nóis, não faz aquilo, não é pra fazer porque se nóis fizer nóis apanha.
>
> Aluna (5) - É desse jeito que eu falei né, Meu pai quando, eu faço alguma coisa errada, ele fala assim: Vem aqui, você fez isso, você vai ficar um tempo sem alguma coisa ou algo, e você só vai conseguir depois que você admitir seu erro, e parar de fazer esse erro toda hora, só isso.Nunca me bate, nunca veio com nada pra me bater.
>
> Aluno (6) - Eles falam não faz isso se não você vai ficar de castigo, assim.

Parece que as formas de imposição de autoridade na família estão relacionadas a forma pela qual os relacionamentos com os pais são percebidos. Este aspecto foi demonstrado tanto nas falas dos adolescentes estudantes da 7ª série do Ensino Fundamental como também dos estudantes do EJA. O fato de alguns adolescentes terem um relacionamento ruim com seus pais ou padrasto pode ter como motivo a maneira como este exerce sua autoridade. Varias vezes esses adolescentes, independente da idade, relataram que os principais conflitos surgem quando o pai pega no pé, é muito protetor, e é rígido e inflexível. As características do comportamento do pai são descritas da mesma maneira como caracterizaram uma figura de autoridade: aquele que manda, autoriza, coloca os limites e as regras e também fala o que é certo e o que é errado. Portanto os conflitos que os adolescentes possuem com os pais podem ser derivados dos conflitos que possuem com a autoridade paterna. Por sua vez a autoridade da mãe esta mais associada a retribuições pelo cuidado que tem para com eles e para com a familia. Assim os relacionamentos familiares são estabelecidos a partir da relação de autoridade existente entre eles.

4.6 O permitido e o proibido pela família

Para entender melhor as relações entre pais e filhos foi perguntado aos alunos o que na família era permitido e proibido por seus pais. Com isto foi possível perceber que o relacionamento que em outro momento foi caracterizado como bom, neste momento apresentou alguns conflitos provocados principalmente por discordâncias dos adolescentes frente às restrições impostas pelos pais.

> Aluna (1) - Proibido é a gente assim, a gente tem horário pra entrar dentro de casa, e o permitido é fazer uma coisa que tenho que fazer, tem que entrar no horário certo e não desobedecer a ordem dela pra ela permitir alguma coisa.
>
> Aluna (5) - Não é permitido fumar drogas, sabe, bebidas, e o que é permitido...pode sair, mas, tem uma condição, tem que voltar no horário certo, ou se atrasou tem que falar o porque atrasou, o porque que não chegou no horário certo.
>
> Aluna (8) - Proibido...é, meu pai proíbe eu namorar agora e minha mãe também me proíbe desacatar regras, é proibido isso, que nem teve uma vez que ela pediu pra mim ligar, mas eu demorei um pouco, ai ela me ligou, tava no toque, mas tava no toque baixo, daí eu não escutei, mas depois eu retornei, mas ela fico muito brava comigo, por isso é proibido quebrar regra. Permitido é assistir televisão, brincar, dar risada, escutar radio um pouquinho alto. Proibido também é não fumar, não beber, ficar com boas companhias né, quer dizer, não andar com, mas companhias.
>
> Aluna (9) - O permitido é ir na escola e estudar e ir pra igreja, só, o proibido era me deixar sair, meu pai não gostava não.
>
> Aluno (11) - Nossa! Drogas na minha família é proibido totalmente. Minha mãe e meu pai falam que se pegar um dia vai taca na rua. Permitido é trabalhar, vagabundiar não é, quando fiquei desempregado não saia da rua, ai meu pai ficava muito bravo. Pra sai eles não falam nada, posso voltar a hora que eu quiser, mas isso faz pouco tempo, porque antes ele colocava hora pra mim voltar, queria colocar ordem. Agora qualquer coisa eu falo: "Ah! Já tenho 18 anos, mas ai ele fala que enquanto eu tiver morando debaixo do teto dele, tenho que fazer o que ele quer. Eu tenho que engolir, não posso falar nada.

O proibido pela família se trata, principalmente de regras para sair, horários, namoro e o uso de drogas e de bebidas que são severamente condenados pelas famílias. Há, também parece uma distinção conforme o gênero como diz a aluna 10:

> Aluna (10) - Permitido é sair, agora volta a hora que quer, ser independente no que a gente quer, e não permitido é uso de drogas, chegar na hora certa, pro meu irmão não, eu tinha que chegar tinha que ser de noite ainda, agora meu irmão, as vezes nem volta pra casa, ele faz o que quer.

Para alguns alunos parece não existir regras. Parece não existir diferença entre o permitido e o proibido, em suas casas, como dizem os seguintes alunos:

> Aluno (7) - É proibido fazer coisas erradas, como me envolver com pessoas ruins, não responder. Ah é permitido tudo de bom.
>
> Aluno (15) - Olha...meu pai não proibiu nada, ele diz que tudo são escolhas, você escolhe pra que lado você quer ir.E permitido então é você fazer as coisas que você acha que é melhor. Tinha proibições mesmo quando eu era criança, por exemplo, meu pai nunca deixou e ficar na rua, hoje em dia eu agradeço a ele.
>
> Aluna (16) - Proibido acho que...engravidar antes de casar, namorar escondido, é difícil porque meus pais são assim bem legais, então é difícil responder, não tem um permitido e proibido.

Este fato nos faz perceber que nestas famílias as regras não são colocadas claramente, inclusive não são debatidas entre os membros da família.

Todos os adolescentes entrevistados relataram não cumprir sempre as regras impostas e também com suas obrigações na família. É interessante perceber que para burlar as normas e alcançar o que deseja os alunos se utilizam de estratégias de comunicação com seus pais.

Como parte das estratégias grande parte dos alunos relataram se utilizar da insistência para convencer os pais. Com relação a este aspecto Wagner, Carpenedo, Melo e Silveira (2005) relataram que os filhos se utilizam da insistência para persuadir os pais a dar permissão para o que é desejado. No caso dos adolescentes entrevistados, estes relataram que essa forma muitas vezes tem resultado positivo por conseguir tornar flexíveis as regras dos pais. A fala a seguir mostra melhor estes aspectos:

> Aluna (8) – Ah, às vezes eu to assistindo TV e minha mãe fala que ta na hora de parar, eu fico insistindo pra ela me deixar ficar lá, falo pra ela: só um pouquinho, só um pouquinho, ai ela deixa. Outra coisa também é que fazia tempo que eu tava querendo vir de bicicleta pra escola, ela não deixava de jeito nenhum, fiquei quase um mês pra convencer ela, todo o dia eu ficava insistindo, uma hora ela cansou de me ouvir e deixou...

A Aluna (9) relata que para escapar das regras se utilizou varias vezes da mentira e da omissão. Esta foi uma maneira encontrada para conseguir o que deseja, uma vez que, se falar a verdade não será bem sucedida:

> Aluna (9) - Eu brigava muito com a minha mãe, e eu pulava a janela pra fugir.Eu fechava a porta do meu quarto e pulava a janela, eu esperava ela dormir.Um dia ela pego brigou muito comigo, falando que eu não podia fazer aquilo, ela tinha muito medo que eu ficasse grávida, ela tinha razão.Eu demorei 3 meses pra contar pra ela, mas ai não dava mais pra esconder.Meu pai não queria de jeito nenhum que meu namorado assumisse o filho falando que eu era muito nova, ele demorou muito tempo pra aceitar.Minha mãe chorou muito, eu era o bebe dela, e eu achava ela

> muito quadrada, sempre pensava: “Nossa, não tem nada a vê que ela fala”,agora eu penso que ela falava as coisas pro meu bem.Se eu tivesse escutado mais ela...

Esta aluna demonstra através de sua fala que não levava em consideração as regras da mãe por considerá-la “quadrada”, por isso não as obedecia. Porém somente quando sofreu as conseqüências de desrespeitar as regras foi que se sentiu culpada e arrependida.

Outros alunos falam do confronto direto com os pais, procurando ignorar sua autoridade:

> Aluna (1) - Falo pra minha mãe que não deu pra mim fazer ou então a professora passa uma tarefa eu falo que esqueci,que não fiz.
>
> Aluno (2) - Quando é na minha casa assim, e eles pedem pra mim ajudar eles, eu vou pra rua, saio com meus colegas.
>
> Aluna (3) - Ai eu falo pra minha mãe eu to cansada, não to com vontade, ai ela acha meio ruim, mas eu não faço não.
>
> Aluno (14) - Ah, eu do um perdido. Minha mãe manda fazer alguma coisa eu fico enrolando. Saio escondido.
>
> Aluno (15) - Tem horas que não tenho vontade de vir pra escola, eu chego cansado do serviço ai eu não venho, ai vou pra casa e durmo.Em casa também não cumpro sempre, ai tem as conseqüências dos pais ficarem meio estranhos com a gente, meio chateados, mas nada que o dialogo não resolva também.

Todos os adolescentes deixaram transparecer em suas falas que existe uma grande flexibilidade nas regras dos pais, o que pode representar uma perda de autoridade destes. Todos os alunos relataram que os pais não possuem atitudes firmes quando desafiam sua autoridade:

> Aluno 2) Não acontece nada.Só minha mãe briga assim porque eu não ajudo, mas normal, mas depois deixa quieto.
>
> Aluna (3) - Ah, as vezes ela fica sem falar comigo, sabe,mas depois volta, ai...
>
> Aluno (4) - Ah, ele só briga um pouco, mas depois passa.
>
> Aluna (5) - Ela nem briga.Ela deixa quieto.
>
> Aluna (10) - Meu pai xinga.Mas eu não ligo.
>
> Aluno (11) - Ah! Fica meio brava, mas logo passa.
>
> Aluno (12) - Eu evito contar pra ela.

Estes aspectos nos permitem inferir que os adolescentes às vezes estão em conflitos com a autoridade dos pais, o desafiando e o confrontando.

No entanto, os pais não sabem como agir frente a estas situações, assim como é demonstrado pelas falas dos adolescentes. Eles passam a hesitar sobre suas normas e sobre o que é certo e o que é errado e acabam cedendo aos adolescentes.

4.7 Castigos e punições na família

Grande parte dos alunos já havia exposto que os pais preferiam o dialogo a utilização de castigos e punições, porém isto não implica na não utilização desses elementos. Neste caso, foi pedido para os adolescentes relatarem como ocorrem – se fosse o caso – os castigos e punições em sua família. Em geral, a privação de algo que o adolescente gosta, como por exemplo, a proibição de assistir TV e de passeios, são as formas de castigo e punição mais empregado pelos pais:

> Aluna (3) - Ah que nem assim, quando a gente faz alguma coisa errada, meu pai da assim 1 mês não ficar la fora, não deixava ficar brincando com as amigas na rua, quando tem alguma viagem ele não deixa ir porque você não fiquei boa esse mês.
>
> Aluna (5) - Ah fica...sem assistir TV por uma semana.
>
> Aluno (6) - Não pode sair, fica sem televisão.
>
> Aluno (7) - Ah fica sem jogar vídeo game, sem televisão...
>
> Aluna (8) - Olha, quando eu faço alguma coisa errada, minha mãe me proíbe de assistir televisão, ou então ela não me deixa passar o fim de semana na casa da minha avó, que eu gosto sabe, não deixar meus primos vir em casa pra brincar comigo.
>
> Aluno (14) - Minha mãe deixa sem assistir televisão. Tira alguma coisa que eu queria ganhar no natal.

Divergindo da maioria dos adolescentes, alguns alunos relataram que seus pais não os castigam embora procurem controlar seus comportamentos por reclamações e xingamentos:

> Aluno (2) - Ah, não tem...eles não me põe de castigo...
>
> Aluna (10) - Meu pai só chinga, bastante, mas não da castigo.Ele joga muita coisa na cara quando chinga.
>
> Aluna (13) - Castigo nem tanto, minha mãe só reclama, mas não é aquelas mãe de bate, nem coloca de castigo, não. Às vezes da uma reclamada.

Entretanto ressaltamos que o Aluno (2) por diversas vezes diz que seus pais não o castigo, nem liga para o que ele faz.

O Aluno (15) relata que com o passar do tempo os castigos foram desaparecendo, porém relata que seu pai demorou a enxerga - lo não mais como uma criança e, portanto capaz de assumir as conseqüências de seus atos:

> Aluno (15) - Meu pai castigava até uma certa idade, quando eu tinha uns 15, 16 anos, mas depois ele parou. Mas até quando eu tinha uns 16 anos ele me tratava que nem criança e daí dava uns castigos, eu já tenho consciência das coisas que eu faço, por isso ele não precisa me castigar, mas ele demorou pra entender isso.

Podemos perceber que as regras relatadas pelos entrevistados, quando existentes, pouco se diferenciam entre as famílias, independente da idade dos adolescentes. Porém é possível perceber que os pais dos adolescentes do EJA que já são mais velhos as vezes cedem aos pedidos de seus filhos.

Outro fato em comum entre todos os adolescentes é o fato de estes entrarem em conflitos com a autoridade dos pais, procurando desafiá-los sempre que são contrariados. E os pais se sentem perdidos de como agir frente a esses defrontes.

4.8 A família: o trabalho e a busca por autonomia

A adolescência é considerada um período de desprendimento da família, portanto muitas vezes o que mais incomoda o adolescente é a dependência financeira que ainda os prende aos pais. A busca por um trabalho surge como a principal “arma” para sua autonomia e processo de independência.

Os motivos que levaram os adolescentes a trabalharem são bastante diversificados, porém a busca por autonomia financeira foi afirmada enfaticamente.

> Aluno (2) - Ah... eu gostava de mexer com carro, ai ele me chamou pra trabalhar com ele.
>
> Aluno (4) - Porque a gente veio de Minas pra cá, dai meu pai abriu o carrinho de lanches e ai eu comecei a ajudar ele.

> Aluna (9) - Tinha vontade de ser mais independente, ter meu próprio dinheiro pra poder comprar minhas coisas.
>
> Aluna (10) - Comecei a trabalhar pra ajudar meu pai, e pra mim ser independente dele.
>
> Aluno (11) - Pra poder ter as coisas e também pra ajudar em casa.
>
> Aluno (12) - Necessidade de dinheiro na família. Somos em bastante e uma pessoa só não consegue manter a família. E também pra não ficar dependendo tanto do pai e da mãe.
>
> Aluno (14) - Comecei porque quis mesmo, pra ter minhas coisas, não depende de pai e de mãe.
>
> Aluno (15) - Comecei a trabalhar porque eles sempre foram me ensinando que se eu quisesse alguma coisa teria que trabalhar pra isso.

A este respeito Sarti (2007) afirma que mesmo que o trabalho seja encarado muitas vezes como obrigação dos filhos de ajudar a família, não deixa de significar para eles – adolescentes - a afirmação de sua individualidade. O trabalho abre a possibilidade de conquistar um espaço de liberdade, onde o adolescente passa a ter acesso por si próprio aos bens de consumo.

A busca pelos bens de consumo é apontada varias vezes nas falas dos alunos ao dizerem que começaram a trabalhar para "*poder ter as coisas*".

Os adolescentes apontaram que ocorreram algumas diferenças depois que começaram a trabalhar. Todas elas faziam referencia a sua relação com a autoridade dos pais:

> Aluno (2) - A gente muda. Eu penso né, eu sei que tá errado, mas eu penso, ah eu trabalho então eu posso fazer o que eu quiser, mas ai eu penso pro outro lado e vejo que eu não posso ainda, só trabalho por mim mesmo.
>
> Aluno (4) - Fiquei mais responsável, porque o trabalho exige responsabilidade. Agora posso ter minhas coisas também, não preciso ficar mais pedindo.
>
> Aluna (9) - A gente muda um pouco, principalmente com relação ao dinheiro, antes minha mãe que me dava tudo, depois que você começa a receber começa a dar mais valor, porque eu gastava muito com a minha mãe.Depois que eu comecei a trabalhar ai sim que eu nem ligava mais pro meu pai mesmo, eu já tinha meu dinheiro, não precisava mais dele, não precisava nem olhar mais pra ele.A gente se sente mais independente.
>
> Aluno (11) - Minha mãe sempre falou cabeça vazia oficina do diabo, e ela tem razão. Sem contar que eu não preciso mais tanto deles, eu posso pagar minhas coisas.
>
> Aluno (14) - Mudo pra mim, agora tenho minhas coisas, compro minhas coisas. Não tenho que ficar pedindo pra minha mãe.Me sinto mais independente dela.

> Aluno (15) - Olha, depende muito da pessoa, eu continuo dependente do meu pai, apesar de já poder ter minhas coisas, mas confesso que a sensação de independência é maior. A mentalidade também muda.

Todos os adolescentes entrevistados que trabalham disseram que a principal diferença foi o fato de se sentirem menos dependentes dos pais.

Alguns adolescentes apontaram o aspecto de que não somente os filhos passam a encarar os pais de uma forma diferente, mas os pais também passam a ter outra visão do filho depois que este começou a trabalhar:

> Aluna (10) - A pessoa fica mais responsável, por exemplo, a pessoa que não trabalha não tem hora pra nada, quem nem eu to agora, eu acordo a hora que quero, não faço mais nada, fico o dia inteiro coçando. Agora quem trabalha tem que ter responsabilidade com horário. Meu pai é tipo daqueles que se você der um dinheirinho pra ajudar ele, você pode fazer o que você quiser da sua vida, então eu acho que quando eu estou trabalhando ele muda completamente.
>
> Aluno (12) - Ah, muda com relação a que seus pais param de te dar aquele olhar de meu bebezinho, minha criança, meu filhinho. E passa a te olharem como um adulto, responsável por si mesmo. Você mostra assim, que você já não tem mais uma dependência deles assim. Porque você mesmo se torna capaz de se sustentar e eu acho que isso o que muda na família.

O Aluno (12) ressalta o aspecto de que somente depois que começou a trabalhar seus pais pararam de tratá-lo como criança. Este fato demonstra que seus pais possuíam a dificuldade de ter um relacionamento adulto com o filho crescido. Quando o filho passou a demonstrar aspectos de que estava se desprendendo da família os pais passaram a vê-lo como um adulto. Os pais, portanto oscilam entre ver seu filho como criança e como adulto, porém parece que existe a dificuldade de vê-lo simplesmente como adolescente.

4.9 As relações de autoridade na escola

Ao serem questionados com relação a autoridade na instituição escolar, os adolescentes identificaram como autoridade os representantes da instituição: a equipe gestora, os docentes e os funcionários.

> Aluno (2) - Diretora.
>
> Aluno (4) - A coordenadora e a diretora.
>
> Aluna (5) - É a diretora né:
>
> Aluno (6) - São os professores né.

> Aluno (7) - A professora e a diretora.
>
> Aluna (9) - A diretora né, os professores também.
>
> Aluna (10) - Pra mim é a diretora e todos que trabalham aqui. Eles falam é assim, assim, assim, se não faz do jeito que é da bronca.

Entre as falas dos adolescentes a diretora foi a que se apresentou como a principal representante de autoridade dentro da escola. Muitos alunos justificaram a autoridade da diretora por reconhecer que dentro da escola existe uma hierarquia de cargos, onde aqueles que estão nos postos superiores são encarregados de supervisionarem os que estão nos postos inferiores, caracterizando um sistema de mando e subordinação entre os funcionários da escola:

> Aluno (2) - A professora é aquela que ensina a gente então a gente tem que fazer o que ela pede, e a diretora é aquela que ajuda e também é ela quem manda no professor.
>
> Aluna (8) - A autoridade na escola é a diretora, os professores, e até as serventes também são, elas mandam a gente limpar a camisa. Quando a gente faz alguma coisa errada na sala quem manda na gente é a professora e quem manda nela é a diretora.
>
> Aluno (12) - É a diretora né. A maioridade na escola. Ela impõe a autoridade nela assim, nas normas da escola. Ela faz cumprir as normas da escola. Por isso ela chega a ser a autoridade na escola. Porque ela tem as normas da escola e se você ta desobedecendo as normas da escola ela tem o poder de ir lá e te autuar por causa disso.
>
> Aluno (14) - Aqui na escola é a diretora que manda nos outros, inclusive no professor, e também tem a secretaria da educação de onde vem as supervisoras que vem aqui pra ver se as regras estão sendo cumpridas.
>
> Aluno (15) - Pra mim a figura de autoridade mesmo é a diretora. Ela que da a autoridade. Os professores dentro da sala de aula que da as regras lá dentro, que diz quando você pode conversar, beber água. Então na escola é a diretora, dentro da sala de aula os professores. Então é principalmente o diretor, que também é autoridade do professor.

A Aluna (16) justifica o fato de considerar a diretora como a principal figura de autoridade, pois é ela quem os alunos possuem maior respeito:

> Aluna (16) - A diretora e os professores. Acho que mais a diretora porque geralmente os alunos respeitam mais a diretora. Os professores falam mais os alunos não levam muito a sério, mas quando aparece a diretora, nossa, todo mundo fica com medo. A diretora acho que tem mais autoridade na escola. Porque os professores falam que vão fazer isso se o aluno não parar, mas geralmente não faz, só ameaça, mas não faz. Então eu acho que o aluno vai acostumando com aquilo. A diretora já não, já pega um pouquinho mais pesado, se precisar dar uma advertência ela dá.

Podemos perceber que esta aluna levanta o aspecto de que os alunos da escola "não levam muito a sério" os professores, pois estes não costumam cumprir suas ameaças. Parece que os professores aos poucos foram perdendo a credibilidade e os alunos não os reconhecem mais como autoridades. Porém não são todos que pensam assim:

> Aluna (3) - Os professores, eles que ficam ali, eles que vão ensinar a gente então a gente tem que respeitar eles. Tem alunos que não respeitam. É o serviço deles.
>
> Aluno (6) - Eles que mandam a gente fazer as coisas.
>
> Aluno (7) - Ah, porque ela que manda em nóis né.ela que manda fazer as coisas, se desobedecer, ela fala você não vai fazer isso.

Já a diretora é percebida como responsável pelo cumprimento das normas da escola, aplicando as punições quando necessário.

A autoridade é identificada pelos alunos como algo positivo, desejado e fundamental para um bom funcionamento da escola. Ter regras e alguém para fazer cumpri-las é visto como necessário. Neste sentido a Aluna (13) concorda que a diretora tem que ser "bem rigorosa". Como diz:

> Aluna (13) - A diretora é bem rigorosa aqui também viu. Mas também tem uns meninos aqui que exagera. Eu nunca tive nenhum problema com ela aqui, mas todo mundo fala que ela é bem chata. Eu não acho não, tem que ser assim mesmo. Não pode deixar todo mundo fazer o que quer na escola. Aqui na escola é assim, quem não vier com o uniforme vai embora, mas é necessário ter regras aqui e a diretora tenta fazer os outros cumprir.

Através das falas dos alunos foi possível perceber que o relacionamento entre os alunos e a diretora se dá de maneira impessoal e distante. O relacionamento entre eles é hierárquico, somente com o objetivo de controle e punição dos alunos:

> Aluno (4) - A diretora é brava. A gente tem medo dela. Se a gente não fizer ela dá castigo, chama os pais, chama a mãe.
>
> Aluno (11) - A diretora. Ela é muito rígida. Quando ela quer alguma coisa ninguém vai contra, todo mundo abaixa a cabeça porque teme ela né.
>
> Aluna (16) - Os professores falam mais os alunos não levam muito a sério, mas quando aparece a diretora, nossa, todo mundo fica com medo...

O medo parece, como expresso nestes depoimentos, estar presente na relação diretor-aluno nesta escola pesquisa.

Podemos perceber que as relações existentes na escola parecem não tender a horizontalidade. Este fato se diferencia da família que busca relações igualitárias. Na escola, porém existe uma hierarquia, transformando as relações que ocorrem em seu interior em relações de mando e obediência.

4.10 O permitido e o proibido na escola

Ao se perguntar aos alunos o que era permitido e proibido dentro do ambiente escolar, pudemos perceber que as regras estabelecidas na escola regulam o uso do uniforme, a permanência do aluno em sala de aula, mesmo quando o professor não está presente e o respeito aos horários impostos pela escola:

> Aluno (4) - Permitido fazer tudo o que a professora manda, obedecer a coordenadora não ficar correndo pelo recreio, e proibido trazer celular, aparelhos, não sei acho que só.
>
> Aluna (5) - Eu não faço a mínima idéia. Não sei o que é proibido na escola, sei que não é permitido vim de boné, as coisas ai não sei, só sei isso. Permitido acho que estudar e só...
>
> Aluna (13) - Na escola é proibido vir sem o uniforme. E permitido... nossa tem pouca coisa que é permitido.Ah, permitido entrar na segunda aula.

O uso de drogas (fumar, beber), brigar também são regras impostas na escola:

> Aluno (2) - Proibido é as brigas, não fazer vandalismo, não usar drogas, não beber, nem bater em ninguém, e o permitido é...eu não sei responder...
>
> Aluna (10) - Permitido estudar, ficar no pátio, comer um lanchinho, proibido, fumar cigarro e vir sem uniforme.

Mesmo que as vezes falem que desconhecem o proibido as regras são lembradas quando falam sobre a escola. Ressalta-se também que para vários deles o permitido é estudar, ou seja, o que esta conforme ao esperado deles na escola: estudar.

> Aluna (3) - O proibido...acho que não responder o professor, respeitar a todos, o permitido...não tem um permitido.
>
> Aluna (16) - Na escola é proibido não usar camiseta, nossa.Se não tiver com a camiseta vai embora, não pode ficar saindo, tem cartãozinho pra ir no banheiro.Permitido eu não sei...acho que é só estudar.

Mas as dificuldades para definir o permitido e o proibido se fazem presentes, pois como dizem esses alunos: usar drogas, proibido, mas se usa, falar ao celular é proibido, mas se fala, fumar é proibido, mas se fuma.

> Aluna (9) - Permitido é estudar, não permitido é drogas, mas mesmo sendo proibido tem.
>
> Aluno (14) - Aqui a turma fuma, a professora não gosta, é proibido briga, as vezes tem até ronda aqui na escola.Permitido é estudar né.
>
> Aluno (15) - Eu vi que tinha umas regras lá, li meio por cima e assinei, mas não sei muito bem o que é permitido e proibido não.As pessoas falam que fumar não é permitido, mas eu vejo as pessoas fumando.Eu imagino que seja difícil pra professora conter essas coisas,celular não pode, mas eu também trago porque preciso pro meu serviço.

Pelas falas dos alunos é possível perceber que eles não participam da elaboração das regras da escola.

Ao que tudo indica, não há uma discussão coletiva sobre as regras do cotidiano escolar. O jovem passa a ter um papel de figurante no processo educativo que se contrapõe com o ideal de educação que pretende a formação de um indivíduo crítico, reflexivo e consciente do mundo ao seu redor. Talvez, a escola ao agir desta maneira reforça a condição do adolescente como um não sujeito. Estes aspectos se relacionam com os estudos de Abramo (1994) que relata que a sociedade não vê o adolescente como um sujeito que possui talentos e potencialidades que podem ser aproveitados socialmente, portanto eles se encontram marginalizados no que se refere ao processo de decisão, poder e de criação social. Neste contexto os adolescentes deixam de ser reconhecidos como cidadãos. Ele se torna um mero cumpridor de regras e normas. Isto pode também contribuir para uma infantilização dos alunos em não considerá-los capazes de pensar e elaborar questões relevantes.

4.11 As obrigações no ambiente escolar

A principal obrigação exposta pelos alunos foi “fazer lição”. Porém existe uma critica de alguns alunos de que fazer lição não deveria ser uma obrigação e sim um desejo.

> Aluno (4) - Fazer tarefa, a lição... isso é uma obrigação nossa, se a gente não fizer a gente é punido por isso.
>
> Aluno (11) - Na escola é fazer lição. Não era pra ser obrigação né... mas é. Ninguém gosta de fazer lição, mas é uma obrigação já que a gente ta aqui.

> Aluno (12) - Fazer lição chega a ser uma obrigação, do jeito que os professores impõe.

Novamente os alunos falam que seu papel na escola é estudar. Estudar aqui parece ter o significado de aprender os conteúdos escolares. A formação para a cidadania consta no plano gestor da seguinte maneira: "*a educação escolar, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho*" (PLANO DE GESTÃO). Porém cabe então refletir o porquê que esses objetivos da escola não são lembrados pelos alunos.

O desinteresse pelos estudos é recorrente nas falas:

> Aluno (12) - Não fazendo lição. Tem horas assim que enjoa, fazendo muita lição assim. Só ouvindo falando, falando, falando, até coisa que você já ouviu e tem que copiar de novo, você já sabe e tem que fazer de novo.Acho que se você já sabe não precisa fazer de novo. Isso eu acho outra bobeira dentro da escola, copiar lição no caderno né, caderno não significa inteligência, não significa que a pessoa ta sabendo. Lição no caderno, minha irmã de 10 anos faz lição no caderno né.
>
> Aluno (15) - Aqui na escola eu durmo. Durmo aqui na sala mesmo, sento no fundo da sala, ligo o walkman e durmo. Às vezes faço aquelas baguncinhas em sala de aula. Principalmente quando o professor é chato, não concordo com aqueles que trazem só Xerox, então as bagunças é de propósito também.

É muito importante salientarmos que esta falta de interesse é justificada pelos próprios alunos através de fatores internos a escola. Os alunos não encontram motivação e importância em muitas atividades da escola. Inclusive o aluno (12) critica sua própria organização ao dizer que a escola é baseada no copiar lição no caderno e apresentar um ensino repetitivo sem levar em consideração o que já conhecem.

Estes aspectos se relacionam quando Salles (2005) salienta que a escola é vista pelos alunos como cansativa e desinteressante. A relação entre professor e aluno é de extrema importância, inclusive o professor é valorizado pelos alunos dependendo do relacionamento que estabelece com eles, assim como pode ser demonstrado pelas falas colocadas anteriormente. Além disso, a questão da organização do trabalho pedagógico, os procedimentos didáticos e a boa explicitação da disciplina, afetam diretamente as relações entre professores e alunos (SALLES, 1998).

Os alunos rejeitam os professores que se apresentam distantes, donos da verdade, que não demonstram dedicação, disponibilidade, sem paciência e respeito. A conversa na sala

de aula ocorre quando ensino é desinteressante (SALLES, 1998). Por estes aspectos o aluno (15) relata que as "baguncinhas" acabam ocorrendo propositalmente quando consideram o professor "chato". A fala deste aluno salienta que as conversas servem também para demonstrar revolta com relação a maneira que o professor da aula. Nestes contextos foi possível perceber relacionamentos conflituosos entre os jovens e alguns de seus professores.

> Aluno (11) - Às vezes o professor fala pra gente fazer algumas coisas e eu não faço. Já truxe garrafa de refrigerante pra tomar na sala de aula. Que nem quinta feira passada eu fui pra fora da sala e a diretora me deu um puxa de um discurso, pra que eu tivesse respeito com a professora. Mas é que tem professor que eu não vou com a cara ai não presto atenção. Não gosto de professor que passa um monte de coisa na lousa e não explica nada, ai eu fico falando com os colega meu.

Podemos perceber que a indisciplina dos alunos são elementos que dificultam a aprendizagem escolar e que estão relacionadas aos relacionamentos entre professor-aluno.

4.12 As punições e castigos na escola

As sanções aplicadas na escola se tratam principalmente de suspensão, expulsão, transferência da sala de aula, convocação da família, advertência e realização de relatórios e de tarefas adicionais.

> Aluna (1) - Aqui na escola assim se a gente não faz lição, a gente já leva tarefa pra casa, ou então fica copiando texto.
>
> Aluno (2) - Ah! Se eu bagunça, mas eu não bagunço muito, tem relatório, ou então fico lá na diretoria até chamar os meus pais, mas eles não me põe de castigo.
>
> Aluna (5) - Aqui na escola é Suspensão
>
> Aluno (6) - Na escola fica o recreio fazendo a lição.
>
> Aluno (7) - Aqui na escola o que o professor da de castigo é relatório, mas ta certo eles né, perde ponto positivo, da texto pra copiar, chama a mãe e o pai pra conversar.
>
> Aluna (8) - Na escola é suspensão, relatório, ficar sem recreio, às vezes fica sem física, não vai no laboratório que tem os computadores e ai fica na sala fazendo lição escrita, pelo que eu saiba são essas.Agora quando é muito, muito grave ai muda de escola.Alguns alunos também são transferidos de sala.
>
> Aluna (9) - Aqui na escola é levar suspensão, fazer trabalhos.
>
> Aluna (10) - E aqui na escola o que aconteceu é de uns meninos ai tomaram suspensão de uns cinco dias, mas é só isso, e xingam também.
>
> Aluno (11) - Aqui na escola é suspensão.
>
> Aluno (12) - Na escola as punições é ser expulso, tomar suspensão. Ou então o professor fazer você fazer uma lição a mais. Ou então pra você não tomar expulsão

> ou suspensão, fazer umas coisas extras como limpar a escola, algum serviço publico assim.
>
> Aluno (15) - Agora na escola acho que os únicos castigos que tem é suspensão e tomar advertência.

Através das falas dos alunos é possível perceber que diferentemente do que ocorre na família não se busca a conscientização do adolescente através do dialogo e sim através de punições.

Alguns alunos relataram não concordar com os métodos de punição da escola, pois ela somente atrapalha o aluno e o incentiva a desistir dos estudos.

> Aluno (12) - Ah! O aluno faz a coisa errada e toma suspensão de três dias, se o aluno fez alguma coisa errada dentro da escola, ele já não quer nada com nada, pelo menos no momento ele não quer nada com nada. Ou então ele não ta interessado na escola. Dai ele toma suspensão de três dias, três dias fora da escola você acha que ele vai gostar ou vai odiar? Ele vai ser a pessoa mais feliz do mundo porque ele não vai ta indo pra escola. Acho que a pior punição assim, pra uma pessoa quem faz coisa errada é ser, por exemplo, que nem nos Estados Unidos, que tem aquelas salas de punição, fazer, por exemplo, ele ficar na hora do intervalo na sala de aula, ou então fazendo lição que ele tem mesmo que fazer, com a diretora, que seria a autoridade, por que eu duvido que algum aluno chegue assim e debata com ela assim.
>
> Aluno (11) - Pra nós que falta bastante suspensão fica muito ruim, porque fica com mais falta ainda. Se a gente tem muita falta a gente repete de ano, então tem pessoas que até desistem de vir pra escola por causa disso. A suspensão não ajuda a manter as pessoas aqui, só afastam.

O Aluno 12 propõe alguns aspectos do que considera ser um método de punição adequado, porém é interessante notar que os elementos abordados parecem já acontecer na escola, pois como relatado antes pelos próprios alunos, uma das punições que existe é deixar o aluno na sala de aula na hora do intervalo fazendo lição.

No contexto escolar, nos pareceu que a autoridade se da através de uma hierarquia, baseada em mando e subordinação. Os alunos não são ouvidos, aponto de não terem participação nas regras deste ambiente que convivem. Resta a este somente aceitar as regras e ordens que são impostas. Estes aspectos se contrariam com o objetivo da escola em formar sujeitos capazes de exercer sua cidadania, já que eles não aprendem a ter uma participação ativa nas decisões da escola e conseqüentemente da sociedade.

A autoridade na escola parece se diferenciar em muitos elementos da autoridade familiar. Porém, nos representa que a principal diferença é que na família as relações tendem a serem igualitárias, o que se diferencia da escola, que como colocado anteriormente é baseado em uma hierarquia.

Os adolescentes parecem ter na família um dialogo maior com aqueles que possuem a posição de autoridade, que pode ser explicado por uma relação mais próxima entre eles, do que a que acontece no interior da escola.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi, como dito na Introdução, caracterizar o processo de adultização e infantilização do adolescente na sociedade atual e como objetivos específicos: identificar, nos discursos de adolescentes, a concepção de adolescência e autoridade, caracterizar os modos de imposição de autoridade no âmbito familiar e investigar as relações dos adolescentes com seus responsáveis.

Para tanto realizamos um estudo bibliográfico acerca dos temas abordados neste estudo. Assim como foram feitas entrevistas semi-estruturadas com 16 alunos matriculados na escola pesquisada. Através das entrevistas foi possível definir as seguintes categorias de análise: *a adolescência e o adolescente; os adultos e os adolescentes; a autoridade; a família: o relacionamento com os pais; a família: as relações de autoridade; o permitido e o proibido pela família; castigos e punições na família; a família: o trabalho e a busca por autonomia; as relações de autoridade na escola; o permitido e o proibido na escola, as obrigações no ambiente escolar; as punições e castigos na escola.*

Estas categorias nortearam nossa pesquisa e através delas foi possível perceber, entre outros aspectos, que os adolescentes, independente das idades, caracterizam o adolescente e a adolescência da mesma forma. Colocam o adolescente como aquele que é irresponsável, despreocupado, rebelde, só deseja curtir a vida, sem limites, preocupado somente com o presente. Portanto, a visão que os alunos apresentam sobre a adolescência, assemelha-se com a visão de que a sociedade possui sobre esta fase da vida. Inclusive caracterizando os adolescentes como aqueles que estão envolvidos com problemas sociais como, por exemplo, drogas e bebidas. Vão ser essas características que representam a adolescência que vão nortear todas as outras áreas da vida do adolescente, assim como os estudos, família, relacionamentos etc.

Porém um fato interessante surgiu nesta pesquisa, nos parece que os alunos pouco se enquadram na representação que eles mesmos fazem sobre o adolescente. Eles se mostram varias vezes em contradição, pois mesmo caracterizando o adolescente como irresponsável, despreocupado com o futuro e como aquele que só quer viver a vida, se mostram também

como possuidores de responsabilidades e preocupações, inclusive com as do futuro, como arrumar emprego e adquirir estabilidade financeira. Portanto criticam a visão que se tem sobre a adolescência. Isto porque pouco se enquadram nela. Neste ponto estes adolescentes entrevistados se assemelham ao constatado no estudo de Salles (1998).

Os adolescentes também relatam diretamente ou indiretamente o fato da adolescência ser um período de transição entre a vida infantil para a vida adulta. Descrevem estarem vivenciando um período de preparação para se tornarem adultos, assim como estão vivenciando coisas novas e formando uma nova identidade.

Porém os adolescentes demonstram possuir um relacionamento cheio de ambigüidades com a sociedade. É negada a eles a participação em diversas atividades que se consideram capazes ao mesmo tempo em que a sociedade exige que cresçam depressa. Estes aspectos dificultam com que o adolescente seja reconhecido como sujeito e como cidadão na sociedade.

Assim, pudemos analisar neste estudo que a adolescência é entendida como um período de intervalo entre a fase infantil e a fase adulta. Neste contexto ela é marcada de um "poder" e um "não poder" ao mesmo tempo. Este fato faz com que o adolescente em certos momentos seja tratado como criança e em outros momentos como adulto. Portanto, em alguns momentos recebem algumas responsabilidades como cuidar da casa, dos irmãos etc, porém em outros lhes são negados direitos que eles consideram seus como, por exemplo, começar a trabalhar. Em algumas situações o adolescente tem que assumir o papel de adulto precocemente e em outras ações ele volta a ser criança, por ser considerado sem maturidade suficiente. Por estas condições podemos ressaltar que a adolescência é submetida a pressões e proibições na sociedade atual. Esta condição vai nortear o jeito de ser e pensar a adolescência e o adolescente.

A autoridade para os adolescentes é caracterizada principalmente por relações de mando e obediência. Sendo assim, representada através de relações de poder, estruturando um corpo hierárquico. Neste caso um individuo manda e o outro obedece, assim como se fazem presentes nas relações entre os pais e os filhos.

As relações entre os adolescentes e os pais são caracterizadas como boas, sendo comparadas com relações de amizades. Nestes casos, pudemos perceber a existência de relações mais igualitárias entre as gerações, onde nestas famílias os relacionamentos são baseados na participação, afeição, compreensão e no dialogo.

A relação com a mãe é caracterizada pelos adolescentes como melhor do que a que possui com o pai. Apresentam uma maior afinidade com a mãe, que são mais procuradas para aconselhar do que os pais. Assim com as mães os adolescentes apresentam uma comunicação mais aberta, possuindo um maior dialogo.

O relacionamento com os pais é, algumas vezes, considerado como ruim, e tal fato pode decorrer da forma como este impõe sua autoridade. Quando o pai "abusa" de sua posição de autoridade a comunicação entre este e o adolescente acaba se dando de maneira fechada, diferentemente do que ocorre com a mãe. As características apontadas para descrever o pai, foram muito semelhantes das utilizadas para descrever uma figura de autoridade, portanto este fato nos faz perceber que as formas de imposição de autoridade na família influência a maneira que ocorre o relacionamento entre eles.

O pai se apresenta na fala de alguns adolescentes como figura de autoridade, caracterizado principalmente através da relação de mando e obediência. Sobre a autoridade paterna há relatos sobre uma atenuação desta no decorrer das idades dos filhos.

Porém a mãe também se apresenta como figura de autoridade, principalmente pelos motivos de passarem mais tempo junto com os filhos e também quando esta é responsável por cuidar da questão financeira no ambiente doméstico, fato que se caracteriza como um importante fundamento da autoridade da mulher.

A autoridade familiar é baseada principalmente pelo dialogo. Os pais, segundo os depoimentos, buscam uma conscientização dos filhos acerca do que consideram certo e errado, dando aos filhos oportunidades de escolhas. Assim, nos parece existir certa flexibilidade nas regras impostas pelos pais. Fato que pode demonstrar uma perda da autoridade destes, principalmente por serem descritas situações em que os pais não possuem uma atitude firme quando os adolescentes desafiam sua autoridade. Estes aspectos nos fazem supor que os adolescentes realmente se apresentam, algumas vezes, em conflitos com a autoridade dos pais e estes se demonstram sem saber como agir frente a estas situações, hesitando sobre suas normas e sobre o que consideram certo e errado.

Com relação à autoridade na escola, foi possível constatar que a diretora se apresenta como principal figura de autoridade, principalmente pelo fato de existir uma hierarquia de cargos no âmbito da unidade. Fato que caracteriza a existência de relações de mando e subordinação entre os envolvidos no ambiente escolar.

Pareceu-nos que a autoridade na escola se da de modo vertical. Se diferenciando da autoridade familiar que busca relações igualitárias entre os envolvidos. Na escola a obediência é pautada no medo da punição.

Pudemos perceber que a escola tende a tratar os jovens da mesma forma que a sociedade: como não sujeitos. Os alunos não participam ativamente das questões relacionadas a organização do ambiente em que convivem. Não são chamados a darem sugestões a respeito das regras da escola. Assim, existe uma contradição com o fato de a escola possuir como objetivo a formação do sujeito capaz de exercer plenamente sua cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda, KNOBEL, Mauricio. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981

ABRAMO, Helena. W. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta/Página Aberta, 1994.
_____Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n.o. 5 e 6, mai – dez, 1997.
AQUINO, J. G. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986

BECKER, D. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BILAC, Elisabete Dória. "Família: algumas inquietações", In CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*, São Paulo: Cortez, 2000.

BOCK, A. M. B. *A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano:* a adolescência em questão. **Cadernos CEDES** , Campinas, v. 24, n. 62, 2004 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Nov 2007.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação.* Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora. 1994

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAVALCANTI, V. R. S.; PETRINI, J.C: Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DE BEM, Laura Alonso.; WAGNER, Adriana. *Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 1, n. 11, 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a08.pdf>

ELKIND, D. *Sem tempo para ser criança:* a infância estressada. Trad.: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2004

ERIKSON, Erik. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, D. G. **Ir-remediável campo de sonhos de futuro: representações sociais da escola entre jovens estudantes de escolas públicas no sertão nordestino.**
2003. 256 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

GALLATIN, Judith. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row, 1978.

GHANEM, Elie. Educação e participação no Brasil: um retrato aproximativo de trabalhos entre 1995 e 2003. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Fev 2007. doi: 10.1590/S1517-97022004000100009. 4782005000100009.

KNOBEL, Maurice. Um enfoque psico-social de la juventud contemporânea. *Rev. Argentina de Psiquiatria y Psicologia de la Infancia y la Adolescencia*. Buenos Aires: Kargienam, Cuaderno 1, 1971

LEVISKY, D. L. *A Mídia – Interferências no Aparelho Psíquico.* In: Levisky, D. L. (Org.). *Adolescência:* pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. *O ter e o ser:* representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia Reflexão e Crítica.** , Porto Alegre, v. 16, n. 3, 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Ago 2007.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, mai – dez, 1997.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. *In*: A familia contemporânea em debate. CARVALHO, M. C. B. de. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000.

ROUDINESCO, E. A família em desordem. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROURE, S. A. G.. *Educação e autoridade*. GT: Psicologia da Educação, 2007. Disponível em:
< http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT20-3653--Int.pdf >

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano**: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

_____Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Revista Estudos de Psicologia**. V.22. N.1. Campinas:Unicamp, 2005.

SARTI, C. A. . A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 1. 152 p.
_____ Família e individualidade: um problema moderno. In: Carvalho, Maria do Carmo Brant de. (Org.). A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA EM DEBATE. São Paulo: EDUC, 1995.
_____ Vulnerabilidades e alternativas: uma análise de projetos sociais na área de juventude. In: 22ª Reunião Anual de Antropologia, 2000, Brasília (DF).
_____ A família como ordem simbólica.. Psicologia USP, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SILVA, Renata Raimundo da. ; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. ; TERTO, Luisa de Marilak de Souza. ; DAMASCENO, Prisciany Ramos. *Arranjos Familiares de Crianças das camadas populares*. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 8, n. especial, 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa03.pdf>

SILVA, J. M. A. P. E. ; Salles, L. M. F. . A VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE AVIOLENCIA NA E DA ESCOLA. In: 31A. REUNIÃO DA ANPED, 2008, CAXAMBU. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação, 2008. v. 1. p. 01-17.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. Cultura escolar, autoridade, hierarquia e participação: alguns elementos para reflexão. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 112, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Jan 2007. doi: 10.1590/S0100-15742001000100006.

WAGNER, A. et al. *Estratégias de comunicação familiar:* a perspectiva dos filhos adolescentes. **Psicologia Reflexão e Crítica.** , Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 Ago 2007.

Sites consultados

http://www.adolescencia.org.br/portal_2005/secoes/saiba/saiba_mais_nos.asp?secao=saiba&tema=nos <Acesso em 27/08/2007 às 15:50h>

http://www.icb.ufmg.br/lpf/revista/revista2/ontogenia/cap3.htm <Acesso em 28/08/2007 às 16:47h>

ANEXO

Quadro 1: Caracterização dos alunos entrevistados

Alunos	Série	Idade	Trabalho	Bairro onde mora	Profissão dos responsáveis
Aluna (1)	7ª	14		Santa Eliza	Padrasto: Pedreiro Mãe: Operaria
Aluno (2)	7ª	14	Ajuda o tio (borracharia)	Santa Maria	Pai: Operador de Maquina Mãe: Costureira
Aluna (3)	7ª	14		Santa Maria	Pai: eletricista e encanador Mãe: Costureira
Aluno (4)	7ª	14	Ajuda o pai (carrinho de hamburguer)	Jardim Novo Wenzel	Pai: Pedreiro e hamburgueiro Mãe: Dona de Casa
Aluna (5)	7ª	14		Jardim Panorama	Pai: Pedreiro Mãe: Dona de Casa
Aluno (6)	7ª	15		Bom Sucesso	Pai: não sabe informar Mãe: Operaria
Aluno (7)	7ª	14		Parque Universitário	Pai: caminhoneiro Mãe: Dona de Casa
Aluna (8)	7ª	14		Jardim Cidade Azul	Pai: motorista Mãe: doméstica
Aluna (9)	EJA (2º termo)	18	Atendente em uma cantina de faculdade	Cervezão	Padrasto: pedreiro Mãe: Doméstica
Aluna (10)	EJA (2º termo)	18		Bairro do Estádio	Pai: Hamburgueiro Mãe: Não sabe informar
Aluno (11)	EJA (2º termo)	18	Operário	Parque Universitário	Pai: Operário Mãe: Dona de Casa
Aluno (12)	EJA (2º termo)	17	Operário	Boa Vista	Pai: Eletricista Mãe: Dona de Casa
Aluno (13)	EJA (2º termo)	17		Bom Sucesso	Padrasto: servente de pedreiro Mãe: Doméstica

Aluno (14)	EJA (2º termo)	18	Operário	Vila Olinda	Pai: Caminhoneiro Mãe: Dona de Casa
Aluno (15)	EJA (2º termo)	18	Assistente técnico em informática	Parque Universitário	Pai: empresário Mãe: empresaria
Aluna (16)	EJA (2º termo)	18		Vila Olinda	Pai: Comerciante Mãe: Comerciante

ASSINATURAS

Autora: Marina Jutkoski

Orientadora: Profa. Dra. Leila Maria Ferreira Salles